

No debate anterior, a seguir Lei de
Affonso — com multa proibida
Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio

de condensas e
SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

Affonso
COMMERCIO DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

PARA A

FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

* * * * * ESTUDO apresentado ao
DR. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA,
digno Ministro da Agricultura, Industria e Com-
mercio, por AFFONSO COSTA, director do Serviço
de Informações do mesmo Ministerio, de accordo
com as observações e informes colhidos nos princi-
paes mercados daquelles paizes. * * * * *



RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL

1925

38260981
3823

INDICE

	Pags.
Ao leitor	1
Comercio de exportação para a França, Inglaterra e Alemanha	3
Café	19
Algodão	43
Assucar	63
Borracha	77
Carnes.	95
Couros e pelles.	109
Madeiras	123
Frutas.	133
Cacáo	147
Fumo	159
Arroz	169
Feijão.	177
Milho	183
Farinha de mandioca	193
Banha.	203
Mate	211
Côco e copra	215
Caroços de algodão	219
Castanhas	225
Babassú	229
Mamona	235
Maior expansão commercial em França, na Inglaterra e na Alemanha	239

AO LEITOR

Divulgado este trabalho nas columnas do "Diario Official", desde logo começou o Serviço de Informações a receber numerosos pedidos de exemplares avulsos, não só por parte dos interessados no commercio de exportação desta capital e dos Estados, como dos proprios representantes diplomaticos e consules das nações a que elle se refere, o que nos animou a solicitar do Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio auctorização para publical-o em livro, afim de attender áquellas solicitações e se lhe dar mais larga divulgação no paiz e no estrangeiro.

O empenho e a attenção que o Exmo. Sr. Dr. Miguel Calmon costuma dispensar a esses estudos mais uma vez se tornaram patentes, concedendo-nos, sem delonga, a auctorização solicitada e nós, ao cumprir a sua ordem, nos julgamos na obrigação de fazer notorio que, reconhecida, por ventura, a utilidade deste trabalho, pelos factos que revela e indicações e conselhos que suggere, a S. Ex. se deve a elaboração delle, pois desse eminente estadista partiu a idéa de se proceder ao exame mais minucioso e demorado do commercio brasileiro de exportação para os grandes mercados da Inglaterra, França e Allemanha, devendo-se completar essas indagações quanto aos Estados Unidos e outros paizes da Europa e America do Sul.

Elaborando esta resenha circunstanciada de factos commerciaes e Algarismos que os traduzem e completam em agosto de 1924, logo após a nossa volta dos tres paizes cujo commercio de importação procurámos estudar quanto á producção do Brasil, as estatisticas mais modernas que conseguimos cotejar eram as de 1923 (), correndo-nos o dever de agradecer de publico a gentileza com que a Directoria da Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda nos auxiliou, fornecendo-nos numeros ainda não divulgados e sem os quaes seria difficil concluir estas desprezenciosas informações.*

E' de justiça salientar tambem o valioso concurso que nos prestaram na elaboração deste estudo varios consulados da Europa, especialmente os de Hamburgo, Berlim, Paris, Liverpool, Marselha e Lisboa.

Rio, 7 de março de 1925.

AFFONSO COSTA.

—«*»—

(*) Quando se falla no correr deste trabalho em anno passado, deve-se entender 1923.

COMMERCIO DE EXPORTAÇÃO PARA A FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

Estudando as exportações do Brasil para a França, Inglaterra e Allemanha com o proposito de conhecer a marcha realizada por esse commercio nos differentes ramos que o constituem, seu desenvolvimento, depressões experimentadas por elle nos ultimos annos, razões que as determinam e providencias indispensaveis para se tornarem mais intensas as nossas relações mercantis com aquelles paizes, devemos remontar as nossas vistas a 1913, para que possamos ter ponto de partida a comparações imprescindiveis em trabalhos desta natureza.

Em 1913 a exportação do Brasil para as praças da Europa, incluindo-se nò total de seus valores os paizes que menos importavam dos mercados brasileiros, ou só o faziam em casos excepcionaes, por falta de navegação regular e outros motivos, entre os quaes ayulta a propria posição geographica de cada um delles, era representada por 578.385:000\$, convertidos então em £ 38.558.991. Os que mais pesavam em a nossa balança commercial quanto á importação de productos eram justamente a Allemanha, a Inglaterra e a França, pois aquella importava do Brasil 437.390:000\$ em mercadorias, importando a Grã-Bretanha 129.350:000\$ e a França réis 119.887:000\$000. Estes valores correspondiam em libras a 9.155.319, 8.623.309 e 7.992.442, respectivamente, na ordem em que se encontrá cada um dos paizes acima referidos.

Depois da Allemanha, da Inglaterra e da França, a nação da Europa que mais comprava ao Brasil era a Hollanda, seguindo-se-lhe a Austria, a Belgica e a Italia. A Suecia importa mais do nosso paiz do que a Hespanha e do que Portugal. A exportação para mercados hespanhoes se representa por 5.243:000\$, sendo de 4.897:000\$ para os de Portugal e de 9.859:000\$ para os da Suecia.

Si a inconstancia de algumas correntes de exportação de praças brasileiras para certos mercados da Europa, a esse tempo, se justificava pela ausencia regular de transporte e pelo commercio activo de reexportação que para elles se realizava de grandes paizes como a Inglaterra, a Allemanha e a Hollanda, o valor diminuto de nossas vendas a Portugal e á Hespanha, a respeito dos quaes não se póde allegar aquella causa, revela apenas o nosso descuido em incremental-as como nos teria sido possivel.

Desdobrada a exportação por procedencia, acharemos os maiores valores na columna do Estado de São Paulo, que concorre com 490.279:000\$ para o total de 981.767:000\$000, cifra que indica o valor de todos os productos exportados naquelle anno. Depois de São Paulo vem o porto do Rio de Janeiro com 119.509:000\$, algarismos que se justificam por ser a Capital da Republica o escoadouro de parte consideravel da producção do Rio e de Minas.

Os quadros seguintes indicam os valores da exportação do Brasil por origem e destino em 1913:

Exportação do Brasil por procedencia em 1913

Estados	Contos de réis
Amazonas.	78.374
Para.	74.725
Maranhão.	9.887
Piauhy.	98
Ceará.	12.287
Rio Grande do Norte	6.210
Parahyba.	11.902
Pernambuco.	19.570

Estados	Contos de réis
Alagoas.	4.879
Sergipe.	197
Bahia.	61.812
Espirito Santo.	20.072
Rio de Janeiro	119.509
São Paulo.	490.279
Paraná.	32.377
Santa Catharina	4.203
Rio Grande do Sul	29.986
Matto Grosso.	5.400
Total	<u>981.767</u>

Valor da exportação de praças brasileiras para a Europa em 1913

Paizes	Valor	Equivalente em libras
Allemanha.	137.390:000\$	9.159.313
Grã-Bretanha.	129.350:000\$	8.623.309
França.	119.887:000\$	7.992.442
Hollanda.	71.768:000\$	4.784.506
Austria.	46.943:000\$	3.129.566
Belgica.	24.984:000\$	1.665.607
Italia.	12.553:000\$	836.890
Suecia.	9.859:000\$	657.287
Portos da Inglaterra (á ordem)	6.180:000\$	411.998
Hespanha.	5.243:000\$	349.539
Portugal.	4.897:000\$	326.463
Turquia Européa.	3.194:000\$	212.944
Dinamarca.	2.269:000\$	150.943
Noruega.	1.488:000\$	99.231
Russia Européa.	1.104:000\$	73.578
Gibraltar.	417:000\$	27.794
Rumania.	277:000\$	18.467
Grecia.	240:000\$	16.006
Malta.	161:000\$	10.743
Bulgaria.	118:000\$	7.857
Creta.	68:000\$	4.508
Total.	<u>578.386:000\$</u>	<u>38.558.991</u>

O producto que em 1913 mais avultava em as nossas estatísticas como correspondente aos maiores valores de exportação para as praças da Allemanha e França era o café; para as da Inglaterra, ao contrario, era a borracha, e só nos occupamos do commercio do Brasil com estes tres paizes porque elles constituem o objecto exclusivo deste estudo.

No valor de 137.390:000\$, que representa toda a exportação do Brasil para a Allemanha em 1913, cabem ao café 88.511:000\$; entre os 119.887:000\$ que expressam no mesmo anno a importancia de productos comprados ao nosso paiz pela França, 86.707:000\$ indicam o valor do café. A borracha, por sua vez, representou na Grã-Bretanha e naquelle anno a mais alta cifra de suas importações dos mercados do Brasil, ou sejam: 65.784:000\$, embora o café tambem tenha concorrido com o valor de 11.679:000\$ para o total de suas aquisições em portos brasileiros, em 1913.

Depois do café, era o fumo o genero que mais apparecia em as nossas exportações para a Allemanha — 20.381:000\$ em 1913, sendo estes dous productos os que representavam, podemos dizer, toda a importação dos mercados allemães no Brasil, porque de cacáo só vendiamos então ao Imperio Germanico 2.918:000\$ e 3.863:000\$ de borracha. Nas importações da França, excluido o café, o producto que mais avultava em valor era a borracha — 14.468:945\$, seguindo-se-lhe os couros — 8.508:000\$, e ainda o cacáo com réis 3.783:000\$00.

Os maiores valores das importações da Inglaterra, depois da borracha, cabiam ao algodão — 27.673:000\$, e em seguida ao café, como já vimos.

Eram, pois, o café, o fumo e os couros os productos que, em 1913, elevavam os valores das exportações brasileiras para a Allemanha, constituindo a borracha, o algodão e o café as correntes mais intensas para a Grã-Bretanha. O café, a borracha e o cacáo, por seu turno, eram os productos exportados em maior volume e valor para a França, como se vê deste quadro:

Valor em contos de réis dos principaes productos exportados pelo Brasil para a Allemanha, Inglaterra e França em 1913

Productos	Allemanha	Inglaterra	França
Café..	88.511	11.679	86.707
Fumo.	20.381	94	1.863
Couros	10.359	945	8.508
Borracha	3.853	65.784	14.486
Cêra de carnaúba . . .	3.022	1.094	846
Carão	2.918	6.471	3.783
Algodão.	884	27.673	1.651

A analyse a que submettermos as estatisticas de nosso commercio de exportação com a França, neste ultimo decennio, a contar de 1913 a 1923, nos revela modificações radicacs e alterações violentas, não só em os valores que o representam, como em a natureza dos productos que constituem o volume geral exportado. Nesse periodo decennial, alguns paises, como a Allemanha e a Áustria, desaparecem, por varios annos, do nosso intercambio e outros, que só esporadicamente importam do Brasil, passam a manter com os nossos mercados uma corrente commercial mais activa e importante quanto a valores, porque a conflagração européa, conturbando a vida economica de todos os povos do velho mundo, obrigou-os, alliados e neutros, a appellar para as nações americanas; os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil são chamados a supprir com os fructos de seu solo uberrimo os mercados europeus, fornecendo-lhes carne, trigo e outros generos de alimentação. Deste modo e por isso mesmo, apezar das difficuldades do transporte maritimo, então immensas pelos perigos da travessia oceanica, a nossa exportação para a Europa, muito cahida em os primeiros annos da guerra e representada por 478.740:000\$ em 1918, sóbe a 1.046.648:000\$ em 1919.

A Allemanha, que, em 1917 e 1918, não figura em as nossas estatisticas, apparece em 1919 com 40.523:000\$, e a Belgica, que em 1913 apenas importa do Brasil 24.948:000\$,

importa logo 79.524:000\$. A Italia, para cujas praças exportámos, antes da guerra, 12.553:000\$, nos compra réis 66.773:000\$, e a Dinamarca, para a qual a nossa exportação era apenas de 2.264:000\$, importa em 1919 mercadorias brasileiras no valor de 40.517:000\$; a Hespanha, cuja cifra maxima de importação foi de 5.243:000\$ em 1913, elevou esse commercio, em 1919, a 35.048:000\$. São notaveis tambem os augmentos verificados nas exportações para a Suecia, Noruega e Finlandia.

De 1913 a 1919 a exportação cresce muito para mercados francezes, passando de 119.887:000\$, cifra que a representa naquelle anno, a 463.793:000\$ em 1919. Nesse mesmo periodo, entretanto, a importação de productos brasileiros na Grã-Bretanha revela augmento diminuto, porque, sendo o seu valor representado por 129.350:000\$, em 1913, é expresso ainda por 157.752:000\$ em 1919.

Assim, pois, ao passo que a França triplicou o valor de suas acquisições no Brasil, a Inglaterra conserva-se estacionaria.

Nesse periodo os paizes que mais nos compram, depois da França e da Grã-Bretanha, são a Belgica, a Hollanda e a Italia. O quadro seguinte facilita a comparação:

Exportação do Brasil

Paizes	Valor em contos de réis	
	1923	1919
Allemanha	137.390	10.523
Grã-Bretanha	129.350	157.752
França	119.887	463.793
Hollanda	71.768	64.788
Austria	46.943	7.326
Belgica	24.984	79.524
Italia	12.553	66.773
Suecia	9.859	55.881
Portos da Grã-Bretanha	6.180	18.098
Hespanha	5.243	35.084
Portugal	4.897	11.567

Paizes	Valor em contos de réis	
	1913	1919
Turquia Europa	3.194	240
Dinamarca	2.264	40.517
Bulgaria	118	36
Gibraltar.	417	3.266
Grecia	240	7.286
Noruega	1.488	17.373
Rumania	277	73
Finlandia	—	6.803

De 1920, inclusive, a 1923, ou seja no ultimo quartel, o commercio entre o Brasil e a Europa começa a entrar em caminho de franca normalidade; restabelecem-se pouco a pouco os transportes maritimos e as correntes de exportação, creadas pela guerra ou já existentes antes de 1913, vão-se firmando umas e diminuindo outras sob o dominio de differentes factores, como sejam o restabelecimento do intercambio dos paizes europeus e o augmento da propria produção, muito perturbada ou completamente interrompida durante o conflicto que os dividiu.

Os valores das exportações do Brasil para os grandes paizes do velho mundo continuam a crescer, sendo a cifra total que representa todo esse commercio em 1923 muito superior á de 1919,—ou sejam 1.046.648:000\$ em este anno, quando em 1923 o valor da nossa exportação para a Europa foi de 1.545.320:000\$000. Comparada esta cifra com a de 1913,—ou sejam 578.385:000\$, teremos que a importancia em moeda papel das exportações do Brasil em 1923 é tres vezes mais elevada do que a de 1923.

A Allemanha que em 1919 apenas começa a reatar a sua corrente de importação do Brasil e tem esse commercio expresso por 10.523:000\$, eleva-o a 112.201:000\$ em 1920, a 160.049:000\$ em 1921 e a 186.513:000\$ em 1923. Em 1921, portanto, as exportações do Brasil para a Allemanha já são superiores em valor ás de 1913, e em 1923 esse augmento, definitivamente accentuado, apesar das difficuldades internas economico-financeiras desse paiz, já se expressa por.....

50.000:000\$, comparadas as duas cifras de exportação—a de 1913 e a de 1923.

A França em o anno passado importa do Brasil tres vezes mais em valor do que em 1913, elevando-se a somma de réis 119.881:000\$, que representa esse commercio em antes da guerra, a 409.707:686\$ em 1923. No mesmo periodo, si a Inglaterra não triplica a sua importação de nosso paiz, fal-a subir, todavia, ao duplo do valor que a representava em 1913, pois, adquirindo então do Brasil 129.350:000\$ de productos diversos, principalmente borracha, algodão e café, importa em 1923 mercadorias cujos valores se declaram nas estatisticas por 229.330:000\$000.

A Italia, que em 1913 apenas comprou ao Brasil..... 12.553:000\$ de mercadorias, principalmente café, importa em 1923 variados productos no valor de 216.408:000\$000. O augmento do valor nas importações da Italia, quanto a praças brasileiras, começou a notar-se em 1918. Tendo declinado um pouco em 1919, eleva-se de novo em 1920 e segue sempre dahi em deante sem interrupção, o que nos leva a acreditar não experimente mais solução de continuidade. E' o maior surto que se registra nesse decennio quanto á exportação do Brasil para os paizes da Europa.

Cotejando-se o commercio de exportação do Brasil para os tres paizes acima apontados, França, Inglaterra e Allemanha, desde 1913 a 1923, verificaremos, quanto ao intercambio com a Europa em aquelle anno, que, si a Allemanha era então quem mais nos comprava, vindo em seguida a Inglaterra e depois a França, em 1923 a França occupa o primeiro logar na lista das nações europêas que mais importam do Brasil, vindo depois a Inglaterra, depois ainda a Italia e só depois a Allemanha. A Hollanda tambem duplica fortemente as cifras de sua importação de praças brasileiras, elevando-a de 71.768:000\$, valor de 1913, a 186.786:000\$ em o anno transacto, equiparado agora o valor de seu commercio em os nossos portos ao da Allemanha.

O quadro seguinte demonstra a posição de todos esses paizes em as estatisticas de nossas exportações de 1913 a 1923, conforme os valores respectivos em contos de réis.

Exportação do Brasil

Paizes	1913	1923
Allemanha.	137.390	186.513
França.	119.887	409.708
Hollanda.	71.768	186.079
Inglaterra	129.350	229.230
Italia.	12.553	216.408

Em 1913, o producto que mais avultava em valor, no conjunto de nossa exportação, era o café; para a importancia de 981.761:000\$, apurada naquelle anno, o café entra com 611.690:000\$, ou sejam dous terços daquelle valor. Ainda em 1923, para o total em papel-moeda de 3.297.033:000\$, valor da exportação, o mesmo café figura com a cifra de réis 2.124.628:000\$000.

Não foi, porém, o café que concorreu para avolumar nesse periodo as exportações do Brasil com destino aos paizes da Europa, principalmente para a França, Inglaterra, Italia e Hollanda, como pela simples leitura das cifras supra mencionadas se poderia inferir. Foram, ao contrario, outros *productos que, pelas necessidades da guerra, varias nações vieram adquirir em nossos mercados, formando-se, assim, novas correntes de exportação, das quaes muitas se mantem, algumas diminuem de intensidade e outras tendem a desaparecer por completo, si não acordarmos a tempo de sustental-as pelo envio de melhor artigo e mais seriedade nas remessas por parte dos exportadores.

Em 1922, quando a Inglaterra, a França e a Hollanda duplicam o valor da importação de productos brasileiros, a Italia e a Belgica o triplicam e Portugal, a Suecia e a Dinamarca augmentam-no em mais do quadruplo, a exportação de café é menor do que a de 1913 e o seu valor de 1.504.166:000\$ apenas representa metade do valor geral de toda a exportação no supracitado anno de 1922. O café sempre teve em nossa balança commercial grande peso, pela sua equivalência em

moeda e ainda hoje o tem, mas o augmento consideravel que se nota na sahida de nossos productos para o exterior, de 1913 a 1923, é devido especialmente ao desenvolvimento das novas correntes de exportação, representadas pelas carnes, madeiras, farinha de mandioca e banha e pelo manganez, arroz, assucar, babassú, feijão e milho.

O Brasil, até 1913, não exportava farinha, de mandioca para a Europa, e em 1919 a exportação desse producto é de 3.064:000\$ para a Grã-Bretanha e de 2.450:000\$ para a França; não se fazia exportação de feijão para mercados europeus, mas, em o mesmo anno de 1919, essa exportação se representa por 10.114:000\$ para a França e por 1.855:000\$ para a Inglaterra, sendo de 4.215:000\$ para a Allemanha em o anno de 1920. Surge a industria dos frigorificos nos Estados do Sul, para aproveitamento dos productos da pecuaria, e já em 1919 a Inglaterra nos compra 15.091:000\$ de carnes congeladas, a França importa 13.867:000\$ e a Italia 20.558:000\$.

O arroz, que antes era importado, começou tambem a ser exportado e a sua exportação para a Inglaterra foi de 3.102:000\$ em 1920, sendo de 2.364:000\$ para a França e de 36.243:000\$ para a Allemanha. Augmenta a exportação de assucar, representada em 1920 por 18.257:000\$ para a Inglaterra, por 1.020:000\$ para a França e por 115:000\$ para a Allemanha.

Todos esses productos constituem correntes novas de commercio, ao mesmo tempo que augmenta de volume a sahida de generos de que já se faziam grandes vendas para a Inglaterra, França, Allemanha, Italia, Hollanda, Belgica e outros paizes do continente europeu, e é isso que faz o valor total da exportação brasileira em 1923, elevando-a, como já vimos, ao triplo da de 1913.

.Os quadros seguintes demonstram o augmento global da exportação, a exportação por procedencia em 1923, o valor das novas correntes e a somma, em contos de réis, dos productos exportados para a França, Inglaterra e Allemanha, de 1913 a 1923.

Valor da exportação do Brasil em contos de réis

Annos	Contos de réis
1913.	981.768
1915.	1.042.298
1916.	1.136.888
1917.	1.192.175
1918.	1.137.100
1919.	1.178.719
1920.	1.752.411
1921.	1.709.722
1922.	2.332.084
1923.	3.297.033

Exportação do Brasil por procedencia em 1923

Estados	Contos de réis
Amazonas	68.641
Pará	73.897
Maranhão	43.861
Piauhy	—
Ceará	54.233
Rio Grande do Norte	11.612
Parahyba	27.281
Pernambuco	141.762
Alagoas	30.741
Sergipe	—
Bahia	233.285
Espirito Santo	84.819
Rio de Janeiro	627.170
S. Paulo	1.640.369
Paraná	53.367
Santa Catharina	23.168
Rio Grande do Sul	173.739
Matto Grosso	9.091
Total	<u>3.297.033</u>

1923:	Valor
Inglaterra	229.329:938\$000
França	409.707:686\$000
Allemanha	186.513:450\$000

Estudando o augmento que todos os grandes paizes europeus revelam em suas importações do Brasil em 1919, quando mais normal se vae tornando a navegação entre os portos brasileiros e os do exterior, não devemos deixar de investigar as causas que podem em grande parte justifical-o. Isoladas a Allemanha e a Austria do intercambio mercantil com o mundo, pelo bloqueio em que se viram envolvidas durante a conflagração e por isso mesmo fechado o mercado de Hamburgo ao commercio de todos os paizes do norte, centro e sul da Europa, para os quaes incontestavelmente aquelle porto era e ainda é uma das grandes praças reexportadoras, a Hollanda, a Italia, a França e a Inglaterra, com relativa liberdade de acção, começaram a importar do Brasil em maior volume, não só para seu consumo como para reexportação, no proposito de attender ás necessidades dos Balkans e de outros paizes do continente.

Avolumadas deste modo as correntes de importação desses paizes e sendo crescentes as exigencias do consumo proprio, tudo nos leva a crer que essas correntes tendem a se tornar mais intensas, não só com relação aos mercados que reexportam os productos que nos importam, como relativamente aos que já nos fazem importação directa. O apparecimento da Allemanha no commercio do Brasil e no intercambio com todos os paizes da Europa para os quaes realizava, antes da guerra, consideravel exportação de generos importados dos nossos mercados e de outros da America, não poderá alterar, de modo sensivel, em prejuizo nosso, a situação em que nos encontramos quanto ao volume de nossa exportação para o velho mundo.

O decrescimo que, porventura, venhamos a experimentar na exportação directa para alguns mercados europeus, que, pelo afastamento da Allemanha e pelas difficuldades do commercio com a Europa durante a guerra, vieram abastecer-se directamente em as nossas praças e hoje se afastam em busca de sua antiga freguezia, será compensado pelo augmento das

exportações para a mesma Allemanha e pelo maior volume das antigas correntes encaminhadas para os portos francezes e inglezes. Sendo nosso intuito neste trabalho analysar apenas o commercio de exportação do Brasil para a França, Inglaterra e Allemanha, apontando os pontos que se nos afiguram mais fracos e o que poderemos fazer para não perder o campo conquistado, entraremos, em os capitulos seguintes, no estudo exclusivo das correntes constituídas por cada um dos productos que já avultam na estatística de nossas exportações para aquelles tres destinos, attendendo á importancia dellas em volume e valor.

Os productos brasileiros que actualmente mais sobressaem em valor, nas importações da Inglaterra, são algodão em rama, assucar, borracha, castanhas e carnes congeladas, vindo o café abaixo dos couros, da banha e do caroço de algodão. Nas importações da França e da Allemanha, ao contrario, o café vem indicado pelos maiores valores. Nas importações da França o valor do café brasileiro figura com dous terços da importancia total que as representa. Depois do café os generos de maior exportação do Brasil para os mercados francezes são as carnes congeladas, os couros e a borracha.

Na Allemanha os maiores valores das importações de artigos brasileiros, depois do café, são expressos pelos couros, pelo babassú, pelo fumo e pelo cacáo. Tanto na França como na Allemanha a borracha occupa lugar secundario nas estatísticas de mercadorias importadas do Brasil. Os tres quadros seguintes indicam, por quantidade e valor, o commercio de exportação dos nossos principaes productos para Inglaterra, França e Allemanha em 1923.

Principaes productos exportados para a Inglaterra em 1923

Productos	Toneladas	Valor papel
Castanhas	8.130	14.908:000\$000
Carnes congeladas	8.859	11.654:000\$000
Algodão em rama	11.851	76.042:000\$000
Assucar	68.588	57.332:000\$000
Borracha	3.019	14.054:000\$000
Couros	4.508	1.933:000\$000
Caroço de algodão	24.488	4.278:000\$000

Productos cuja exportação se inicia ou augmenta em toneladas depois de 1913

Productos	Toneladas		
	1913	1919	1923
Banha	25	20.028	14.484
Carne	—	54.094	76.829
Manganez	122	205.725	235.831
Arroz	51	28.422	34.153
Assucar	5.371	69.428	153.175
Café (saccas)	13.268	12.963	14.466
Farinha de mandioca (1)	4.816	21.833	42.083
Feijão	7	58.607	707
Fructos para oleo	54.493	62.144	100.019
Madeiras (2)	20.310	103.823	185.029
Milho	—	4.500	34.578
Cacão	29.759	62.584	65.329

Valor das exportações para a Inglaterra, França e Alemanha

Annos	Valor
1913:	
Inglaterra	129.350:000\$000
França	119.887:000\$000
Allemanha	137.390:000\$000
1919:	
Inglaterra	157.752:000\$000
França	463.793:000\$000
Allemanha	10.523:000\$000
1920:	
Inglaterra	140.024:000\$000
França	200.458:000\$000
Allemanha	112.301:000\$000
1922:	
Inglaterra	230.415:000\$000
França	257.499:000\$000
Allemanha	140.821:000\$000

(1) Antes da guerra toda a farinha de mandioca exportada destinava-se ao Rio da Prata; o grande augmento foi devido á exportação para a Europa.

(2) Toda a nossa exportação de madeiras (pinho do Paraná) era feita para a Argentina e Uruguay; depois de 1913 se intensificou essa exportação, comprehendendo outras qualidades, com destino a praças europeas.

Productos	Toneladas	Valor papel
Banha	1.640	3.577:000\$000
Pelles	254	3.542:000\$000
Fumo	1.833	2.668:000\$000
Café	639	1.515:000\$000
Oleo de caroço de algodão.....	365	659:000\$000
Cacáo	398	567:000\$000
Babassú	638	460:000\$000
Arroz	120	81:000\$000
Pelles	3.152	59:000\$000

Principaes productos exportados para a França em 1923

Productos	Toneladas	Valor papel
Café	131.145	322.429:000\$000
Carnes congeladas	21.579	23.154:000\$000
Couros	8.403	15.954:000\$000
Algodão em rama	1.964	11.355:000\$000
Borracha	1.825	8.242:000\$000
Cacáo	4.915	7.136:000\$000
Assucar	1.766	2.042:000\$000
Fumo	1.293	2.098:000\$000
Banha	810	1.944:000\$000
Arroz	255	201:000\$000

Principaes productos exportados para a Allemanha em 1923

Productos	Toneladas	Valor papel
Café	21.839	53.588:000\$000
Couros	22.017	42.753:000\$000
Babassú	26.140	20.001:000\$000
Cacáo	5.946	8.447:000\$000
Fumo	9.897	15.919:000\$000
Borracha	1.812	8.377:000\$000
Carnes congeladas	5.114	7.344:000\$000
Banha	2.355	5.610:000\$000
Arroz	3.368	2.589:000\$000
Castanhtas.	462	1.023:000\$000
Algodão em rama	263	1.460:000\$000
Madeiras	1.405	255:000\$000
Assucar	156	207:000\$000
Oleo de caroço de algodão.....	143	186:000\$000

Trataremos particularmente, no capitulo a seguir, do café e nos posteriores dos couros, do assucar, das carnes, dos fructos oleaginosos, do algodão e dos outros productos cuja exportação mais representa em peso e valor nas estatisticas do commercio annual com a França, Allemanha e Inglaterra, indicando os defeitos que se lhes notam e as providencias que se apontam para sanal-os em beneficio de nossa maior expansão economica.

CAFÉ

Dos tres grandes paizes da Europa, que constituem objecto deste estudo, o que presentemente importa mais café do Brasil é a França, vindo depois a Allemanha e em seguida a Inglaterra. A importação realizada pela França em 1923 é muito superior á da Inglaterra e Allemanha porque se representa por 131.145 toneladas, emquanto a da Allemanha é representada por 21.839 e a da Inglaterra por 639 apenas. Adquirem hoje os mercados francezes no Brasil maior quantidade de café do que em 1913, pois a exportação brasileira para aquelle destino foi naquelle anno de 110.816 toneladas e é de 131.145 no anno passado.

Fechados os portos da Allemanha durante a guerra ao commercio com o mundo, o mercado de café de Hamburgo deixou de abastecer desse genero os paizes do norte, sul e centro da Europa, sendo em grande parte substituido nessa funcção pelas praças francezas, inglezas e italianas, que já eram mercados reexportadores, para aquelles paizes, de café, cacáo, fumo, etc. Isso determinou o augmento de maiores aquisições da França quanto ao café do Brasil, representando-se a sua importação desse producto em 1919 por 202.249 toneladas. A importação da Allemanha, já então terminada a guerra, foi apenas de 535.320 kilos.

Estudando-se as importações de café em França por procedencia e durante os ultimos annos, a contar de 1920, quando a Allemanha começa a incrementar o volume de suas aquisições nas praças brasileiras, verificaremos que as cifras representativas das importações dos mercados francezes são crescentes, o que demonstra que esse augmento já

obedece a exigencias permanentes do seu consumo e do seu grande commercio de reexportação. Importando do Brasil 93.356 toneladas em 1921, importa 97.904 em 1922 e 137.061 no anno passado. No total de 207.932 toneladas de café importadas pelos mercados francezes em 1923 contam-se 131.145 de producto brasileiro, ou seja mais de metade de toda a importação nesse anno.

Tomando-se ainda em conta a origem de toda a importação de café em França, veremos que diminuem os algarismos indicadores da importação de todos os demais paizes, ao passo que se avolumam os que indicam a do Brasil, depois do qual o maior fornecedor aos mercados francezes é o Haiti, seguindo-se-lhe a India Hollandeza, Nicaragua e São Salvador. A coincidência de augmentar anno a anno a importação do café brasileiro em França, á proporção que se nota o decrescimo do producto de todas as outras procedencias, é signal de que o genero nacional vae conquistando a preferencia desse mercado. O quadro seguinte explica melhor o que acabámos de annunciar.

Importação de café em França e em kilos (*)

Procedencia	1923	1922	1921
Inglaterra.	5.415.700	1.405.700	2.826.100
India Ingleza	3.898.100	8.199.700	6.669.500
Venezuela	5.065.100	9.147.700	8.419.600
Brasil	137.067.100	107.499.700	98.978.800
Haiti	25.824.300	32.380.600	20.243.300
India Hollandeza. . .	5.941.800	12.930.600	2.017.400
S. Salvador	5.127.300	9.075.800	5.440.200
Nicaragua	5.575.000	5.357.500	5.472.300
Estados Unidos . . .	1.537.800	5.263.100	—
Colombia	657.000	3.047.000	13.684.600
Outros paizes	11.823.600	13.841.000	—
Total	207.932.800	196.148.400	163.751.800

(*) Não ha completa harmonia entre os algarismos da nossa Estatistica Commercial e os da publicação franceza official de que extrahimos este quadro. Explica-se, como já tivemos ensejo de dizer em nosso trabalho — *Produção, Commercio e Consumo de Cacão* — essa divergencia pela maneira por que cada paiz organiza a sua estatistica.

Exportação brasileira de café

Annos	Paizes	Kilos	Valor
1913.....	Inglaterra.....	14.769.660	11.679:286\$000
1913.....	França.....	110.816.640	86.707:970\$000
1913.....	Allemanha.....	111.937.920	88.511:044\$000
1919.....	Inglaterra.....	18.518.760	25.671:572\$000
1919.....	França.....	202.249.440	302.966:032\$000
1919.....	Allemanha.....	535.320	843:474\$000
1920.....	Inglaterra.....	4.353.540	5.322:761\$000
1920.....	França.....	92.399.280	120.035:384\$000
1920.....	Allemanha.....	32.749.800	36.983:194\$000
1922.....	Inglaterra.....	30.838.200	57.659:937\$000
1922.....	França.....	97.904.340	192.279:474\$000
1922.....	Allemanha.....	26.672.460	47.871:228\$000
1923.....	Inglaterra.....	639.060	1.515:389\$000
1923.....	França.....	131.145.000	322.429:635\$000
1923.....	Allemanha.....	21.839.040	53.588:403\$000

Os mercados da Inglaterra retraem-se para o café do Brasil, o que se verifica do cotejo de nossas estatísticas de exportação relativas ao ultimo decennio. Nem mesmo durante os annos em que se fechavam os portos da Allemanha, passando os da França, Italia e Hollanda a supprirem desse producto os paizes, antigos freguezes da praça de Hamburgo, a Inglaterra augmentou as suas compras de café no Brasil. Importando 18.518 toneladas em 1919, em 1920 sómente importa 4.353 e 30.836 em 1922. No correr do anno passado a sua importação de café de procedencia brasileira foi apenas de 639 toneladas.

Do confronto dos algarismos de nossa exportação para a Inglaterra em o anno passado com os que representam as suas aquisições de café no Brasil em 1913, vê-se que a Inglaterra importa hoje muito menos do que importava antes da guerra, porque em 1913 essa importação tinha sido de 14.769 toneladas e agora é apenas de 639. E' conveniente confessar que o decrescimo verificado nas importações de café na Grã-Bretanha, em 1923, não se refere sómente ao Brasil; ao contrario, esse decrescimo deu-se egualmente nas importações provenientes de todos os demais paizes.

Importando em conjuncto, de todas as procedencias, 55.326 toneladas de café em 1922, a Inglaterra apenas importa 22.229 em o anno transacto; mas ao passo que, na cifra geral das importações de 1922, o Brasil figura com 30.982 e é assim o maior fornecedor desse producto aos mercados inglezes, em 1923 apenas concorre com 528 toneladas para o total de 22.229, cabendo deste modo o primeiro logar, entre os paizes que actualmente mais exportam para os mercados da Grã-Bretanha, á America Central e á Africa Ingleza, como se vê do seguinte quadro, extrahido de publicação official:

Importação de café na Inglaterra em 1922 e 1923

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
America Central	12.513.208	8.148.320
Colombia	1.606.804	1.138.377
Brasil	30.982.920	528.240

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Af. Occi. Ingleza	4.558.182	6.913.476
India Ingleza	3.408.781	3.861.917
Outros paizes	2.256.893	1.638.683
Total	<u>55.326.788</u>	<u>22.229.013</u>

A Allemanha que, em 1913, era na Europa o maior mercado para o café do Brasil, importando então 111.937 toneladas, quando a França importava 110.816 e a Inglaterra 14.769, ainda não conseguiu retomar a sua antiga posição no commercio mundial desse producto de que Hamburgo era o maior centro distribuidor aos paizes vizinhos, antes da guerra. Depois de ter importado cerca de 53.000 toneladas de café brasileiro em 1921, restringe as suas compras em 1922 a 26.672 e ainda a 21.839 em 1923. Essa restricção dos ultimos annos, depois do surto de 1921, foi occasionada pelos embaraços economico-financeiros em que se viu enleada a nova Republica, neste periodo de exigencias e obrigações que o tratado de paz lhe impõe e para cujo cumprimento e execução ainda agora se discutem modos e fórmulas garantidores e efficazes.

Tendo-se sob os olhos a estatistica da importação por origem na Allemanha, vê-se que esse paiz recebe annualmente café de numerosas procedencias, como grande mercado de consumo que é e praça distribuidora desse producto a outros muitos mercados pelo porto de Hamburgo. São-lhe fornecedores habituaes, além do Brasil, a India Hollandeza, Guatemala, São Salvador, Venezuela e a Colombia. As importações do Brasil, todavia, abrangem sempre dous terços das cifras que representam a importação geral; no conjunto de 38.730 toneladas importadas pela Allemanha em o anno passado, 28.947 foram exportadas dos mercados brasileiros, Rio e Santos. Na importação de 1922, representada por 36.796 toneladas, o Brasil corre com 26.840. Aliás essa superioridade de volume do café do Brasil em todas as grandes praças da Europa e da America é natural, conhecida a massa geral da producção de nosso paiz ou sejam dous terços do café que se colhe no mundo. O quadro seguinte indica a importação feita pela Allemanha em 1922 e 1923.

Importação de café na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Africa Oriental Inglesa.....	90.600	100.000
Africa Occ. Portuguesa.....	112.300	45.500
India Hollandeza	2.585.500	531.200
Brasil	26.840.600	28.947.900
Colombia	302.200	205.600
Costa-Rica	139.500	293.500
Guatemala	4.346.500	4.674.600
Mexico	396.200	641.400
São Salvador	922.200	1.180.400
Venezuela	780.800	1.526.500
Outros paizes	279.900	584.300
Total	36.796.300	38.730.900

A produção do café brasileiro sempre mereceu do Governo da Republica a mais acurada solicitude, cooperando a União com os maiores Estados productores para a pratica de providencias que a amparassem nos grandes mercados do exterior. A propaganda feita pelo Brasil no estrangeiro, a favor da produção nacional, abrangia sempre o café como seu especial objectivo, desenvolvendo-a tambem, com os seus proprios recursos e nas maiores praças de consumo, o Estado de S. Paulo. Dos negocios de café, relegada a borracha a plano inferior, se falla muito na Europa e nos Estados Unidos, o maior mercado de importação para o producto indigena e é o café principalmente, tanto na Europa como na America, que evoca, ainda hoje, á lembrança o nome do Brasil.

A verdade, entretanto, é que, si a exportação do café nacional, neste ultimo decennio, apresenta augmento de cerca de 1.200.000 saccas, comparada a de 1913, — expressa por 13.268.000 — com a de 1923, representada por 14.466.000, as importações da França, Inglaterra e Allema-

na, em o mesmo periodo e em conjuncto, diminuíram sensivelmente, embora tenha augmentado de 20.000 toneladas a da França, como se vê do seguinte:

Exportação de café para a França, Inglaterra e Allemanha (*)

Paizes	1913	Toneladas
Inglaterra		14.769
França		110.846
Allemanha		111.937
Total		<u>237.522</u>

Paizes	1923	Toneladas
Inglaterra		639
França		131.145
Allemanha		21.839
Total		<u>153.623</u>

Dous factos devem ser nomeados como causa principal desse decrescimo em as importações de café nos mercados da Inglaterra, Allemanha e França, nos ultimos annos, em confronto com as de 1913 e justamente quando já se normalizam as communicacões maritimas entre o nosso paiz e as grandes praças francezas, inglezas e allemãs. Esse dous factos são: o augmento extraordinario das fabricas de succedaneos, sobretudo no continente europeu, augmento altamente favorecido pela escassez do verdadeiro producto durante o periodo agudo da guerra, no qual mais vivas foram as necessidades do consumo e a importação directa que varios paizes do centro, sul e norte da Europa começaram a reali-

(*) Apuração feita de accôrdo com os numeros da estatistica official brasileira. Como já vimos, ha entre esta e a dos demais paizes certa differença, que, em todo caso, não altera a nossa affirmacão.

zar do Brasil, quando os mercados reexportadores se retrahiam pela crise dos transportes e o de Hamburgo ficava completamente isolado.

Na Europa sempre houve certa prevenção contra o uso de café puro, principalmente em França, considerado excitante por uns e tido por outros como tónico magnífico e excelente. — “nectar delicioso que facilita a digestão, alegra o espirito e afasta o somno». Apesar disso e por isso mesmo, o uso do café se generalizou, tornando-se esse producto objecto de largo, constante e valioso commercio, não só pela venda em grosso nos mercados de importação e reexportação, como pelo apparecimento, em todas as grandes cidades do mundo, de numerosas casas em que se offerece ao publico, que as frequenta, a decocção já preparada em taças, canequinhas, chcaras e copos, como em Paris.

Crescente embora a produccão de café, o seu preço nas praças da Europa é relativamente elevado, o que facilita a venda das differentes misturas que se propõem substituí-lo pela barateza, ou torna-o menos *nocivo* pela addição da chicorea, base de todos os seus numerosos succedaneos. Antes mesmo da guerra já se contavam por centenas as fabricas desses subrogados em varias cidades da Europa; a guerra, difficultando as importações, pela crise dos transportes maritimos, das zonas productoras aos portos europeus e por outro lado as exigencias do consumo, aggravadas pela necessidade de proporcionar aos exercitos o uso do café (então muito recommendado), estimularam a fabricação dos succedaneos, que passaram a ter em alguns paizes regulamentação especial.

«Se a fabricação dos succedaneos é antiga — escreve o Dr. Octavio Paranaguá, consul do Brasil em Praga, — não existia, porém, em tão grande escala, ha poucos annos.

Durante a guerra, a falta de café e de outros productos, occasionada pelo bloqueio, fez surgir innumeradas fabricas de succedaneos de toda a sorte de generos e artigos. A Allemanha e a antiga Austria-Hungria, exactamente na actual Tchecoslovaquia, tornaram-se afamadas como paizes dos succedaneos (Ersatz). As populações habituaram-se, assim,

a beber os succedaneos do café. Acabada a guerra, as fabricas de subrogados de café, como as de outros generos, perceberam as difficuldades que lhes adviriam da normalização da vida do paiz e desenvolveram intensa propaganda dos seus productos. A resistencia não durou muito, mas as fabricas de succedaneos do café mantiveram-se prosperas durante os tres ultimos annos.

Não é de extranhar que assim succedesse, pois a fabricaçõ dos subrogados havia realizado grandes aperfeçoamentos e os cambios avariados de muitos paizes quasi fizeram do café, pelos preços elevados por que era vendido, um artigo de luxo. As causas do desenvolvimento da fabricaçõ e do consumo dos succedaneos são, portanto, os preços altos do café, o aperfeçoamento da imitação do café e dos seus processos adeantados e a intensa propaganda desenvolvida pelos industriaes, contra o café e a favor dos succedaneos.» (*)

As duas maiores fabricas de succedaneos na Tchecoslovaquia e talvez em toda a Europa são as de Kolin e de Pardubice. A capacidade de producção da fabrica de Kolin é de 20 toneladas de succedaneos de café por dia. A fabrica de Pardubice póde produzir, como fazia durante a guerra, 30 toneladas. Esta é a capacidade de producção das fabricas de duas firmas que contam ainda mais de dez outras fabricas, respectivamente.

A base da fabricaçõ dos succedaneos é a raiz da chicorea. A materia prima depende da encomenda. Existem succedaneos com maior ou menor quantidade de chicorea, de cevada, de figo, de centeio, de amendoas, de amendoim, etc. A fabrica de Kolin produz succedaneos com 5 % de café, porém isso só se dá quando ha recommendaçõ especial.

Na campanha em prol dos falsos cafés, as fabricas vão até ao ponto de procurar impedir o uso do verdadeiro pela sua *nocividade* e para isso fazem acompanhar os pacotes de suas tisanas com attestados medicos deste jaez: «Toda a pessoa que toma cuidado com a propria saude e com a de sua familia e quer prestar um serviço sanitario ao seu povo

(*) Relatório apresentado ao ministro do Exterior-1923

deve esforçar-se para, além das bebidas alcoolicas, que tanto mal fazem aos nervos, banir tambem o café de sua mesa e substituí-lo por outra bebida que seja saudavel».—Dr. *Jorge Glitter*, Universidade de Graz.

São, pois, os succedaneos do café, publicamente vendidos, imitações de café ou suas falsificações, largamente propagados e retumbantemente recommendados, os mais decisivos factores contra o crescer do consumo do verdadeiro café na Europa e consequentemente contra o augmento das nossas exportações para a França, Inglaterra e Allemanha, com tanto maior prejuizo para o consumo do café legitimo quanto mais vai crescendo a dóse de chicorea que entra na composição de todos os subrogados, como se vê do quadro seguinte, organizado pelo Dr. Hubert Ley, da Camara de Commercio da Alsacia e Lorena e publicado no interessante estudo do Dr. Isaltino Costa, intitulado — *As Nossas Exportações — 1922* — São Paulo:

Dosagem dos succedaneos (*)

Paizes	Annos	Café	Chicorea
Allemanha.....	1918	30 %	70 %
	1919	20 %	80 %
Alsacia e Lorena.....	1918	20 %	80 %
	1919	10 %	90 %
Belgica.....	1918	25 %	75 %
	1919	25 %	75 %
Dinamarca.....	1918	30 %	70 %
	1919	30 %	70 %
França.....	1918	35 %	65 %
	1919	25 %	75 %

(*) Como se vê do que nos refere o consul Paranaguá, a dose de café empregado ultimamente nas fabricas dos succedaneos vae des-cendo até 5 % apenas.

Paizes	Annos	Café	Chicorea
Hollanda.....	1918	70 %	30 %
	1919	60 %	40 %
Inglaterra.....	1918	50 %	50 %
	1919	40 %	60 %
Suissa.....	1918	60 %	40 %
	1919	70 %	30 %

Ao lado desse factor devemos levar em conta, quanto ao decrescimo de nossas exportações para os mercados francezes, inglezes e allemães em 1923, a importação directa mais volumosa que já realizam no Brasil alguns paizes outrora tributarios das praças reexportadoras da França, Inglaterra e Allemanha, não esquecendo que a capacidade acquisitiva desta ainda se acha muito limitada, emquanto, por outro lado, a Inglaterra faz maiores importações do producto de suas proprias colonias, cujas colheitas têm augmentado nos ultimos tempos.

A exportação directa do Brasil para a Dinamarca, Suecia e Noruega augmentou consideravelmente de 1913 a 1923. A Dinamarca comprava nos portos brasileiros 47.274 saccas de café em aquelle anno; agora a sua importação se representa por 205.728 saccas. A importação da Suecia era de 212.034 saccas em 1913 e passou a ser de 438.452 em o anno transacto. Para a Noruega exportavamos, antes da guerra, 33.113 saccas, volume que, em 1923, subiu a 59.468. Ora, sommando-se estes augmentos verificados em os tres paizes tributarios hontem e ainda hoje, embora em menor escala, dos mercados intermediarios da França, Hollanda, Inglaterra e Allemanha, encontraremos um total de 411.227 saccas a mais na importação directa desses dous paizes, o que póde explicar o *deficit* que se nota nas importações da França, Allemanha e Inglaterra no ultimo anno comparativamente ao de 1913. O quadro seguinte facilita o confronto:

ça, sempre acompanhado de uma pequena porção de leite que se lhe deve addicionar. Na Inglaterra, e principalmente em Londres, é torrado demais e por isso lhe achamos, de continuo, o gosto de queimado, mesmo quando se trata de café bom e puro, o que é rarissimo em qualquer cidade da Europa.

Do café usado em França, no Havre, em Marselha e Paris, nada é preciso dizer mais; é geralmente pessimo, pois é, sem excepção, misturado com chicorea, quando não é só e exclusivamente um subrogado ou succedaneo dos muitos que se propagam em toda a parte. Aliás, tanto o parisiense como o berlinense e o londrino parece confessarem isso tacitamente porque não o tomam puro, sendo o café, quando offerecido á mesa, em qualquer parte, pensão, hotel, restaurante ou casa particular, acompanhado sempre de leite, e isso succede invariavelmente em Paris, Londres e Berlim.

O defeito, quando não se trata de subrogado de café, mas sim deste legitimo producto, está na torrefacção; o estrangeiro, tanto na Allemanha como na França e na Inglaterra, não sabe torrar café e por isso deixa-o perder, nesse processo que é delicadissimo, a excellencia do seu perfume e do seu sabor. D'ahi o acharmos em Berlim o gosto de crú, em Londres o de queimado e em Paris ora o de crú ora o de queimado, quando a chicorea, em dose menos elevada, permite que se lhe tome o paladar, e o que se diz dessas grandes capitães, applica-se com a mesma justeza a todas as demais cidades em que o uso de sua degustação está largamente espalhado.

E' esta mesma observação que ao Governo da Republica communicou o Dr. Oscar Correia, consul do nosso paiz em Southampton, em documento criteriosa e cuidadosamente elaborado e no qual suggere ao Brasil, pelos meios mais habéis, a conveniencia de tomar a iniciativa de ensinar ao mundo o preparo do café — Por interessante, reproduzimos aqui o seguinte trecho desse trabalho: «Ainda é tempo de se levar a effeito uma tentativa capaz de rehabilitar o café nacional nos centros em que elle é consumido em maiores proporções. A mais elementar prudencia aconselha o re-

Exportação de café brasileiro

Paizes	Annos	Saccas
Dinamarca.....	1913	47.274
	1923	205.728
Suecia.....	1913	212.034
	1923	438.452
Noruega.....	1913	33.113
	1923	59.468

Essa differença de quasi 100.000 saccas a menos que nos apresenta em 1923 a exportação brasileira para os tres paizes da Europa que constituem objecto deste estudo, Alemanha, França e Inglaterra, em confronto com a de 1913, mesmo justificada pelas razões que acima apontámos, nos deve impressionar no sentido de promovermos o alargamento desses mercados ao nivel de sua capacidade de antes da guerra, e isso só se obterá pela mais viva propaganda em moldes puramente commerciaes, pelas vendas em grosso e pelo consumo em maior escala da propria decoecção, bem preparada e convenientemente servida nos *cafés* das grandes cidades, restaurantes e hotéis de numerosa concurrencia.

Hoje, o café que, em geral, se toma em Berlim, Paris e Londres e em outras muitas cidades da França, Alemanha e Inglaterra, é simplesmente detestavel, quer nos *cafés*, restaurantes e hotéis, quer em pensões e casas particulares, o que se explica pela má torrefacção e moagem do producto e até mesmo pelo pessimo preparo da infusão, quando sabemos que o mais excellente café, não sendo bem torrado, bem moido e bem preparado, produz uma bebida sem perfume e de paladar que não agrada a quem lhe conhece o verdadeiro sabor.

Na Alemanha o café é mal torrado e sente-se-lhe, quando preparado, o gosto de crú. Nos *cafés* e confeitarias de Berlim é servido em chicaras, sendo trazido em bule de lou-

curso immediato á propaganda moderna bem conduzida e victoriosas, porque, tomando, á guisa de exemplo, o caso das Ilhas Britannicas, quasi ninguem sabe preparar entre os seus 38.000.000 de habitantes a saborosa rubiacea que, entretanto, é tão apreciada, apezar de ser tão desastradamente servida, quer nos hoteis, quer nas casas de familia, desde a mais abastada até a mais modesta.

Por que, em summa, não toma o Brasil a iniciativa de ensinar o mundo a preparar café?»

Reside, de facto, todo o mal nessa falta de conveniente preparo do café, desde a sua torrefacção e moagem no verdadeiro ponto, até á feitura da decocção, que em cada paiz e em cada fabrica se faz de modo differente. O uso das machinas para preparar, por atacado, grande quantidade de café em geral mal torrado, mal moido e sempre velho por ser guardado durante muito tempo depois da moagem, concorre para estragar-lhe o sabor e privar-o do perfume, mesmo quando o producto utilizado é de qualidade excellente.

Para combater esse mal e tornar o café mais agradável e por isso mais intenso o seu consumo, nos numerosos estabelecimentos que exploram esse commercio, nas grandes cidades da Europa, onde, apezar de sua relativa carestia, elle já conquistou avultada clientella, o que se nos afigura mais acertado é fornecer aos consumidores um producto bem torrado e moido, dotado de todas as suas excellencias, sabor e perfume, bem como servir-o em decocção preparada como deve ser para se tornar saborosa e aromatica. Esse objectivo será conseguido pela montagem de casas especiaes nos maiores centros de Paris, Londres e Berlim.

Obedecendo a esta orientação e servindo em parte a essa iniciativa, abriu-se em Paris, em fim do anno passado, em a rua Rambutteau a *Casa Brasil*, de propriedade dos Srs. Thomas Costa & Comp., com torrefacção de café e vendagem desse producto, não tendo, porém, essa firma brasileira preparado salas para sua degustação. O producto é bom e tem numerosa freguezia. Os seus proprietarios, segundo nos informam, estão bastante animados com os resultados que vão obtendo.

Contam-se tambem nos grandes *boulevards* dous bem montados estabelecimentos de torrar e vender café, não só em pó como em decocção, preprada em machinas do typo usado geralmente em S. Paulo e no Rio, impondo-se-nos confessar que esse café é magnifico, pois a sua torrefacção é perfeita e completa e a infusão perfumosa e de bom sabor. Ambos esses estabelecimentos se denominam *Maison du Café* e ficam collocados, um no *boulevard* Montmartre e outro no *boulevard* des Capucines.

Não ha cadeiras na *Maison du Café*, nem mesas em torno das quaes se possa sentar a freguezia; o café é servido ao correr do grande balcão sobre que se acham collocadas as machinas á vista do publico e todos os clientes ficam de pé; é uma freguezia que entra e sahe, não se demora, nem palestra, como sempre acontece em todos os *cafés* de Paris, Berlim e Londres. O café é excellente, mas apresenta um defeito facil de ser corrigido. Collocada a chicara (não se usa canequinha ou taça como entre nós) sobre o pequeno aparador da machina e sob a torneira, ficando esta bem distante daquella, a quédia da decocção faz apparecer no liquido, já depositado, uma espumarada que adhere ás bordas da chicara, cobre o café e desagrada. Uma simples modificacção no aparelho, para avisinhar a chicara da torneira, eliminará aquelle inconveniente.

A não ser nesses dous estabelecimentos, todo o café que se degusta em Paris, em hotéis, restaurantes ou casas particulares, é sempre pessimo, mesmo o que se recommenda pela denominação de café-filtro e é mais caro nos maiores *cafés* da cidade e até no conhecido Café de la Paix e nos custa 1 franco e 50 á canequinha. O uso de servir café em cpo em toda Paris e a junção que se lhe faz de leite são habitos que parecem ter por causa a necessidade de esconder, mesclar, ou melhor, disfarçar o máo gosto da beberragem com essa mistura. Dir-se-á que o parisiense, como o berlinense, depois da guerra, tomam café por vicio, convencidos aliás do seu desagradavel sabor; mas, como são instinctiva ou machinalmente levados a usal-o, armam-se desse recurso para poder tragar a detestavel tisana, a cujo dominio não se podem evadir.

Em toda a Europa o preço do café torrado ou sua decoção é elevadissimo e por isso, como já dissemos, se alastra com intensidade pasmosa a industria dos succedaneos, muito desenvolvida durante a guerra e ainda agora.

Em Paris e em junho deste anno, o café torrado de boa qualidade custa de 8 a 10 francos por libra.

As cotações do café do Brasil, Rio e Santos, em os grandes mercados do mundo, tanto nos Estados Unidos como na Europa, são inferiores sempre ás do producto de outras procedencias, notadamente da India, Mexico, Nicaragua, Porto-Rico, Colombia e Costa Rica. Em agosto ultimo, em Londres, o café de Santos era cotado por 105 e 110 shillings por 50 kilos, enquanto o da India alcançava as cotações de 145 e 155, o da Costa Rica as de 155 e 160 e o Moka as de 122-125. Em Nova York, nos primeiros dias de setembro, os typos Rio e Santos oscillavam entre 17 e 19 $\frac{3}{4}$ cents. por libra, ao passo que os da India e do Mexico obtinham o preço de 26 cents, o da Colombia o de 25 e o de Porto-Rico o de 24. Os quadros que vão adiante demonstram estas differenças de cotações do producto brasileiro comparadas com as do de outras procedencias:

Preços de café em Londres

(Fins de agosto de 1924)

Procedencia	Preço por quintal
India Oriental 1ª.....	145 sh. 155
India Oriental 2ª.....	130 sh. 146
Costa Rica 1ª.....	155 sh. 160
Costa Rica 2ª.....	140 sh. 162
Uganda	105 sh. 125
Jamaica	105 sh. 110
Moka	122 sh. 125
Santos	105 sh. 110

Preços de café em Nova York

(Setembro)

Procedencia	Preço por libra
Rio, typo 7.....	17 cents.
Santos, typo 7.....	19 $\frac{3}{4}$ cents.
Maracaibo	22 cents.

Procedencia	Preço por libra
La Guayra	23 ½ cents.
Colombia	25 cents.
Mexico	26 ½ cents.
Nicaragua	23 cents.
Jamaica	21 ½ cents.
São Domingos	23 ½ cents.
Porto-Rico	24 cents.
India	26 cents.

Em setembro ultimo, em Londres, estas cotações não se alteram, mantendo-se sempre o maior volume do café de procedencia brasileira em plano inferior, comparativamente ao de outras proveniencias. O typo "Santos" superior, ainda assim, fica muito abaixo das cotações mais elevadas. No Havre e no mesmo mez nota-se a mesma cousa; os cafés do Rio e Santos oscillam entre 330 e 410 francos por 50 kilos, quando o producto do Mexico logra obter 510 e 550 e o de Java 580 e 600. O café da Bahia, no entanto, é cotado mais alto do que os do Rio e Santos. Os quadros seguintes confirmam o asserto:

Preços de café em Londres

(Setembro)

Procedencia	Preço por quintal 50 kilos
India 1ª	145/ a 155/
India 2ª	130/ a 146/
Costa Rica 1ª	160/ a 171/
Costa Rica, bom, limpo	145/ a 165/
America Central	135/ a 150/
Kenya 1ª	128/ a 145/
Uganda, 1ª	105/ a 125/
Jamaica	105/ a 110/
Moka	123/ a 125/
Santos superior	105/ a 110/

Preços de café no Havre

(Setembro)

Procedencia	Preços-francos por 50 kilos
Haiti	480 a 500
Rio	335 a 410
Santos	330 a 335
Pernambuco	375 a 395

Procedencia	Pregos-francos por 50 kilos
Bahia, superior	420 a 430
Porto Rico, escolha	540 a 580
Mexico	510 a 550
Colombia	515 a 555
Java, superior	580 a 600
Guadeloupe	605 a 620

Acontece, pois, ao café do Brasil a mesma cousa que se registra em relação ao cacáo; isto é, não cuidamos, em geral, do seu melhor preparo, nem do melhor modo de offerecer ao mundo os typos de fina qualidade, originando-se dahi as cotações inferiores do producto brasileiro, em confronto com o preço muito mais elevado que obteem, em todos os mercados do mundo, os cafés de outros paizes da America e os da India.

«O Brasil — escreve a proposito o Dr. Augusto Ramos — dispõe da quantidade, os demais productores primam pela qualidade. E' no terreno da qualidade que lhes devemos, portanto, fazer concorrência. Ao Brasil será facil produzir, pelo menos, 2.000.000 de saccas de cafés finos, bastando para isso preparal-os nos despulpadores e seccadores mecanicos, como fazem os demais paizes seus concurrentes.

«Para muitos lavradores de S. Paulo, entre os quaes se contam tantos millionarios, será facil modificar ou completar as suas installações e produzir de suas colheitas uma parte de cafés tão finos quanto os que melhores preços alcançam no mercado de qualquer procedencia. E' relativamente preferivel essa solução para o Brasil a sacrificar, por baixo preço, todas as colheitas do paiz, prejudicando suas receitas ouro, seu poderio economico, seu progresso, com o proposito ainda assim illusorio de augmentar a percentagem de sua quota de abastecimento aos povos consumidores do mundo.

«Relativamente aos demais Estados productores, a solução acima apontada de produzir cafés finos é, para cada um delles, de capital relevancia, porque maior e mais benéfico seria o contraste entre estes cafés finos, vendidos seguramente a alto preço e os mãos productos, que são hoje os que em maioria remetem esses Estados para o estrangeiro.» (*)

(*) *O Café* — 1923 — Pag. 595.

Sendo, nos grandes mercados, as cotações dos cafés de Java, Costa Rica, Mexico, Colombia, Haiti e India superiores sempre ás do producto brasileiro, grande numero de casas importadoras e reexportadoras na Europa aproveitam o café que compram do Brasil, de melhor qualidade e, ora mesclando-o com o daquellas procedencias, ora sem esse processo, o baptizam com aquellas denominações para exportal-o com destino á sua numerosa freguezia, já affeita áquelles typos. E' uma questão de processos e habitos commerciaes que não se combatem com facilidade na terra dos outros, porque ao commerciante estrangeiro pouco importa o nosso protesto contra essa fraude, quando elle com essa desnacionalização, a seus olhos innocente, serve melhor a sua grande clientella e a esta pouco se lhe dá que o producto adquirido accuse uma procedencia que, de facto, não é a propria, tanto mais quanto o café que lhe vendem é realmente bom.

Esse facto, publico e notorio, tem sido objecto de constantes reclamações officiaes e eu mesmo já paguei o meu tributo ao nosso natural *chauvinismo*, embora a fraude, apesar disso, continue imperando soberanamente, por mais que se diga aos quatro ventos que todas as Republicas da America Central não produzem e por essa razão não dispõem de café na quantidade que se vende sob as denominações que lhes são proprias. A verdade, com effeito, é que contra isso não vemos remedio algum emquanto o commercio de importação no exterior estiver inteiramente alheio aos nossos interesses e representado só por estrangeiros. Desdê que o café sahe do Brasil, consignado a casas que não são nacionaes, deixa de ser producto brasileiro; é propriedade da casa estrangeira que o compra e importa e passa deste modo a servir sómente ao interesse que essa casa póde tirar d'elle. Os maiores lucros no commercio de exportação lhe adveem da venda do producto de outras origens, e assim é preciso dar ao café brasileiro de melhor qualidade o nome daquellas procedencias, a que sempre cabem cotações mais elevadas.

E' este o facto e é d'elle que se deriva o mal que, em ultima analyse, não nos prejudica sinão moralmente, pois ao Brasil o que importa é exportar bastante, qualquer que seja o destino dado ao producto pelos importadores no exterior.

Para combatel-o, dous unicos remedios se nos offerecem: manter casas brasileiras importadoras nas praças estrangeiras de reexportação, correspondentes das grandes fazendas ou do proprio commercio exportador do paiz e produzir uma boa parte de cafés finos, capazes de rivalizar com o das melhores procedencias, para obter as mesmas cotações que elles obteem e assim rehabilitar o genero brasileiro. Valorizado, de facto, intrinsicamente o producto nacional, ao qual se darão cotações iguaes ás alcançadas pelo café da India, Venezuela, do Mexico, etc., não haverá mais razão para baptizal-o com estes nomes, como agora se faz, no intuito de lograr melhores preços na reexportação para outros paizes.

*
*
*

O conforto das estatisticas de exportação do café do Brasil em 1913 e 1923 para a França, Inglaterra e Allemanha, se nos revela uma sensivel diminuição nas acquisições da Allemanha e da Inglaterra, comparadas as cifras que as representam em 1913 e 1923, demonstra tambem que a importação da França é actualmente muito mais volumosa do que em 1913, não esquecendo que a Allemanha ainda se acha, até agora, sob a pressão das maiores complicações financeiras a lhe privarem os movimentos no intercambio com os demais povos. O cotejo, por seu turno, das estatisticas de consumo do café do Brasil na Europa toda é muito lisonjeiro para o nosso paiz, embora igualmente cresça o dos cafés de outras origens, o que revela a tendencia pronunciada de maior augmento no consumo geral do velho mundo. O quadro seguinte esclarece o caso:

Consumo de café na Europa

Annos	Café do Brasil	Outras procedencias	Total
1913-14	6.872.000	3.421.000	10.293.000
1914-15	10.121.000	2.726.000	12.847.000
1915-16	8.933.000	2.615.000	11.548.000
1916-17	4.741.000	1.386.000	6.127.000
1917-18	4.211.000	899.000	5.100.000
1918-19	4.843.000	1.124.000	5.967.000
1919-20	4.564.000	3.415.000	7.979.000

Annos	Café do Brasil	Outras procedencias	Total
1920-21	4.936.000	2.701.000	7.637.000
1921-22	5.898.000	3.478.000	9.376.000
1922-23	5.679.000	3.094.000	8.773.000
1923-24	6.837.000	3.408.000	10.245.000

O augmento das exportações de café brasileiro para a França, augmento que tambem se dá nas importações de outras procedencias, mostra que vae crescendo o consumo interno, já pelas necessidades das populações, já pelas exigencias do commercio de reexportação, principalmente pelo porto do Havre. Esse augmento é claro nas estatisticas geraes da importação franceza, de anno a anno, e nas tabellas do calculo do consumo *per capita*. A França offerece, pois, mercados excellentes para o café, como se vê do seguinte:

Importação total de café na França

Annos	Kilos
1921.....	161.751.800
1922.....	196.148.400
1923.....	207.932.800

O decrescimo das exportações do Brasil para a^a Allemanha, comparando-se as cifras que as representam em 1922 e 1923 com as de 1913, é, como sabemos, occasionado pela situação especial em que ainda se encontra aquelle paiz, onde, aliás, se tem desenvolvido muito o consumo dos succedaneos. As importações geraes da Allemanha eram grandes, não só para attender ás exigencias do seu formidavel commercio de reexportação, como para o gasto interno de suas grandes cidades. Esse consumo, *per capita*, era de dous kilos e 50 grammas por habitante, quasi igual ao da França. Normalizada a sua economia, a Allemanha passará a importar café em maior quantidade, o que já vae acontecendo, como se vê deste quadro:

Importação total de café na Allemanha

Annos	Kilos
1922.....	36.196.200
1923.....	38.730.000

Do Brasil

Annos	Kilos
1922.....	26.840.600
1923.....	28.947.900

E' fatal o augmento do consumo de café na Allemanha porque o seu uso tornou-se indispensavel no seio das populações e principalmente entre as classes operarias. "A situação do café na Allemanha, nos diz um dos representantes da antiga casa Freitas, em Hamburgo, — é bôa, porque, embora encarcerado, não se dará o declinio do consumo nem mesmo nas classes proletarias. O operario allemão procura alimentar-se bem e já não passa sem café".

Sendo, portanto, como vimos do confronto das estatisticas transcriptas acima, magnifica a perspectiva que nos offerecem os mercados da França e da Allemanha para o café brasileiro, identica não é a dos mercados inglezes para o mesmo producto. Importando 14.769 toneladas de café de nossas colheitas em 1913, a Inglaterra tem diminuido, pouco a pouco, as suas acquisições ao ponto de só importar do Brasil 639 toneladas em o anno passado. Por outro lado, a cifra total de suas importações, de todas as procedencias, tambem accusa notavel decrescimo, como se verá do seguinte:

Importação total de café na Inglaterra

Annos	Kilos
1922.....	55.326.788
1923.....	22.229.013

Accusa, desta fórma, a Grã-Bretanha menores importações não só quanto ao café do Brasil como aos de outras proveniencias, o que indica não se ter dilatado o consumo no seio de suas populações, restringindo-se ao mesmo tempo o seu commercio de reexportação. Para o gasto interno o producto das proprias colonias deve concorrer preponderantemente. O chá e o uso de outras bebidas, não fallando na dóse bem crescida de succedaneos que prejudicam o producto legitimo, impedem e difficultam o augmento do consumo do café entre os inglezes.

O quadro seguinte põe em evidencia essa inferioridade de consumo na Inglaterra, comparado com o de outros povos da Europa :

Consumo "per capita" na Europa

Paizes	Em kilos	
	1923	1913
França	4.41	2.90
Allemanha	0.29	2.50
Austria	0.92	1.10
Hollanda	6.69	7.00
Belgica	5.43	4.95
Suecia	7.03	5.59
Finlandia	4.20	4.00
Italia	1.25	0.80
Grã-Bretanha	0.35	0.30
Noruega	6.52	5.10
Dinamarca	7.14	5.60
Suissa	3.31	3.15
Hespanha	0.82	0.75
Portugal	0.94	0.65

Embora seja esta a situação pouco lisonjeira que apresentam as praças da Inglaterra ao café do Brasil, cuja exportação para os mercados inglezes foi tão diminuta em 1923, não devemos perdê-los de vista, por isso que ao producto brasileiro as estatísticas de importação na Grã-Bretanha offerecem altos e baixos muito pronunciados. E' bastante lembrar que esse paiz nos importa 18.518 toneladas de café em 1919 e só importa 4.353, em 1920; importa 30.838 em 1922 e apenas 639 toneladas em 1923. Estas oscillações do mercado britannico indicam a possibilidade de firmarmos, mesmo nas condições actuaes de seu consumo interno, uma corrente mais regular de exportação.

E' o caso de se praticarem as providencias a que já alludimos anteriormente para o desenvolvimento do consumo.

ALGODÃO

O algodão é um dos mais velhos productos exportados pelo Brasil, embora as cifras que representam esse commercio para o exterior sejam muito variaveis, conforme as oscillações dos preços nos mercados de consumo, o que determina sempre, segundo a alta ou baixa das cotações, as mais bruscas desigualdades no volume da respectiva producção. Seja como for, a cultura algodoeira vae tomando notavel desenvolvimento no paiz, apesar de serem as exportações de hoje inferiores ás de 1913. O movimento das fabricas nacionaes de tecidos, tanto ao norte como ao sul da Republica, explica em parte essa redução mesmo em annos em que se têm annuciado abundantes colheitas.

Actualmente, as culturas mais abundantes são as dos Estados de S. Paulo, Ceará e Parahyba, vindo depois Pernambuco e Maranhão. Os maiores campos cultivados acham-se collocados no Maranhão, em Pernambuco, S. Paulo, Ceará e Alagoas, ainda que a producção não corresponda em cada Estado á extensão de sua área em cultivo, pois S. Paulo, em área menor do que o Maranhão e Pernambuco, produz em maior volume, o que se justifica por causas differentes. Os quadros seguintes demonstram a producção geral de algodão nos ultimos annos, a producção por Estados, a área occupada pelo cultivo em cada Estado e a exportação geral deste producto em o ultimo decennio:

Safras de algodão no Brasil

Annos	Área cultivada em hectares	Produção de algodão em rama (Kilos)	Valor da produção	Produção por hectares (Kilos)	Numero de fardos de 250 kilos
1919-1920.....	325.947	83.207.071	407.714.648\$000	255	333.000
1920-1921.....	333.468	98.322.600	485.991.686\$000	250	393.500
1921-1922.....	446.207	127.484.200	499.876.000\$000	280	510.000
1922-1923.....	447.000	107.256.800	628.656.354\$000	234	429.000

Mapa da produção de algodão em rama nos Estados do Brasil

Estados	1920-1921	1921-1922	1922-1923
Pará	517.000	563.400	671.500
Maranhão	8.105.400	7.294.800	8.334.000
Piauí	1.105.800	1.284.200	1.332.300
Ceará	12.282.700	12.114.200	15.449.400
Rio Grande do Norte	9.866.700	8.487.000	11.757.700
Parahyba	15.715.800	12.744.600	12.506.000
Pernambuco	7.275.000	7.633.000	9.837.600
Alagoas	3.825.000	7.980.000	3.671.000
Sergipe	4.437.300	5.023.000	5.023.000
Bahia	8.825.600	8.725.600	3.750.000
Espirito Santo	—	63.800	49.700
Rio de Janeiro	—	2.300	3.500
São Paulo	22.941.300	52.500.000	31.605.000
Paraná	148.000	124.300	124.400
Minas Geraes	3.246.600	2.916.400	2.890.700
Matto-Grosso	30.400	27.600	25.000
Goyaz	—	—	226.000
Total (kilos)....	98.322.600	127.484.200	107.256.800

Áreas cultivadas com algodão nos Estados do Brasil

Estados	Superfícies kilometricas	Área cultivada com algodão	Coefficiente da área cultivada
Pará	1.250.000	20.462	0,0001
Maranhão	303.045	97.550	0,0035
Piauí	207.778	12.000	0,0002
Ceará	157.720	54.725	0,0034
Rio Grande do Norte	45.913	31.411	0,0068
Parahyba	56.981	22.570	0,0144
Pernambuco	93.840	73.256	0,0078
Alagoas	28.680	52.800	0,0184
Sergipe	23.250	26.132	0,0112
Bahia	575.876	8.887	0,0001
Minas Geraes	632.747	18.918	0,0002
São Paulo	249.680	56.382	0,0022
	3.625.310	475.093	

Exportação de 1913 a 1923

Annos	Toneladas	Valor papel em contos de réis
1913	37.424	34.615
1915	5.227	5.496
1916	1.070	2.399
1917	5.941	15.090
1918	2.594	9.999
1919	12.153	36.708
1920	24.696	80.697
1921	19.606	45.944
1922	33.947	103.663
1923	19.170	119.139

Produzindo hoje mais do que Pernambuco, Ceará, Parahyba e Maranhão, S. Paulo é também o que mais exporta, invertidos assim, nos ultimos annos, os factores que outrora constituíam os maiores valores de nossa exportação algodoeira para o exterior. Em 1919, a praça de Recife, como emporio desse commercio em o norte do Brasil e por isso embarcando com a sua produção parte das colheitas dos Estados visinhos, exportava 13.438 toneladas de algodão, vindo depois Cabedello, Natal e Fortaleza. S. Paulo, então, pela praça de Santos, exportava apenas tres toneladas, porque a sua produção era pequena.

Até 1918 essa posição não se altera quanto á importancia da praça do Recife como mercado exportador; em 1919, porém, S. Paulo já ensaia maior commercio, exportando 6.002 toneladas e ainda 11.260 em 1920. Em 1921 a exportação diminue um pouco, mas eleva-se, de novo, em 1922 a 8.553 e se mantém firme em o anno passado, quando o grande Estado exporta 4.984 toneladas. Perde, desde então, o porto do Recife, a sua posição de evidencia mesmo no norte, onde o Ceará e a Parahyba augmentam muito as suas colheitas e as suas exportações. O quadro que vae adiante explica esse movimento:

Exportação por origem em toneladas

Portos	1913	1920	1923
Pará	5	359	162
Maranhão	905	544	258
Illa do Cajueiro	1.616	749	231

Portos	1913	1920	1923
Amarração	4
Camocim	133
Fortaleza	3.757	2.290	4.675
Natal	5.513	812	1.366
Cabedello	9.829	1.802	3.040
Recife	13.438	3.925	3.935
Macció	2.084	256
Penedo	88
Rio de Janeiro.....	44	1.948	549
Santos	3	11.260	4.948

Estudando-se esse commercio quanto aos paizes de destino, verificaremos que o mais constante mercado de importação para o producto brasileiro é a Inglaterra, até mesmo antes de 1913, e a guerra não alterou essa situação. A Inglaterra importa 29.959 toneladas de algodão do Brasil em 1913 e ainda 11.851 em o anno passado, tendo importado 17.722 em 1922, quando a nossa exportação de algodão para o exterior foi a maior que sahiu de portos nacionaes durante estes ultimos annos.

Analysando-se ainda a exportação por destino, vê-se que, depois da Inglaterra, desde 1913 até hoje, o paiz que, tanto na Europa como na America, mais importa algodão do Brasil é Portugal, para consumo de sua excellente e bem desenvolvida industria de tecidos, ao lado da França, que tambem augmentou as suas aquisições desse producto em os nossos mercados. Importando 3.210 toneladas em 1913, importa 6.035 em o anno de 1922. Importa a Allemanha em 1913 menos algodão do que Portugal e a França, mas, ainda assim, muito mais do que a Belgica e mais do que a Hollanda. Interrompidas as importações da Allemanha, durante o periodo de guerra, ellas resurgem em 1919 e não se interrompem mais, como se vê deste quadro:

Exportação de algodão em rama

(Em kilos)

Destino	1913	1915	1916	1917	1918	1921	1922
Allemanha.....	984.174	—	—	—	—	1.564	1.819
Argentina.....	—	—	—	6.457	170	—	—
Austria-Hungria.....	36.000	—	—	—	—	—	—
Belgica.....	348.350	—	—	—	—	258	758
Estados Unidos.....	83.334	—	35.119	147.078	48.423	790	1.203
França.....	1.912.941	—	—	—	42.000	3.035	6.001
Grã-Bretanha.....	29.959.147	4.319.291	1.033.010	5.198.115	1.448.828	10.364	17.722
Hollanda.....	842.679	146.182	—	174.776	—	—	157
Italia.....	—	—	—	92.606	—	—	196
Portugal.....	3.210.146	761.830	—	311.041	1.040.611	3.287	6.035
Cabo Verde.....	—	—	—	—	277	—	—
Russia Europeá.....	46.845	—	—	—	—	—	—
Uruguay.....	—	266	2.818	11.040	13.897	—	—
Total.....	37.423.616	5.227.579	1.070.947	5.941.116	2.594.206	19.606	33.947

Verifica-se, portanto, que os maiores mercados para o algodão brasileiro são os da Inglaterra, da França, de Portugal, da Allemanha e dos Estados Unidos, que, apesar de serem no mundo o maior campo de cultura algodoeira, ainda importam para attender á crescente necessidade de sua adeantadissima indústria de tecidos. As importações dos Estados Unidos quanto ás praças do Brasil têm tomado maior vulto em os tres ultimos annos. As da França e da Inglaterra, de Portugal e da Allemanha são constantes e vão sendo mantidas com relativo augmento e segurança; são mercados certos com tendencia a se alargarem para o producto nacional.

Dos tres paizes, cujo estudo agora nos preoccupa, a Inglaterra é o que mais consome algodão de varias procedencias, sendo, como já vimos, o que mais importa tambem do Brasil. Ao passo que a nossa exportação para a França foi de 1.964 toneladas em 1923 e de 263 para a Allemanha, a da Inglaterra se representou pela elevada cifra de 11.851 toneladas, notando-se que a exportação do Brasil em o anno passado foi inferior á de 1922, differença quasi de metade, como se pôde ver no quadro anteriormente transladado. As importações geraes de algodão na Inglaterra, de diversas origens, são indicadas por algarismos tres vezes superiores aos que se referem á França e á Allemanha; a industria textil da Grã-Bretanha é reputada a mais importante e desenvolvida do mundo e a sua exportação de algodão manufacturado ascende a cifras que bem justificam a sua superioridade fabril. Nos ultimos annos a importação de algodão em os tres paizes foi a seguinte:

Importação geral em 1922

	Toneladas
Inglaterra	649.548
França	274.208
Allemanha	241.285

Importação em 1923

	Toneladas
Inglaterra	586.315
França	280.999
Allemanha	180.264

Estudando o mercado inglez quanto ás procedencias de onde lhe vae a grande massa de algodão importado, verificaremos que muito mais de metade de sua importação é representada pelo producto dos Estados Unidos. Na importação de 1923, expressa por 586 toneladas, 303 são de algodão daquella origem. Depois dos Estados Unidos, o paiz que mais exporta para as praças da Grã-Bretanha é o Egypto. O Brasil, na cifra total das importações inglezas e ao lado das outras zonas productoras, representa um minimo bem insignificante, como se vê do quadro que vae em seguida:

Importação de algodão na Inglaterra

Procedencia	Toneladas	
	1922	1923
Egypto	143.291	158.139
Estados Unidos	414.154	303.505
Brasil	16.604	9.479
Possessões Inglezas	33.680	70.878
Outros paizes	41.819	44.314
Total	<u>649.548</u>	<u>586.315</u>

A Inglaterra, em sendo presentemente o mais valioso mercado importador de algodão brasileiro, como já vimos linhas acima, nos proporciona excellente oportunidade para maior expansão, pois as suas fabricas accusam sempre continuo desenvolvimento e já vão escasseando as fontes em que, com mais abundancia, costumava supprir-se. A' producção do Egypto não se offerece campo mais vasto de acção, a dos Estados Unidos diminue por causas diferentes e graves e as culturas da China e da India não poderão, só por si, attender ás necessidades cada vez mais prementes da industria ingleza, em concorrencia com a da Norte America. Dá uma idéa do movimento fabril do algodão no mundo o excessivo numero de fusos que se contam hoje em os principaes centros dessa manufactura, segundo as mais modernas estatisticas e quando a vida economica de muitos povos da Europa ainda não se acha completamente normalizada:

Fusos existentes em milhares

Paizes	1921
Grã-Bretanha	60.053
França	9.625
Hollanda e Belgica	2.670
Allemanha	8.263
Scandinavia	754
Polonia	1.415
Finlandia	256
Austria	1.140
Tchecoslovaquia	3.545
Suissa	1.523
Italia	4.506
Hespanha e Portugal	2.280
Estados Unidos	35.632
Canadá	1.368
Central e S. America	912
Brasil	1.601
India	6.763
Japão	3.814
Outros	9.448
Total	156.468

Aggravadas as condições de cultura nos Estados Unidos pela invasão do “boll-weevil” — contra o qual toda a tenacidade americana vaee encontrando as maiores resistencias, o que tem determinado em varias zonas algodoeiras, ora o decrescimo da produccão, ora o seu estacionamento, inevitavel será diminuir as exportações para se attender melhor ao consumo interno em face do maior numero de fabricas e consequentemente das exigencias da materia prima. Calcula-se o consumo da industria americana em cerca de 6.000.000 de fardos de 250 kilos e esse consumo tende a crescer. Serve de indicador desse facto a propria estatistica de importação de algodão na Grã-Bretanha durante os ultimos annos. Importando a Inglaterra 414.154 toneladas de algodão dos Estados Unidos em 1922, em 1923 apenas importa 303.505, havendo assim diminuição de cerca de 100.000 toneladas.

Tudo isso póde alargar, cada vez mais e com maior franqueza, a porta dos mercados da Grã-Bretanha aos algodões do Brasil, sendo mistér, entretanto, erguer o producto nacional, quanto á maior parte de seu volume exportado, pela propria qualidade e seu posterior beneficiamento, ao nivel dos que alcançam nas praças inglezas as mais altas cotações, principalmente em Liverpool, o maior mercado mundial de algodão. Com effeito, redobram na Inglaterra as exigencias do consumo, importando-se para isso 300.500 toneladas por anno, só dos Estados Unidos que, pelas razões acima referidas, são forçados a restringir as suas exportações e como a China, a India e os demais productores não podem, de momento, augmentar a sua produção, a Inglaterra tem naturalmente de appellar para as colheitas do Brasil, cujo campo de acção, quanto a essa cultura, apresenta as maiores possibilidades de extender-se, de modo extraordinario, na vastidão immensa de seus Estados, onde o plantio encontra as mais excellentes condições de bom exito.

O augmento das ncssas exportações para os mercados da Inglaterra, como se deve inferir desse conjunto de causas, é fatal e já se vem accentuando desde 1919, como se vê do seguinte:

Exportação do Brasil para a Inglaterra

Annos	Toneladas
1919.....	4.907
1920.....	9.039
1921.....	10.364
1922.....	17.722
1923.....	11.851

E' exacto que em 1913 já o Brasil exportava para os mercados da Grã-Bretanha 29.959 toneladas de algodão e dahi em deante até 1918 a cifra de sua exportação para o mesmo destino jámais se elevou além de 5.198 toneladas, algarismos da estatistica de 1917, sendo que, desde aquelle anno até 1923, a nossa exportação para as praças inglezas não atingiu mais a somma que a representou em 1913, como se verifica do quadro anteriormente transcripto.

Isso encontra a sua explicação nos factos seguintes: Em 1913 a industria textil do Brasil não tinha tomado o desenvolvimento que se lhe imprimiu depois, crescendo muito a sua produção para fazer face ás necessidades do paiz, cuja importação de artigos manufacturados experimentou sensível quèda. Por outro lado, os defeitos com que se apresenta nos mercados da Inglaterra a produção brasileira, apesar de sua excellente qualidade intrinseca, concorrem para desanimar os importadores, quando os Estados Unidos conseguiram produzir com tanta abundancia a qualidade de que a manufactura ingleza precisa, que as suas colheitas, bastando ao consumo interno, ainda sobram para attender ás solicitações da industria britannica.

Enfraquecida, por conseguinte, a concorrência dos Estados Unidos, o algodão do Brasil passará a ser mais procurado nos mercados inglezes, convindo, para corrermos ao encontro dessa possibilidade, que cuidemos melhor da cultura do nosso producto e do seu beneficiamento posterior, afim de que possamos tomar definitivamente o logar que as praças da Inglaterra nos proporcionam com a segurança que nos promettem as estatisticas de sua importação geral.

E' isso mesmo o que constantemente nos affirmam os mais autorizados depoimentos daquelles que, com interesse, estudam este assumpto no exterior. Em 1923, o Sr. J. Macdonald, que representava a Bolsa de Mercadorias de S. Paulo, nas praças inglezas, em officio dirigido á mesma associação, refere o que lhe disseram os Srs. Clegg e Muir, membros da Bolsa de Algodão de Liverpool, acerca das possibilidades do augmento das importações do producto brasileiro na Grã-Bretanha: "Os consumidores de Lancashire, — dizem aquelles senhores — que se abastecem dos Estados Unidos, serão obrigados a procurar fornecedores em outros paizes, principalmente no Brasil, que terá assim excellente occasião para a conquista commercial destes mercados.

«Para isso é absolutamente necessario prestar mais attenção aos typos, classificação e enfardamento, porque os fiandeiros da Lancashire fazem muita questão de algodão bem escolhido e sem a menor divergência de fibra. Não só querem enfardamento separado para as fibras de cada comprimento, como tambem opinam pela conveniencia de não se misturarem

côres diferentes, devendo o algodão branco ser separado do crême ou manchado. Os fardos não devem pesar mais de 200 kilos, pois são de difficil manejo e muito incommodos para o transporte." (*).

Todas estas observações tivemos outrosim ensejo de ouvir em junho deste anno, quando visitámos algumas casas importadoras de algodão em Liverpool, em companhia do Dr. Dario Freire, nosso distincto e laborioso consul naquella praça, onde todos encarecem a excellencia do producto brasileiro, mas lastimam as difficuldades de negocial-o, porque a classificação não é bôa, as fibras se encontram sempre muito misturadas e é grande a quantidade de impurezas que acompanham o producto, não sendo uniforme o seu acondicionamento e igual o peso dos fardos.

São essas as reclamações de todo o dia, por demais conhecidas no Brasil e cujas causas, aliás justissimas, o governo do paiz procura remover no seio das classes agricolas, auxiliando-as no sentido de se generalizar a selecção de sementes, a homogeneidade das culturas, melhor beneficiamento e sobretudo classificação uniforme e regular dos typos de exportação.

E' a França, depois da Inglaterra, o paiz que mais importa algodão do Brasil. As suas importações, entretanto, apresentam oscillações violentas; importando 3.035 toneladas em 1921, importa 6.001 em 1922 e apenas 1.964 em o anno passado. Comparada esta cifra com a de 1913, vê-se que essa corrente de exportação para a França estacionou depois de se ter elevado a 8.788 toneladas em 1920. O quadro seguinte explica melhor:

Exportação do algodão do Brasil para a França

Annos	Toneladas
1913.....	1.912
1915.....	—
1916.....	—

(*) Relatorio da Bolsa de Mercadorias de S. Paulo — 1924.

Annos	Toneladas
1917.....	—
1918.....	42
1919.....	4.528
1920.....	8.788
1921.....	3.035
1922.....	6.001
1923.....	1.964

O grande surto das exportações de 1920 teve por causa o trabalho mais activo das fabricas de tecidos, tanto na França como na Grã-Bretanha, cuja producção tinha sido profundamente abalada pela guerra, não só á falta de materia prima, como pela limitação do braço operario desviado para o serviço das armas. Os annos de 1920, 1921 e 1922 foram de grande actividade para a industria textil da Europa, quando já se normaliza o transporte e encontra maior sahida a producção fabril accumulada.

Examinando-se a estatistica geral do algodão importado em França, de 1921 a 1923, nota-se o augmento gradual tomado por esse commercio, á medida que se restaura e cresce o movimento das fabricas. O paiz que mais fornece materia prima á manufactura franceza são, como se dá com a Inglaterra, os Estados Unidos. Na importação de 1923, ou sejam 280.999 toneladas, os Estados Unidos concorrem com 174.498 o que corresponde á metade daquelle total. Depois dos Estados Unidos apparece o Egypto e em seguida as Indias Inglezas. A importação de procedencia brasileira se agrupa na rubrica geral — Outros paizes.

Confrontando-se as cifras da importação feita dos Estados Unidos, durante o ultimo triennio, verifica-se, como acontece tambem quanto á Inglaterra, serem hoje aquellas cifras menores do que as de 1921 e 1922, o que se deve á diminuição das exportações da Norte-America, occasionada pelo grande consumo de sua industria fabril. O quadro seguinte elucida a affirmação:

Importação de algodão em França

(Em kilos)

Exportadores	1923	1922	1921
Inglaterra.....	3.945.300	3.322.100	2.827.200
Egypto.....	43.688.200	30.101.300	18.398.000
Índias inglezas.....	30.868.700	30.029.900	15.524.300
Estados Unidos.....	174.498.300	187.555.100	174.636.600
Luxemburgo.....	4.584.300	4.338.700	12.195.200
Outros paizes.....	17.414.700	18.861.600	
Total.....	280.999.500	274.208.700	223.581.300

A França é, de qualquer modo, muito embora as oscilações verificadas em os annos de 1917 e 1918, um excellente mercado para o algodão do Brasil, porque em seguida á guerra a sua industria textil procura tomar posição mais proeminente e alargar o circulo de expansão de seus proprios productos em concorrência com os similares de outras procedencias, principalmente da Inglaterra. As suas importações de algodão crescem de anno a anno, como se vê do quadro acima transcripto e como os Estados Unidos, hoje o seu maior fornecedor, tendem a limitar o volume de suas exportações para o exterior, contando-se a França como um dos seus melhores freguezes, o mercado francez terá de recorrer a outras fontes entre as quaes se acha naturalmente o Brasil.

Tudo depende neste caso, como em outros semelhantes, da organização de nossa producção para exportar, de modo que se evitem os reparos que frequentemente ainda se fazem ao algodão brasileiro remettido para a Europa e possamos, pela excellencia do producto e seu regular beneficiamento, conquistar, em definitiva e com segurança, o mercado francez. Foi o que ouvi no Havre, em circulo de commerciantes e importadores, em grosso e em Paris de um representante da "Compagnie Générale d'Exportation et d'Importation".

Não differem estes conceitos dos que externa o Sr. Alfredo Palzin, consul adjunto do Brasil no Havre, á Bolsa de Mercadorias de S. Paulo: «O interesse pelo algodão brasileiro — escreve esse funcionario — não se confina sómente aos negociantes e corretores. E' sobretudo nos centros industriaes, onde se vae preconizando o emprego do algodão de outra procedencia que não a norte-americana.

«Embora, o que é muito natural, tente o Governo da França animar a producção de algodão nas colonias, já se reconhece que não será possível contar com o producto colonial e por isso todos os olhos se voltam para o Brasil, pois que está em condições de satisfazer immediatamente ás exigencias mundiaes. E hoje, quando se nos proporeciona essa feliz oportunidade, o Brasil deve e póde aproveitar a sympathia de que gosa no circulo do mundo algodoeiro para se implantar de uma vez nestes mercados.» (*)

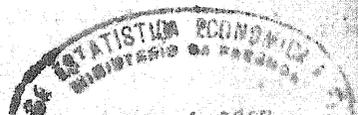
*
* *

Reatou a Allemanha, depois da guerra, as suas relações commerciaes com o Brasil, em 1919, tornando a concorrer aos nossos mercados para adquirir os productos que anteriormente já tinham constituido vultosas correntes para as praças de Hamburgo e Bremen, seus principaes mercados importadores de algodão. Naquelle anno já exportámos para a Allemanha 199 toneladas, subindo essa exportação em 1920 a 1.162 e ainda a 1.900 em o anno seguinte. A exportação, no entanto, que realizámos para aquelle destino em 1923 decresceu muito e foi apenas de cerca de 300 toneladas, como se vê do quadro que transcrevemos:

Exportação para a Allemanha

Annos	Toneladas
1913	948
1919	199
1920	1.162

(*) Officio dirigido em agosto de 1923 á Bolsa de Mercadorias de S. Paulo.



Annos	Toneladas
1921	1.564
1922	1.819
1923	263

Os algarismos indicadores do commercio de algodão entre o Brasil e a Allemanha mostram que, restabelecida a corrente interrompida pela conflagração européa, os mercados germanicos reencetaram logo a importação da fibra brasileira e essa importação foi crescendo até 1922 ao duplo da de 1913, para cahir de modo exquisito em o anno passado. A causa disso, porém, não diz contra a qualidade do nosso producto, nem póde indicar a sua eliminação do mercado allemão pela preferencia, porventura, dada ao similar de outras procedencias. O commercio geral de importação da Allemanha retrahiu-se bastante em 1923, e desse retrahimento não podia escapar o algodão como materia prima entre outras muitas.

Importa a Allemanha em 1921, quando ainda não se podia considerar normalizada a sua vida economica, cerca de 200.000 toneladas de algodão de varias procedencias, quando a França, então, só importa 270.000, o que demonstra a relevancia dos mercados allemães quanto ao commercio desse producto, do qual, como acontece com relação ao todos os demais mercados de importação, os Estados Unidos são os maiores fornecedores. Nas importações da Allemanha em 1922, expressa por 1.206.427 fardos, a Norte-America figura com 957.113 ou muito mais de 2/3 daquelle algarismo.

Depois dos Estados Unidos o maior fornecedor de algodão á industria textil da Allemanha, que procura abarrotar a Europa toda com os seus tecidos de qualidade mediana, proprios ao consumo das classes populares, é a India e após o Egypto. As importações da India são relativamente vultosas, o que não se dá com as do Egypto e as do Brasil. O Egypto exportou para os mercados allemães, em 1923, apenas 32.602 fardos de algodão em rama, quando a India exporta 146.631 e os Estados Unidos 693.975. A cifra que se refere ao Brasil na columna das impôrtações de algodão na Allemanha é insignificante ao lado das que acima trasladámos; 2.337 fardos.

O quadro seguinte demonstra a importação da Allemanha por procedencia:

Procedencia	Fardos (*)	
	1922	1923
Egypto	36.991	32.602
Africa Oriental Ingleza	634	7
Africa Occidental Ingleza	825
India Ingleza	181.555	146.631
China	898	6.350
India Hollandeza	2.086	1.736
Argentina	4.713	2.954
Brasil	10.738	2.337
Perú	5.102	3.175
Haiti	1.450	3.435
Estados Unidos	957.113	693.975
Outros paizes	4.322	8.120
Total	<u>1.206.427</u>	<u>901.320</u>

O facto de ser relativamente insignificante a cifra que representa as nossas exportações de algodão para a Allemanha, ao lado dos elevados algarismos que exprimem as de outros productores, não nos deve impressionar de modo desfavoravel, por isso que a nossa produção é ainda muito pequena, cerca de 130.000 toneladas em confronto com a dos Estados Unidos 2.190.000 e com a da India 721.760 toneladas. O proprio Egypto produz 233.300 toneladas e a China 220.000. Ora, produzindo tão pouco em relação aos demais paizes, não podemos acompanhá-los nas grandes massas de exportação que realizam para os maiores mercados de consumo, como se vê deste quadro:

(*) O fardo pesa mais ou menos 210 kilos, de modo que teremos para o Brasil em 1922 mais ou menos 2.254.980 kilos e em 1923, mais ou menos 490.770 kilos.

Posição estatística do Brasil na produção mundial de algodão

Productores	1922-1923 Toneladas
Estados Unidos da America do Norte.....	2.192.000
Indias Britannicas	721.760
Egypto	223.300
China	220.000
Brasil	110.000
Perú	34.500
Mexico	26.500
Russia Asiatica	11.000
Protectorado d'Ougunda	6.259
Indo-China	5.500
Total	<u>3.550.819</u>

Na verdade a Allemanha é na Europa, dos mercados de importação, um dos que nos offerecem maiores oportunidades quanto ao algodão e isso mesmo está demonstrado no facto de se ter alargado bastante esse commercio entre os dous paizes de 1919 a 1922. O decrescimo de 1923, sobejamente explicado, não pôde abrir solução de continuação nessa corrente, quando a industria allemã inicia agora os seus movimentos de maior fabrico, em competencia com a dos paizes vizinhos e os grandes campos de algodão do mundo já não produzem na razão crescente do consumo, com excepção do Brasil que, aproveitando-se de suas enormes possibilidades, cogita agora de augmentar as suas colheitas, melhorando-as desde o plantio ao beneficiamento.

Durante a nossa permanencia na Allemanha, em junho deste anno, procurámos conhecer e estudar o movimento do mercado de algodão em Bremen e Hamburgo e em ambos a tendencia é claramente favoravel ao producto brasileiro. Em Bremen como em Hamburgo as referencias ao algodão do Brasil são sempre as mesmas; o producto é bom mas, em geral, não apresenta uniformidade de fibra, nem limpesa, nem classificação que possa inspirar confiança.

«O mercado de Bremen — disse-nos o Sr. Max Helm em carta que nos dirigiu por solicitação nossa — pôde duplicar, em breve, com muita facilidade, as suas importações de algodão brasileiro, porque a procura tende a crescer em face do consumo não só de nossas fabricas, como da industria de outros paizes para os quaes reexportamos a fibra. E', porém, indispensavel que o Brasil melhore, pela selecção cuidadosa, a qualidade do producto e nos proporcione typos perfeitos, uniformes e reaes, de modo que possamos effectuar maiores transacções em base segura com um producto cujas remessas não divirjam das amostras apresentadas.»

Quanto a Hamburgo, diz a casa Bruel & Comp.: "As fabricas allemãs têm grande necessidade de materia prima, mas para que os exportadores do Brasil possam conquistar o mercado, augmentando as encommendas em grandes proporções, é imprescindivel que as amostras que nos são remettidas inspirem confiança e haja certificados de classificação passados pelas bolsas, com as cautelas necessarias á segurança de grandes transacções.»

De tudo quanto acima dissemos e trasladámos se infere que os mercados da Inglaterra, França e Allemanha não são mais mercados a conquistar e sim mercados conquistados, para os quaes, pela necessidade de consumo interno e restricção da propria producção, nos paizes que mais lhes exportavam, se podem encaminhar em maior volume as nossas exportações. As exigencias de materia prima para a industria textil de algodão na Europa são agora muito conhecidas e devem tornar-se ainda mais tensas pelo augmento do consumo da fibra em novas e numerosissimas applicações.

Embora offerecendo ao Brasil taes possibilidades, todos os grandes mercados da Europa, especialmente os da Grã-Bretanha, França e Allemanha, requerem que lhe enviemos o producto escoimado dos defeitos que sempre se lhe notaram, apesar de sua excellente qualidade intrinseca. Esses defeitos se resumem assim:

- 1º, mistura de fibras quanto a côr, tamanho e resistencia;
- 2º, falta de limpeza;
- 3º, máo e irregular enfardamento;
- 4º, falta de classificação ou padrão fixo.

O desenvolvimento das culturas de algodão em S. Paulo, durante os ultimos annos e a sua consequente exportação em tão elevado volume, interessou de tal modo a classe agricola e commercial do Estado e ao respectivo Governo que esse commercio com o exterior já se realiza observando-se a classificação official da Bolsa de Mercadorias que, por seu turno, fiscaliza tambem o enfardamento do producto destinado á exportação.

«Hoje—diz a directoria da Bolsa—o importador de outro lado que comprar algodão de classificação da Bolsa e de enfardamento e embarque por ella fiscalizados, pôde ter a certeza de que receberá o genero que comprou. Deste serviço temos feito scientes os mercados consumidores, aconselhando-os a comprarem sómente algodão acompanhado dos nossos attestados que são a garantia da bõa entrega ao vendedor. Adoptando esse systema, a Bolsa visou acabar de vez com a fraude no enfardamento do producto que, exercida por negociantes pouco escrupulosos, tanto prejuizo nos causa, já desmoralizando-nos no estrangeiro, já acarretando grandes perdas aos negociantes honestos.» (*)

Imitado esse exemplo pelos grandes Estados exportadores, onde o cultivo do melhor e mais apreciado algodão pôde tomar extraordinario desenvolvimento, como attestam os que lhes estudam as condições de clima e solo, teremos resolvido o problema das exportações de algodão em volume sempre crescente e a bom preço, não só para os mercados da França, Inglaterra e Allemanha, como para os de outros paizes, onde cada vez mais se fazem sentir as exigencias do consumo.

—*—

(*) Relatorio citado.

ASSUCAR

A exportação de assucar, muito variavel antes da guerra, experimentou, a contar de 1916, notavel desenvolvimento. Até 1913 as maiores quantidades que se embarcavam para o exterior eram constituídas pelo assucar Demerara, do qual se exportaram em 1913, pela praça do Recife, 4.726 toneladas, exportando-se apenas 226 do branco e 407 do mascavo. Toda essa exportação era representada pelo artigo acima referido, sendo a Grã-Bretanha a unica importadora desse typo, pois o assucar exportado em 1913 se dirigiu para aquelle pais. O total da exportação brasileira no referido anno foi de 5.371 toneladas.

Já em 1915 a exportação apresenta um surto espantoso, não só do Demerara como de outras qualidades, branco e mascavo, dos quaes a sahida em annos anteriores era insignificante. Do Demerara são exportadas 22.063 toneladas, exportando-se 2.928 do branco e 34.118 do mascavo. A Inglaterra continúa a ser a importadora quasi exclusiva daquelle typo, apenas acompanhada nesse commercio pelos Estados Unidos que, em aquelle anno, importam tambem cerca de 2.000 toneladas. No correr dos annos posteriores conserva-se nas mesmas cifras a exportação do Demerara e sempre para a Inglaterra, ao passo que continúa a elevar-se para outros países a exportação do branco do qual em 1917 foram exportadas 104.828 toneladas. São importadores, nos mercados brasileiros, de assucar branco, o Uruguay e a Argentina, na America; a França, Portugal e a Italia, na Europa.

O quadro seguinte demonstra o movimento geral de nossa exportação de assucar, comprehendendo todas as qualidades, no ultimo decennio:

Exportação geral em toneladas

1913	5.371
1916	55.800
1918	125.621
1920	109.141
1921	172.094
1922	252.111
1923	153.175

Do confronto de todos estes algarismos acima transcriptos evidencia-se o desenvolvimento tomado pela exportação desse producto, notando-se que, ainda agora, os maiores importadores do assucar brasileiro continuam a ser, na America, o Uruguay, os Estados Unidos e Argentina e, na Europa, a Inglaterra, a Italia, Portugal e a França. A maior importadora na Europa, em os ultimos annos, é sempre a Grã-Bretanha, como se vê dos seguintes dados:

Exportação de assucar do Brasil por destino e em toneladas

	1921	1922
Allemanha	79	3.999
Argentina	26.338	33.367
Belgica	15	4.793
Estados Unidos	1.121	—
França	649	5.775
Inglaterra	81.940	135.797
Hollanda	—	8.348
Italia	5.120	678
Portugal	23.029	22.206
Ilha da Madeira	1.508	2.248
Uruguay	31.258	32.562

Tomando apenas em conta o commercio de exportação de assucar entre o Brasil e a França, a Inglaterra e a Allemanha, os tres paizes que constituem o objecto deste nosso estudo,

vemos que em 1913 só a Grã-Bretanha importava assucar das praças brasileiras e só importava typo Demerara e mascavo. A França apparece importando sómente cinco toneladas em 1915, ainda tres em 1916 e seis em 1917.

Em 1916, as difficuldades criadas na Europa á cultura da beterraba levam varios paizes desse continente a importar e importar grandes quantidades de assucar de canna; a França augmenta por esse tempo as suas acquisições no Brasil, importando 16.302 toneladas em 1919. Em 1920, entretanto, essa cifra cae para 1.033 toneladas. Até então a Allemanha, empenhada na guerra e tendo os seus portos bloqueados, interrompe por completo o seu commercio com as nações da America. Em 1920, todavia, já esse paiz importa 102 toneladas de assucar brasileiro e 3.999 em o anno passado. O quadro seguinte demonstra a nossa exportação de assucar para os tres paizes acima referidos de 1918 a 1923.

Exportação em toneladas

1918.	
Allemanha	—
Inglaterra	8.669
França	4.000
1919:	
Allemanha	—
Inglaterra	13.444
França	16.302
1920:	
Allemanha	102
Inglaterra	25.283
França	1.033
1921:	
Allemanha	79
Inglaterra	81.940
França	649

1922:

Allemanha	3.999
Inglaterra	135.797
França	5.775

1923:

Allemanha	156
Inglaterra	68.588
França	1.767

Assim, desde 1913, a importação de assucar que nos faz a Grã-Bretanha é constante, continua e crescente; a que se dirige á Allemanha é agora incipiente, sendo a da França variavel e oscillante. E' mistér estudar por origem todo o commercio de importação de assucar que a Inglaterra recebe annualmente para que possamos ter idéa verdadeira da sua importancia, não só quanto ao volume geral importado, como aos valores que o representam. A Inglaterra importa mais assucar de canna do que outro qualquer paiz da Europa, avaliando-se a importação geral desse producto, refinado e não refinado, canna e beterraba, em cerca de 1.600.000 toneladas.

Differentes são os paizes que fornecem ás praças da Grã-Bretanha, cujas exigencias abrangem não só o producto fino como o de qualidade inferior, destinado a varias applicações e ao movimento de suas numerosas refinarias. Essa industria é muito desenvolvida em todo o Reino Unido. Os productores que mais exportam assucar não refinado, para os mercados inglezes, são Cuba e a Mauricia. O Brasil apparece ao lado do Perú e da India Occidental Ingleza, mas, como já vimos, as nossas exportações são continuas, o que demonstra ser a Inglaterra excellente e seguro mercado para o producto brasileiro.

Ha, porém, necessidade de acondicionar melhor o producto, pois frequentemente surgem reclamações contra o máo estado em que chega aos portos inglezes o assucar exportado do Brasil. Diferença muito pronunciada de temperatura e a longa travessia concorrem, de certo, para esse resultado, que póde ser corrigido, dando-se ao genero melhor envoltorio. O quadro seguinte mostra a importação de assucar não refinado na Grã-Bretanha por procedencia em os dous ultimos annos:

Importação de assucar não refinado em 1922 e 1923

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Polonia	108.813	8.384.387
Allemanha	60.706	2.133
Hollanda	482.955	13.920
Java	161.261.856	260.668.922
Guyana Hollandeza	3.969.664	3.628.594
Cuba	644.634.280	261.553.508
Perú	107.430.700	95.895.871
Brasil	110.257.562	89.768.363
Mauricia	196.387.288	225.462.693
India Ingleza	2.926.300	28.689.808
India Occidental Ingleza..	97.627.900	100.311.508
Outros paizes	82.449.668	118.513.166
Total.....	1.407.597.692	1.192.992.866

Importa a Inglaterra em muito menor quantidade o assucar fino ou refinado, metade ou mesmo menos de metade; ao passo que em 1923 a importação do producto fino foi de 400.000 toneladas, a do assucar inferior representou-se por 1.192.000. Os maiores exportadores de assucar refinado para os mercados inglezes são os Estados Unidos, a Tchecoslovaquia e a Hollanda, como se vê do quadro que segue:

Importação de assucar refinado na Inglaterra

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Hollanda	57.454.901	83.307.326
Belgica	35.153.092	35.087.966
França	6.729.620	239.268
Tchecoslovaquia	50.109.882	113.053.418
Outros paizes europeus.....	6.551.828	17.250.460
Java	11.133.023	11.125.555
Estados Unidos	269.539.974	97.678.290
Canadá	83.879.385	29.064.153
Outros paizes não europeus..	11.373.459	13.638.580
Total.....	531.925.164	400.445.016

A França importa ultimamente maior quantidade de assucar do que a Allemanha, embora muito menos do que a Inglaterra. Em 1922 a importação desse paiz foi de 190.099 toneladas de assucar de canna e de 32.584 de beterraba, o que perfaz o total de 122.683 toneladas; a Allemanha, em o mesmo anno, importa 3.345 toneladas de assucar de canna e 1.256 de beterraba, em um total de 4.601 toneladas. No anno antecedente a importação em os mercados germanicos foi de 86.524 toneladas de assucar de beterraba e de 71.990 de canna. A importação de grande numero de productos soffreu, durante 1923, na Allemanha, enorme redução.

Hoje importa a França maior quantidade de assucar de canna do que de beterraba ou sejam 190.099 daquelle e 32.584 deste, o que succede tambem á Allemanha, cuja importação do producto daquella qualidade, em 1923, foi de 3.345 toneladas, sendo de 1.256 a de assucar de beterraba, como se vê do seguinte:

Importação de assucar em ambos os paizes em 1923

Paizes	Toneladas	
	Beterraba	Canna
Allemanha	1.256	3.345
França	32.584	190.099

Tomando-se por origem a estatistica official da importação de assucar de canna em França, durante o ultimo anno, notaremos que o maior fornecedor desse producto aos mercados francezes é a India Hollandeza, vindo depois a Republica de Cuba e o Perú. O Brasil figura nessa estatistica abaixo dos Estados Unidos. Por outro lado, verifica-se igualmente que a importação de assucar de canna de 1923 já é inferior á do anno antecedente, ao mesmo tempo que a do de beterraba em o anno passado é superior á de 1922, o que parece indicar o inicio da reconquista dos mercados da Europa pelo assucar europeu de beterraba, cuja maior quantidade é fornecida pela Allemanha. Os quadros seguintes demonstram o que affirmamos:

Importação de assucar de canna em França

(Em kilos)

Procedencia	1921	1922	1923
Estados Unidos.....	19.379.000	33.523.000	3.664.000
Brasil.....	1.555.000	1.130.000	2.593.000
India Hollandeza.....	22.162.000	59.520.000	105.801.000
Perú.....	4.461.000	—	14.895.000
Cuba.....	32.875.000	171.491.000	51.275.000
Polonia.....	—	—	—
Hollanda.....	—	—	106.000
Luxemburgo.....	7.328.000	861.000	7.308.000
Canadá.....	—	2.812.000	1.197.000
Outros paizes.....	—	4.721.000	3.260.000
	87.760.000	274.058.000	190.099.000

Importação de assucar de beterraba

(Em kilos)

Procedencia	1921	1922	1923
Allemanha.....	—	—	13.667.000
Polonia.....	1.332.000	—	4.841.000
Belgica.....	16.638.000	13.547.000	6.557.000
Hollanda.....	—	202.000	7.423.000
Tchecoslovaquia.....	330.000	3.090.000	56.000
Hungria.....	—	—	40.000
Total.....	18.350.000	16.839.000	32.584.000

Os algarismos acima transcriptos, quanto ao assucar de canna importado do Brasil pela França, demonstram o augmento de sua exportação a contar de 1921 e embora já se

preveja a futura invasão dos mercados francezes pelo producto de beterraba dos paizes visinhos, além da maior produção da propria França, devemos trabalhar no sentido de se manter para Marselha e Havre essa corrente de commercio ultimamente criada.

Passa-se nos portos francezes o que se observa nos da Inglaterra; o assucar exportado do Brasil, algumas vezes, não chega em estado de bõa conservação, originando-se dahi certa desconfiança contra a sua procedencia. Emquanto havia na Europa necessidade extrema do producto, tudo se accoitava ainda que sob protesto; passada a crise, porém, as exigencias são mais serias e os importadores descontentes appellam para outras fontes.

«Recebe-se em Marselha — escreve J. Praddon, importador de productos do Brasil — assucar de procedencia brasileira, que desgraçadamente chega, não raro, muito humedecido, isto é, completamente privado de glucose. E' por isso mistér estabelecer nos contractos de venda que o producto só será recebido, quando conferir com os pedidos. Pedindo-se branco e secco, o assucar embarcado deve ser branco e perfeitamente secco.»

«Os assucares brasileiros — escreve Mignot & Comp., importadores no Havre, — sendo geralmente *gordos* e humidos, devem ser acondicionados com embalagem dupla, com algodão e juta, ao contrario do que se faz habitualmente. O producto importado do Brasil vem revestido sómente de tecido de algodão muito ligeiro, que não o protege contra a brusca variação da temperatura e da humidade do ar, de sorte que, depois de algum tempo de armazenagem, vae-se formando sobre as camadas do assucar, visinhas ao sacco, uma crosta espessa que o deprecia. Os exportadores brasileiros devem ter a compensação dos gastos a maior, provenientes de um acondicionamento mais solido, nos melhores preços que obterão para o producto que assim se poderá conservar em bom estado nos armazens e entrepostos.»

*
*
*

Os mercados da Allemanha eram mercados fechados para o assucar do Brasil; grande productora de assucar de beterraba

e por isso fazendo desse producto avullada exportação para outros paizes da Europa, não figura em as nossas estatisticas de 1913, periodo em que havia chegado justamente ao maior auge a sua producção assucareira. Produz, então, a industria germanica 2.700.000 toneladas de assucar de beterraba, de que exporta mais de metade, apesar de seu vultuoso consumo. Em 1920 esse paiz importa do Brasil 102 toneladas de assucar de canna, importando 79 em 1921, 3.999 em 1922 e ainda 156 em o anno passado. A guerra perturbou tanto essa industria que em 1920 a producção do assucar na Allemanha era apenas de 1.000.000 de toneladas.

A importação geral da Allemanha, comprehendendo beterraba e canna, é de 4.601 toneladas em 1923, tendo sido de cerca de 158.000 em o anno antecedente. Os maiores exportadores de assucar de canna para as praças allemãs são os Estados Unidos e a India Hollandeza, sendo que o Brasil está acima de Cuba. Quanto ao assucar de beterraba os fornecedores mais importantes são a Hollanda e os Estados Unidos. Diminue em 1923 a importação de assucar de beterraba na Allemanha, como diminue a do assucar de canna, apresentando os mercados germanicos, em o anno passado, uma differença enorme na importação total desse producto. Os quadros seguintes confirmam o nosso dizer:

Importação de assucar de canna na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Inglaterra	1.999.000	15.700
India Hollandeza.....	23.399.100	2.940.300
Brasil	8.539.900	77.000
Canadá	1.260.000	—
Cuba	5.130.500	15.900
Guatemala	2.492.100	3.800
S. Salvador.....	785.600	10.300
Estados Unidos.....	27.523.200	252.500
Outros paizes.....	861.300	30.100
Total	<u>71.990.700</u>	<u>3.345.600</u>

Importação de assucar de beterraba na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Dantizig	4.030.400	28.000
Belgica	1.619.700	20.500
Inglaterra	4.282.600	2.000
Hollanda	36.695.900	699.600
Tchecoslovaquia	8.677.000	288.800
Polonia	716.900	—
Canadá	1.010.200	—
Estados Unidos	28.348.300	175.900
Outros paizes	1.143.400	41.600
Total	<u>86.524.400</u>	<u>1.256.400</u>

Evidencia-se da analyse a que procedermos sobre essas tres correntes de exportação do Brasil para a Inglaterra, França e Allemanha que, si os mercados inglezes se mantêm firmes quanto á importação do assucar brasileiro, principalmente do Demerara, para o gasto de sua grande industria, os da França e da Allemanha manifestam pronunciada tendencia de se retrahirem, para importar menos pelo crescer de sua propria produçção. Emquanto a guerra desviava dos campos grande numero de braços, difficultando a vida agricola desses paizes, assaltou-os a necessidade imperiosa de importar assucar para o seu consumo a que a produçção já não bastava.

Isso mesmo se deu em toda a Europa, durante os annos da guerra e até depois de feita a paz, porque, reduzido o cultivo da beterraba e o seu aproveitamento nas grandes usinas, todos os paizes do velho mundo começaram a importar assucar de canna e dahi o appello ao Brasil e a outros productores de assucar dessa qualidade. E' então que apparece a França importando do Brasil 16.302 toneladas em 1919, a Hespanha 2.100 a Italia 2.100 e Portugal 2.017. Em 1922 a Belgica importa 4.793 toneladas, a França 5.775, a Hollanda 8.348 e Portugal 22.206.

Era a produçção mundial de assucar de beterraba superior á do de canna até 1914, quando a agricultura adeantada

tinha conseguido enriquecer a beterraba de maior dóse de saccharose, ao mesmo tempo que a industria extractiva aproveitava todos os principios uteis desse tuberculo. A cultura de canna, embora adeantadissima em Cuba e em outras zonas productoras, ficava em plano inferior quanto a cifras que, a esse tempo, representavam a producção geral no mundo.

No periodo de 1912 a 1913 a producção mundial de assucar de beterraba foi de 89.379.760 quintaes, sendo a producção de 1923-1924 calculada em 58.757.659, o que demonstra a quéda occasionada pela guerra daquelle periodo em deante. Nota-se, ao contrario, que a producção do assucar de canna, até ahi inferior em volume á do de beterraba, começa a crescer e crescer muito. O total das safras de 1913 em todo o mundo foi avaliado em 88.596.366 quintaes, sendo estimado o correspondente a 1923-1924, em 141.058.181, como se vê dos quadros que seguem:

Producção mundial de assucar de beterraba

Paizes	1923-1924 Quintaes
Allemanha	11.304.000
Austria	480.800
Belgica	2.959.598
Bulgaria	285.645
Dinamarca	1.040.000
Hespanha	1.850.000
França	5.232.904
Hungria	1.226.120
Italia	3.031.032
Paixes Baixos	2.110.766
Polonia	4.144.056
Rumania	725.400
Russia européa	3.505.000
Suecia	1.494.299
Suissa	58.000
Tchecoslovaquia	9.996.954
Canadá	200.000
Estados Unidos	9.113.085
Total	<u>58.757.659</u>

Produção mundial de assucar de canna (*)

Paizes	1923-1924 Quintaes
Hespanha	120.000
Equador	170.000
Cuba	41.400.000
Estados Unidos	1.533.143
Guatemala	220.000
Guadelupe	250.000
Guyana Ingleza	922.144
Guyana Hollandeza	108.532
Haiti	100.000
Antigua	85.000
Jamaica	330.000
S. Christovão e Neves	100.000
Trindade e Tobago	550.000
Martinica	170.000
Mexico	1.350.000
Nicaragua	100.000
P. Rico	3.683.170
R. Dominica	2.000.000
Venezuela	185.000
Ceylão	115.080
Formosa	4.521.389
India Britannica	33.143.100
Filipinas	5.334.240
Egypto	1.000.000
Hawai	5.490.000
Argentina	2.569.040
Brasil	6.444.100
Perú	3.100.000
Java	17.996.000
Mauricia	2.015.000
Moçambique	600.000
Reunião	420.719
União da Africa do Sul	1.778.083
Australia	2.864.932
Ilhas Fidji	350.000
	<hr/>
	141.058.181

As culturas de beterraba e a fabricação de assucar comecam a augmentar na Europa desde 1919 e tal foi o abandono

(*) Instituto I. de Agricultura de Roma — *Anuario*.

em que haviam cahido, durante o periodo da guerra, em toda a Allemanha e na França, que esse augmento vae sendo muito demorado, como se vê do quadro que transladamos de uma publicação digna de fé:

Estimativa da produção de assucar de beterraba na Europa

Paizes	Toneladas		
	1919-1920	1920-1921	1921-1922
Allemanha	716.000	1.409.000	1.300.000
Tchecoslovaquia	507.000	715.000	650.000
França	172.000	337.000	300.000
Hollanda	239.000	317.000	335.000
Belgica	147.000	243.000	270.000
Austria	5.000	14.000	16.000
Hungria	11.000	33.000	45.000
Dinamarca	158.000	137.000	149.000
Suecia	145.000	164.000	228.000
Italia	170.000	122.000	200.000
Hespanha	89.000	223.000	110.000
Polonia	140.000	171.000	205.000
Outros paizes	120.000	100.000	120.000
Total.....	2.619.000	3.685.000	3.928.000

Restaurada, porém, a cultura da beterraba em toda a Europa pela normalização de sua economia, de modo que a Allemanha e a França voltem a tomar a posição que tinham em 1913 na industria fabril de assucar, é claro ir-se-á restringindo, como já se nota, em esses paizes a importação do assucar de canna, não só pelo augmento da produção propria como pela importação do de beterraba dos paizes visinhos, cujo preço, dada a vizinhança e a barateza do fabrico, será muito mais modico.

E' por isso que as 16.302 toneladas de assucar brasileiro, importadas em 1919 pela França, já se reduziram a 5.775 em 1922 e ainda a 1.767 em o anno passado, do mesmo modo que as 3.999 toneladas adquiridas pela Allemanha em 1922 se reduziram a 156 em 1923. As importações da Inglaterra,

apesar de não attingirem jámais ás cifras de 1922, se representam ainda por 68.588 toneladas. O mercado inglez, como ficou anteriormente dito, é um mercado firme e os da França e da Allemanha, embora sem aquella intensidade, podem proporcionar ao Brasil a continuação do commercio iniciado, pois o consumo de assucar em todos os paizes da Europa revela clara tendencia de augmento.

Urge que a industria indigena aproveite a lição dos outros productores adeantados para dar á canna o maximo de riqueza em sácharose e extrahir igualmente della tanto quanto já lhe extraem as melhores fabricas do mundo. Por outro lado é mistér que o commercio exportador melhore o acondicionamento do producto para embarque, de accórdo com as exigencias das praças importadoras quanto á boa conservação do producto, principalmente quando elle se destina a paizes europeus.

O systema de acondicionamento em saccas, esteiras de palha ou barris, não é questão de somenos importancia, porque delle depende a conservação do assucar em bom estado, maximé quando se trata de longas travessias por mar e de clima como o do Brasil para o da Europa. A saccaria de algodão revestida com juta ou o acondicionamento em barricas são mais dispendiosos, porém, como lembram os importadores na França, offerecem as melhores garantias á sua conservação.

Já é tempo de attendermos ás reclamações que se nos fazem nesse sentido, se queremos manter os mercados conquistados e augmentar as nossas exportações para a Europa.

BORRACHA

A exportação geral de borracha do Brasil é hoje inferior á de 1913, em metade do volume que a constituiu naquelle anno e é ainda menor do que a de 1922. Exportavamos em 1913, antes da guerra, 36.231 toneladas de gomma elastica na sua generalidade, proveniente da Amazonia; em 1923, essa exportação se representa apenas por 17.995. Naquelle tempo, porém, como ainda hoje, os Estados Unidos absorvem annualmente a maior parte de nossa producção, exportando-se quasi todo o restante para a Europa — Inglaterra, França e Allemanha. A exportação para os Estados Unidos em 1913 foi de 16.806 toneladas ou seja cerca de metade da borracha exportada do Brasil em aquelle anno. O quadro seguinte esclarece o caso:

Exportação do Brasil em toneladas

Annos	Exportação		Total da exportação
	para os Estados Unidos	Exportação para outros paizes	
1913	16.806	19.426	36.232
1917	22.390	11.608	33.998
1918	17.692	4.918	22.210
1919	22.932	10.668	32.600
1920	13.609	9.988	23.587
1921	10.125	7.314	17.439
1922	9.485	10.370	19.855
1923	9.933	8.062	17.995

Logo após á conflagração e apesar dos embaraços do transporte, augmentaram muito as correntes de exportação do Brasil para as praças da Europa, principalmente de productos alimenticios e certas materias primas destinadas a grandes industrias; com a borracha, no entanto, esse facto não se verificou, diminuindo, ao contrario a cifra da sua exportação geral. Depois de 1913 a exportação de borracha brasileira, comprehendendo todas as qualidades que se extrahem no paiz, jámais attingiu os algarismos que a representaram naquelle anno, como se comprova com o quadro antecedente. Neste decennio não se formam novas corrente de exportação, pois se a Italia e a Suecia adquirem de 1916 a 1917 alguma borracha em nossos mercados, esse commercio é logo interrompido ou não toma maior vulto em os annos subseqüentes.

Sendo a Inglaterra, a França e a Allemanha, desde 1913 e depois dos Estados Unidos, os paizes da Europa que mais importam borracha do Brasil, é, entretanto, a Inglaterra a maior importadora ainda hoje, apezar da producção formidavel de suas colonias, onde a gomma de plantação tomou o mais espantoso desenvolvimento. E' exacto que a sua importação actual é tres vezes menor do que a de 1913, mas, mesmo assim, é maior do que a da França e da Allemanha. Em 1913 os mercados inglezes nos compravam 13.836 toneladas de borracha; agora apenas nos compram 3.019, em todo caso, mais do que a França, que importa 1.825 e do que a Allemanha, cuja importação se expressa o anno passado por 1.812 toneladas.

Diminuida a producção amazonica pela concurrencia do Oriente, as exportações diminuíram tambem na mesma proporção, porque em geral a determinante da maior colheita de um producto, como a borracha do Brasil, de simples extração, é o preço que se lhe offerece nos centros de consumo. Assim a exportação para a França é hoje inferior á de 1913, o que tambem acontece com referencia á Allemanha, cujo mercado tende a alargar-se bastante para o artigo brasileiro. O quadro seguinte demonstra a posição desses mercados quanto ao Brasil:

Exportação de borracha por destino (*)

Annos — Paizes	Kilos	Valor
1913:		
Inglaterra	13.836.087	63.541:028\$000
França	2.787.865	13.361:322\$000
Allemanha	685.359	2.869:847\$000
1919:		
Inglaterra	6.529.257	23.386:302\$000
França	2.185.369	7.737:935\$000
Allemanha	1.136	3:015\$000
1920:		
Inglaterra	6.989.599	18.889:681\$000
França	1.304.817	3.230:172\$000
Allemanha	622.241	1.329:200\$000
1922:		
Inglaterra	4.285.181	11.409:027\$000
França	2.377\$572	5.133:828\$000
Allemanha	2.530.134	5.857:594\$000
1923:		
Inglaterra	3.019.077	14.054:088\$000
França	1.825.199	8.242:050\$000
Allemanha	1.812.053	8.377:023\$000

Estudando particularmente os mercados de borracha da Inglaterra, França e Allemanha, cada um de per si, verificaremos que o da Grã-Bretanha é o que importa e accumula maiores quantidades desse producto na Europa, vindo depois a França e em seguida a Allemanha, como se vê do seguinte:

Importação geral de borracha em 1923

Paizes	Toneladas
Inglaterra	81.451
França	43.226
Allemanha	20.107

(*) Estas cifras só comprehendem a borracha amazonica. A exportação da gomma de mangabeira, maniçoba, etc., é, em conjuncto, de pouca monta.

Importando 81.451 toneladas de borracha em 1923 de varias procedencias, a Inglaterra importa apenas 3.019 do Brasil, o que representa sobre aquelle total uma percentagem bastante diminuta. As maiores cifras da importação britannica são as que se referem aos Estados Malaios, aos estabelecimentos do Estreito e a Ceylão. Comparada a importação de 1922 com a de 1923, vê-se o grande augmento que experimentaram nesse sentido os mercados da Inglaterra, elevada a cifra da borracha importada de 67.902 toneladas em 1922 a 81.451 em o anno passado.

Infelizmente, ao passo que se avolumam os algarismos da importação total de borracha na Grã-Bretanha, diminuem os que indicam as nossas exportações para os mercados inglezes e caem de anno a anno, á medida que cresce a producção do Oriente. As maiores exportações do producto brasileiro, em 1919 e 1920, para a Inglaterra, não se repetem, como se vê deste quadro:

Exportação de borracha (hevea) do Brasil para a Inglaterra

Annos	Toneladas
1919	6.529
1920	6.989
1921	1.889
1922	4.285
1923	3.019

E' claro que, dadas as exigencias do elevado consumo de gomme elastica no mundo, ou sejam 380.000 toneladas por anno, pela generalidade de applicações a que se destina, a producção total do Brasil representa parcella minima ao lado dos grandes productores do Oriente, onde o emprego de processos aperfeiçoados de coagulação e a barateza de mão de obra têm permittido fabricar borracha de bôa qualidade e excellente apparencia, embora intrinsecamente inferior, sob certos aspectos, á fina gomme da Amazonia. Da leitura dos quadros que vão adiante, referentes á importação geral desse producto na Grã-Bretanha, França e Allemanha, verifica-se

quanto é formidável essa concorrência e como é limitadíssima a quota que cabe ao Brasil na importação dos grandes mercados:

Importação de borracha na Inglaterra em 1922 e 1923

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Estabelecimentos do Estreito	17.109.565	37.547.647
Estados Malaioes	22.789.952	16.473.028
India Ingleza	2.910.660	3.101.127
Ceylão	10.306.427	11.141.005
Possessões Orientaes	6.801.459	7.790.988
Brasil (*)	4.301.534	3.597.275
Perú	6.622	69.174
America Central	227.253	142.838
Africa Occidental	180.396	768.080
Africa Oriental	93.350	244.309
Outros paizes	174.868	575.530
Total	<u>67.902.086</u>	<u>81.451.001</u>

A França é na Europa, depois da Inglaterra, o paiz que mais importa borracha para as necessidades do seu consumo, pois a sua industria manufactora, que utiliza essa materia prima, logrou tomar enorme desenvolvimento nos ultimos annos após a conflagração européa. Esse desenvolvimento vaé exigindo maior volume de importação que, por sua vez, cresce annualmente na mesma escala, como se vê do seguinte:

Importação geral de borracha em França

Annos	Toneladas
1921	22.993
1922	33.406
1923	43.226

(*) Ha sempre divergencia entre as cifras das estatisticas do Brasil e as das estatisticas officiaes de outros paizes.

Em 1913 a França importava mais borracha do Brasil do que a Alemanha, porém, muito menos do que a Inglaterra, apenas 2.781 toneladas para 13.836, que constituíram a importação da Grã-Bretanha em aquelle anno. No correr do decennio as importações da Inglaterra passaram a cair muito, mas, apesar disso, ainda são maiores do que as da França, como se vê do quadro seguinte:

Importação

Annos	Inglaterra	França
1913	13.836	2.787
1918	3.277	871
1919	6.529	2.185
1920	6.989	1.304
1921	1.889	2.240
1922	4.285	2.377
1923	3.019	1.825

Analysando-se a importação annual de borracha que a França realiza de varias origens, verificamos que as praças francezas se abastecem, principalmente, nos mercados inglezes e que as importações dessa procedencia vão sendo crescentes; desta fórmula a França importa directamente da Inglaterra 10.621 toneladas em 1921, importando 15.854 em 1922 e, finalmente, 20.699 em o anno passado. São fornecedores directos dos mercados francezes, além da Grã-Bretanha, a India Ingleza, a Indo-China e o Brasil. As parcelas com que a Inglaterra concorre sempre para as importações da França representam metade do total importado; é assim que na importação de 1921, consignada pela estatística official em 22.993 toneladas, a Inglaterra figura com 10.631; na de 1922, ou sejam 33.406 toneladas, o mesmo paiz apparece com 15.854 e ainda na de 1923, expressa por 43.226 toneladas, encontram-se 20.699 de procedencia directamente ingleza.

São insignificantes as cifras que indicam as importações do Brasil, ao lado das que representam as de outras procedencias, pois em 1923, acima das 2.351 toneladas exportadas pelas praças brasileiras, apparecem as 8.560 da India Ingleza, as 3.886 da Indo-China e as 5.955 de outros paizes. O quadro seguinte esclarece melhor esses pormenores:

Importação de borracha em França

	1923	1922	1921
Brasil	2.351.500	4.268.600	3.410.600
Inglaterra	20.699.800	15.854.200	10.631.700
Congo Francez	812.500	787.800	234.500
Africa Occ. Franceza	758.800	366.600	643.600
India Inglesa	8.560.100	5.094.700	2.003.500
Costa Occ. d'Africa ..	202.200	226.600)	
Indo-China	3.886.100	3.070.900)	6.059.400
Outros paizes	5.955.500	2.926.600)	
Total	43.226.500	33.406.000	22.993.300

* * *

A Allemanha sempre foi para a borracha do Brasil um mercado fraco em confronto com os da França e Inglaterra, mesmo antes da conflagração; quando a Inglaterra nos importava 13.836 toneladas e a França 2.787, a importação da Allemanha era bastante inferior á deste ultimo paiz. Depois que os portos allemães reencetaram o intercambio com as praças brasileiras foi que tomou maior surto as nossas exportações de borracha para aquelle destino. A Allemanha importa hoje, muito maior quantidade do que importava em 1913, embora tenha desaparecido em 1923 a elevação alcançada em o anno anterior, como se vê do seguinte quadro:

Exportação de borracha para a Allemanha (*)

Annos	Toneladas
1913	685
1918	—
1919	—
1920	622
1921	2.158
1922	2.530
1923	1.812

Demonstra a estatística da importação geral da borracha, na Allemanha, nos ultimos dous annos, que os seus mercados, se retrahiram um pouco, havendo no cotejo das cifras que re-

(*) Todas as qualidades — mangabeira, manigoba, seringa, etc.

presentam esse commercio, em 1922 e 1923, um *deficit* de cerca de 10.000 toneladas, verificado neste ultimo anno. A importação, que em 1922, foi de 29.811 toneladas, é apenas de 20.107, o anno transacto. Isso, de certo, é a consequencia da crise financeira por que tem passado o paiz nos ultimos tempos, causa determinante da limitação de trabalho nas fabricas, que empregam essa materia prima.

Estudando ainda essa importação por origem ver-se-á que o maior fornecedor de borracha á Allemanha é a India Hollandeza e só depois desta vem a India Ingleza. As possessões hollandezas, em 1923, fornecem á Allemanha, 9.448 toneladas de borracha e a India Ingleza 2.831. O Brasil concorre com 1.309 toneladas, em 1923, para o total de 20.107. E' uma cifra insignificante. São, tambem, directamente vendedores de borracha aos mercados allemães Ceylão, o Congo-Belga, a Hollanda e a Africa Ingleza. As importações da India Ingleza e de Ceylão são mais volumosas do que as do Brasil.

O quadro seguinte esclarece o caso:

Importação de borracha, gutta-percha e balata na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Inglaterra	218.500	152.300
Hollanda	182.000	50.800
Africa Or. Ingleza	188.700	110.300
Africa Occ. Ingleza	183.100	183.900
Africa Occ. Franceza	358.900	174.100
Congo-Belga	699.000	338.400
India Ingleza	6.238.100	2.831.900
Malacca Ingleza	838.200	884.600
Ceylão	6.262.000	3.976.700
India Hollandeza	10.470.000	9.448.300
Bolivia	351.000	107.400
Brasil (*)	2.818.500	1.309.000
Estados Unidos	124.200	45.200
Outros paizes	886.000	569.900
Total	29.811.200	20.107.800

(*) Ha divergencia entre estas cifras e as da Estatistica Commercial.

Do estudo a que procedemos acerca da situação da borracha amazonica, tendo em confronto as estatísticas de importação geral desse producto em os mercados da Inglaterra, França e Allemanha, somos levados a verificar, pelas cifras referentes a este decennio, anno a anno, que, apesar do decrescimo de mais de $\frac{3}{4}$ que experimentou a exportação do Brasil para as praças inglezas e da oscillação em que se tem mantido sempre a que realizamos, annualmente, para a França e ainda a diminuição das importações na Allemanha, todos esses mercados não dispensam o producto brasileiro.

A excellencia intrinseca da borracha da Amazonia está amplamente reconhecida e sempre foi confessada pelos grandes fabricantes da America do Norte, Inglaterra, França e Allemanha e tão divulgadas têm sido essas opiniões a respeito de sua imprescindibilidade para a manufactura de certos artigos, que nos julgamos dispensados de reproduzir o que de alguns delles, ainda agora em Berlim e em Londres, tivemos ensejo de ouvir. São a resistencia maxima de que é dotado o producto amazonico, o seu elasterio sempre invariavel e a durabilidade que apresenta, mesmo muito tempo depois de manufacturado, os principaes caracteristicos que tem feito resistir ante a formidavel concurrencia asiatica e lhe conferiam cotações mais elevadas, quando representado pelo typo conhecido no exterior com o nome de *Fina Pará*. Essa superioridade se dava em todos os grandes mercados.

Taes excellencias, entretanto, se escondem sempre sob a forma mais desagradavel, porque a borracha seringa, preparada pelo indigena na Amazonia, ou em Matto Grosso, sem o necessario cuidado e limpeza, apresenta nos mercados de consumo grande percentagem de impurezas e detritos, além de humidade excessiva, defeitos que ainda se aggravam pela falta absoluta de classificação regular e uniforme. Esses inconvenientes, por seu turno, mais se fazem notar em confronto com a produção do Oriente, de Ceylão e da Malaia, cujos processos de colheita e coagulação lhes proporcionam productos finos, de bellissima apparencia e tão limpos que dispensam o trabalho de beneficiamento posterior.

A exposição de Wembley, realizada durante o periodo de abril a outubro do corrente anno, deu ensejo ás possessões da Grã-Bretanha de mostrarem ao mundo, mais uma vez, o seu adiantamento na cultura e preparo de plantas tropicaes, entre as quaes a borracha representa em quantidade, qualidade e valor, extraordinario progresso. Esse desejo de apresentar ao consumidor, ao industrial e ao fabricante, um producto bem preparado e aprazível á vista, tem levado os dirigentes das grandes plantações do Oriente a apurarem os processos de colheita e coagulação de tal modo que já os *crepes* variados e as laminas não satisfazem; procuram e acham agora outras muitas fórmãs em que vasam o latex e pelas quaes lhe dão, entre outros, o formato de parallelogrammos, cubos e trapezios, de apparencia tanto mais agradável quanto a borracha, de côr amarella e muito transparente, se nos afigura ambar ou vidro. Nem se poderá dizer que se trata de amostras para exposição, feitas de proposito para esse fim, com esmerado capricho, pois quem visita os maiores estabelecimentos dessa manufactura, nos grandes centros fabris, lá encontra a generalidade do producto da Asia, preparado com o mesmo esmero e com a mesma limpeza, o que falta sempre ao da Amazonia.

«A borracha do Brasil—nos diz o Dr. Dario Freire (*) consul do Brasil em Liverpool—em memorial que nos forneceu a pedido, nosso, quando em Londres procurámos estudar este assumpto—apesar de sua boa qualidade, como attestam varios fabricantes com quem tenho tratado desse caso, sendo mesmo intrinsecamente superior á de plantação do Oriente, não consegue obter os preços que se lhe deviam dar pelas seguintes razões:

- a) falta de classificação;
- b) abundancia de impurezas;
- c) humidade em alta dóse.

(*) O Dr. Dario Freire, agora fallecido, prestou-nos valioso auxilio durante a nossa estadia na Inglaterra, no estudo das exportações do Brasil para aquelle paiz. Alliando a um espirito lucido e brilhante uma vontade constante e firme de servir ao seu paiz, o Dr. Dario Freire deixa lacuna sensível no corpo consular brasileiro. Prestamos á sua memoria, de publico, essa homenagem merecida.

A falta de classificação que mereça fé, ou melhor, a balburdia dos nomes com que se exporta a borracha nacional, ageitada nas praças de Manáos e Belém, conforme a conveniência dos exportadores, sem uniformidade, não inspira confiança aos importadores em os grandes mercados de consumo. E' a situação, em geral, de todos os outros productos brasileiros. Dahi vem a incerteza das cotações e como consequencia fatal a sua depreciação.

A abundancia de impurezas encontradas na borracha brasileira, ao lado da humidade em alta dóse, que sempre se lhe nota, occasiona quebra certa no respectivo peso; isso determina cotação inferior para que, por essa maneira, se cubra o comprador desse prejuizo que só posteriormente pôde ser verificado. Segundo informações colhidas em fonte insuspeita, essa quebra varia entre 12 1/2 e 17 %. E' claro, portanto, que os preços de venda, nos mercados estrangeiros, de um producto que offerece essa differença quando vae ser manipulado, deve experimentar os efeitos della decorrentes, na sua razão directa. E' o que se dá.

Faz-se, por consequencia, mistér, si queremos augmentar essa fonte de nossas riquezas, preparar bem o producto amazonico, aproveitando-se a sua excellencia intrinseca para se lhe dar boa apparencia e exportal-o sem os defeitos que presentemente o relegam a segundo plano, abaixo dos crepes, cubos e laminas de borracha das plantações do Oriente, de cor magnifica e transparencia delicada, embora lhes falem os caracteristicos da borracha defumada da Amazonia.

A verdadeira intuição dessa imperiosa necessidade teve-a o Governo da Republica em 1912, quando, conhecedor do progresso que iam tomando as plantações da Asia e a excellencia dos processos que alli se ensaiavam para o preparo da gomma elastica, já então cotada, muitas vezes, em nível superior ao em que se negociava a do Brasil, procurou pôr em pratica o plano denominado—A Defesa Economica da Borracha, ou Defesa do Norte.

As estatisticas das plantações asiaticas, amplamente divulgadas em revistas e publicações inglezas daquelle tempo, annunciavam ao Brasil, com a precisão de suas cifras verificadas

e incontestes, a marcha vertiginosa e ascendente da produção do Oriente, onde as grandes companhias inglezas e hollandezas debravam e redobravam capitaes no cultivo da *havea*, delineando-se, assim, cada vez mais clara e cada vez mais proxima, a ameaça tremenda que vinha pairando sobre a produção brasileira. De facto, o Governo da Republica, não cruzando os braços ante o perigo, adoptou o plano administrativo que o Congresso approvou e que abrangia em seu conjuncto, além do amparo da borracha, a defesa de todo o norte e de cuja execução ininterrupta e intelligente, embora demorada pela complexidade do assumpto e pela extensão das medidas que o constituíam, era de esperar o mais completo exito.

Quem, com effeito, analysar attentiosamente o decreto legislativo n. 2.543 A, de 5 de janeiro de 1912, em todas as suas disposições e providencias, verificará que aquella lei encerra, com sabedoria, as bases largas e seguras de um vasto plano, capaz não só de ter minorado a sorte da Amazonia, proporcionando-lhe poderosos recursos com que fazer face á crise que a ameaçava na sua principal riqueza exportavel, como de armal-a de novas e abundantes fontes de produção, compensadoras dos males decorrentes da quêda da borracha, caso esta, mesmo amparada pelas medidas de que o plano cogitava, não acabasse vencendo na lucta da concorrência em os grandes mercados de consumo.

Infelizmente, com a substituição do governo que iniciara a pratica daquellas providencias, mudou-se tambem a orientação firmada sobre o assumpto. Ficou dahi em deante a Amazonia entregue á sua propria sorte, desamparada no campo da concorrência desigual que á industria extractiva da borracha move a das plantações do Oriente, depois de lhe terem accenado com as mais lisongeiras promessas e esperanças, esquecidos todos de que nesse desastre se ia tambem uma das mais importantes fontes de ouro com que o paiz contava nas praças do exterior.

A resistencia do producto nacional, dada a sua superioridade intrinseca, permittiu todavia que, mesmo sem amparo, a Amazonia fosse atravessado nessas intermittencias de agonia e penuria os periodos mais agudos da crise, até que, ven-

cidos todos pela superprodução, as proprias companhias do Oriente em 1922 accordaram na pratica das medidas consignadas no plano Stevenson, das quaes a primeira é diminuir a produção e refer nos grandes centros productores parte das colheitas desde que os preços desçam abaixo do nivel estabelecido.

A execução desse plano, prestigiado pelo Governo da Inglaterra, embora sem o apoio da Hollanda, cujas plantações comprehendem presentemente 1.000.000 de acres, favoreceu indirectamente a industria da Amazonia, animando um pouco as nossas exportações, nos ultimos annos, pela melhora dos preços em todos os mercados.

Não tivera o Brasil interrompido a execução do plano iniciado, desenvolvendo-se na Amazonia as plantações systematicas nos pontos de mais facil accesso ao transporte, o que tornaria a produção mais barata, ao mesmo tempo que se teriam aperfeiçoado os methodos de colheita e coagulação da borracha e a lucta com o similar do Oriente teria sido mais facil e della poderiamos sahir vencedores, tendo em vista a excellencia natural do producto de arvores nativas. Nos dez annos decorridos, desde então até 1920, na mais condemnavel incercia de nossa parte, as grandes plantações da Asia, servidas por capitaes avultados e dirigidas por organizações industriaes intelligentes e poderosas, não perderam tempo, aperfeiçoando mais e mais o producto e cogitando de empregar o processo de defumação a que se attribue a superioridade da borracha amazonica em confronto com a do Oriente, processo hoje ensaiado alli por algumas companhias.

Faltam-nos elementos para ajuizar com segurança da excellencia do producto defumado do Oriente em cotejo com a *Fina Pará*, cujas cotações sempre foram, em todos os mercados do mundo, superiores ás do producto das plantações inglezas e hollandezas da Asia; o facto porém é que essa mesma superioridade de cotações da borracha fina do Brasil vae desapparecendo, não só em confronto com a defumada asiatica como com a *crepe* da mesma origem, coagulada pelo primitivo systema. Até 1919 essa superioridade se mantinha nos mercados de Nova York para o producto da Amazonia; de 1920 a 1922 oscillam as maiores cotações entre a borracha do Bra-

sil e a da India. Em 1923 e 1924 as cotações da gomma elastica amazonica, ou *Fina Pará*, são inferiores sempre ás do producto oriental, como se vê do seguinte quadro:

Preços médios da borracha em Nova York de 1913 a 1924 em centimos por libra

	Janeiro Agosto							
	1913	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1924
Crepe . .	80 ¾	50 39	18 ¼	17 ¼	29 ½	23 ¾	26 ½	
Fina Pará.	92 ½	56 37 ½	18 ½	19 ¾	28	21 ¾	26	

Nos outros mercados consumidores nota-se este mesmo facto quanto á cotação da borracha fina Pará e a do Oriente defumada, como se vê do quadro que trasladamos adiante:

Preços da borracha em 1924

Londres — Setembro:

Plantação crepe de 13 7/8 d. a 14 d. por libra.

Defumada em folha de 13 7/8 d. a 14 d. por libra.

Fina-Pará 13 1/3 por libra.

Liverpool — Maio:

Plantações. Defumada em folha 11 ¾ por libra.

Pará-fina 10 3/4 a 11 1/2 por libra.

E' incontestavel que o plano Stevenson tem produzido bons resultados desde o inicio de sua execução até os primeiros mezes do corrente anno, apesar da resistencia que lhe têm opposto as companhias hollandezas, contrarias á clausula de se restringirem as colheitas e se limitar a exportação e a parcella que na producção mundial cabe á India Oriental Hollandesa é consideravel, como se vê deste quadro:

Area actual das plantações da borracha

Paizes	Areas — Plantações totaes — Percentagem para cada territorio — Area productora avallada, 1923 (acres) — Producção actual por acres (libras).		
Malaia	2.230.000	57	1.672.500 264
India Hollandesa	1.000.000	25	750.000 374
Ceylão	410.000	25	307.500 270
India	127.900	3	95.250 151
Outros paizes	160.000	4	120.000 293

Pelo que se vê do quadro acima transcripto a resistencia da India Hollandeza á realização integral do plano Stevenson, quando a massa de sua producção é tão volumosa, poderá determinar o fracasso completo daquella combinação ou, pelo menos, uma sensível redução na somma total dos beneficios que della se poderiam esperar, sendo evidente que a melhoria dos preços da borracha, ultimamente verificada em todos os grandes mercados de consumo, justamente quando haviam cahido a cifras desanimadoras, é o resultado de sua execução por parte da Inglaterra.

Nestas condições, a situação mundial da borracha é muito incerta daqui por deante, salvo si o consumo se desenvolver de tal modo que absorva os grandes *stocks* que se devem acumular em todos os mercados pela producção crescente da Asia, desde que não se mantenham de pé os diques que a combinação Stevenson, congregados em torno della todos os grandes productores, conseguiu erguer em proveito dessa industria. E' o que nos revelam as estatisticas da producção e do consumo.

Em 1920 a producção global da borracha foi de 304.816 toneladas, tendo decrescido em 1921 para 271.233; em 1923 já se eleva novamente a 384.771 e, pelos calculos mais modestos, deve ser de 525.937 em 1928. E' exacto que ultimamente não se tem registrado noticia de novas plantações, verificando-se irem as antigas alcançando agora o maximo da sua productividade, de fórma que este calculo póde peccar pela moderação e nunca pelo exaggero. O quadro seguinte indica as areas plantadas, a producção já apurada e a calculada para annos futuros.

Extensão das plantações e producção de borracha

	Area em acres em franca producção		
	— Toneladas produzidas durante o		
	anno — Libras produzidas por acre		
1920.....	2.293.750	304.816	298
1921.....	2.574.415	271.233	236
1922.....	2.760.956	354.980	288
1923.....	2.945.250	384.771	293
1924.....	3.141.600	420.750	300
1925.....	3.337.950	440.047	300
1926.....	3.534.300	473.344	300
1927.....	3.730.650	499.640	300
1928.....	3.927.000	525.937	300

A perspectiva, pois, que nos offerecem as estatísticas da produção e consumo da borracha em todos os grandes centros productores e mercados do mundo, não é lisongeira, desde que venha a accentuar-se outra vez a baixa dos preços, um pouco elevados em o anno passado e no decorrer do primeiro semestres deste anno, (*) graças á execução, por parte da Inglaterra, do plano Stevenson, pelo qual se restringem as colheitas e se regulariza periodicamente a exportação das grandes companhias inglezas. Esta perspectiva ainda é mais sombria para o producto da Amazonia, onde a mão de obra é muito cara e o trabalho mais custoso pelo facto de se explorarem arvores silvestres e não plantações systematizadas como as da India.

E' mister levar ainda em conta e em desfavor do Brasil a circumstancia de se estar ensaiando, com bom exito, em algumas plantações da Asia, o processo de defumação, o que, ao lado da extrema limpeza que apresenta o producto do Oriente, lhe poderá accrescentar, talvez, caracteristicos que, até então, não se lhe notavam quanto á durabilidade e resistencia e isso é tanto mais para ser tomado em consideração, quanto, como resultado desses ensaios, a borracha, assim preparada e vendida nas grandes praças de consumo, já entra em lucta com a *fina Pará*, logrando, muitas vezes, alcançar cotações mais elevadas, como se evidencia dos quadros anteriormente transcriptos.

Verificada, apesar disso, a indispensabilidade da borrocha amazonica na manufactura de certos artigos de grande ex-

(*) A alta dos preços da borracha em todos os mercados do mundo, em consequencia do plano Stevenson, alarmou a grande industria manufactora dos Estados Unidos, o maior centro fabril e importador desse producto. Como consequencia da celeuma levantada pelos industriaes ante a possibilidade de maior elevação do custo da materia prima, o governo americano annuncia interessar-se pelo caso, procurando incrementar, fóra da esphera de acção do dominio inglez, o cultivo e extracção da gomma elastica.

Obedecendo a esse objectivo uma commissão americana percorreu o norte do Brasil, estudando a hypothese do maior desenvolvimento de sua produção e é de esperar que, depois dessa visita, se encarninhem para a Amazonia braços e capitaes, não para criar, de momento, a industria de plantação, mas para dar nova orientação á extractiva, aperfeiçoando-lhe os processos, sob um regimen economico melhor dirigido para produzir bem remuneradoramente. Farão, agora braços e capitaes estrangeiros o que ha muito já deveriamos ter feito sob a nossa propria inspiração.

fracção, o que determina sempre na Inglaterra, por exemplo, o seu emprego em mistura com a de outras procedencias, em uma percentagem que varia de 20 a 30 %, facto que tambem se dá em outros paizes de intenso movimento fabril, mantendo-se a producção do Brasil nos limites de 30.000 a 40.000 toneladas por anno, poderemos ainda lutar, com segura possibilidade de bom exito, contra a *avalanche* do Oriente. Para isso é preciso que preparemos o producto indigena com mais limpeza, dando-lhe melhor apresentação e sempre sob constante e uniforme classificação commercial, de accôrdo com os typos que adoptarmos. Enveredando por esse caminho, poderemos em breve trecho proporcionar á industria extractiva da Amazonia dias melhores.

O grande remedio, entretanto, o remedio heroico de que a industria da borracha brasileira não pôde prescindir, é a montagem immediata de uma ou mais fabricas de artefactos, principalmente na Amazonia, para dar sahida á materia prima nacional, diminuindo-se por esta fórma o volume destinado á exportação. Tudo nos indica que, com esse desvio de muitas toneladas de gomma elastica, encaminhadas para o consumo da manufactura nacional, dar-se-á uma reacção salutar nos centros de producção do paiz, invertendo-se ao mesmo tempo para a economia do Brasil as elevadas sommas ouro que hoje nos escapam na acquisição de artigos estrangeiros, pois já importamos avultada quantidade de artefactos de borracha como se vê deste quadro:

Importação de artigos de borracha

Annos	Kilos	Valor
1913	1.189.275	5.476:582\$000
1914	626.733	2.944:315\$000
1915	683.038	3.794:511\$000
1916	1.069.534	6.598.956\$000
1917	1.002.984	6.587.710\$000
1918	778.116	6.031:938\$000
1919	1.367.814	9.670:694\$000
1920	2.730.809	20.481:080\$000
1921	720.730	7.309:963\$000
1922	1.759.586	13.563:482\$000
1923	1.863.125	16.654:668\$000

De 1913 a 1918 a importação de artefactos de borracha se conserva estacionaria, oscillando o seu valor entre 5.000:000\$ e 6.000:000\$000. De 1919 em diante eleva-se a importação em valor e tambem na quantidade, mas é em 1920 que o volume das importações se torna maior, representando o duplo do peso de todos os annos anteriores. Dahi em diante as cifras são constantes e a importação não declina mais, orçando por 16.554:000\$ a somma que despendemos em o anno passado na aquisição de manufacturas de borracha, importadas do estrangeiro.

Sem maior exame, não será temeridade conjecturar que essa avultada cifra, não fallando na exportação para as republicas vizinhas, constitue elemento animador á montagem de fabricas de borracha com o aproveitamento do producto nacional.



CARNES

Apresentam todos os algarismos que indicam os productos da pecuaria brasileira, exportados em o ultimo decennio, aumento digno de nota, principalmente com relação a carnes congeladas, industria nova no Brasil e á banha de porco, generos de que não se fazia exportação regular até 1913. Em 1914 inicia-se essa exportação, sendo a primeira partida constituida por 1.415 kilos. Dahi em deante, sobretudo para satisfazer ás necessidades ocasionadas na Europa pela guerra, cresceu muito esse commercio entre os nossos portos e os europeus, representando-se o toal das exportações de carne, por quantidade e valor, em cifras consideraveis, como se vê do seguinte quadro:

Exportação geral de carnes

Annos	Toneladas	Contos de réis
1914.....	1	18
1915.....	8.513	6.121
1916.....	33.660	28.192
1917.....	66.451	60.232
1918.....	60.508	60.755
1919.....	54.094	60.183
1920.....	63.599	67.212
1921.....	61.934	65.305
1922.....	32.308	33.300
1923.....	76.829	86.491

Logo que se iniciou o commercio de exportação de carnes com a Europa, a Inglaterra e a França occupavam o primeiro

logar nas estatísticas, mas já em 1917 e dahi em diante as maiores cifras cabem á Italia. Em 1917 a Italia importa do Brasil 50.419 toneladas de carnes resfriadas e congeladas e, embora esses algarismos tenham diminuído em os annos posteriores, ainda importa 28.468 toneladas em 1920 e 12.807 em 1922, ao passo que a nossa exportação foi, em 1917, de 3.960 toneladas para a Inglaterra, de 19.693 em 1920 e sómente de 444 em 1922, sendo de 8.859 em o anno transacto. O quadro seguinte indica a exportação que o Brasil tem realizado por destino desde 1914:

Exportação geral de carnes congeladas

(Kilos)

Paizes	1914	1915	1916	1917	1918
Egypto.....	—	—	—	5.936.339	—
Estados Unidos.....	—	1.996.949	2.486.009	950.900	—
França.....	—	101.323	4.455.201	5.184.130	3.795.870
Inglaterra.....	1.415	4.360.284	5.734.340	3.960.965	14.817.315
Italia.....	—	2.056.414	20.985.386	50.419.633	29.369.302
Portos inglezes á ordem.....	—	—	—	—	12.526.191
Allemanha.....	—	—	—	—	—
Hollanda.....	—	—	—	—	—
Canarias.....	—	—	—	—	—
Uruguay.....	—	—	—	—	—

	1919	1920	1921	1922	1923
Egypto.....	3.214.517	—	—	—	—
Estados Unidos.....	56.955	—	—	527	33.606
França.....	12.605.962	—	4.714.070	9.573.986	21.579.168
Inglaterra.....	13.172.701	19.693.898	9.834.014	444.172	8.859.486
Italia.....	18.661.088	28.468.988	19.233.186	12.807.372	20.048.580
Portos inglezes á ordem.....	6.263.223	7.137.997	1.293.531	813.506	—
Allemanha.....	—	—	5.508.658	3.931.939	5.114.474
Hollanda.....	119.777	—	3.929.169	—	936.088
Canarias.....	—	—	—	1.067.000	943.431
Uruguay.....	—	—	17.421.770	3.669.599	9.109.679

Estudando-se separadamente esse commercio só com os tres paizes que nos preocupam agora, a França, a Inglaterra e a Allemanha, verificaremos que esta ultima, afastada do intercambio geral com a America durante o periodo mais intenso da guerra, só principia a concorrer ao nosso mercado em 1921, quando importa 5.508 toneladas, importando ainda 3.931 em 1922 e 5.114 em 1923. Comparando as exportações de

carne que realizamos annualmente para cada um desses paizes, vemos ser a Inglaterra o que mais importa, depois a França e em seguida a Allemanha; a França, em o anno passado, ella só, importou mais do que os dous outros reunidamente.

Desde que iniciamos o commercio de carnes com a França e a Inglaterra, elle não constitue correntes continuas e definitivamente assentadas, pois, ora sóbe a exportação de modo excessivo, ora decae muito para tornar a elevar-se em o anno seguinte, deixando nas estatisticas soluções de continuidade que sempre impressionam mal. E' assim que as exportações para a França sobem em 1919 a 12.605.000 kilos, desaparecem em 1920 e surgem em 1921, expressas pela cifra de 4.714 toneladas que se elevam em 1922 a 9.573 e ainda a 21.579 em o anno transacto. A Inglaterra, que importa dos mercados brasileiros 19.693 toneladas em 1920, só importa 9.834 em 1921 e 444 em 1922, tornando a augmentar as suas acquisições de carne no Brasil em 1923, quando importa 8.859 toneladas.

Ultimamente, porém, comparando as estatisticas dos dous annos mais proximos, somos levados a acreditar que esse commercio entre o Brasil e a França, e o Brasil e a Inglaterra se normaliza de uma vez, formando-se correntes regulares e continuas de exportação para a Allemanha, onde a importação geral de carnes de varias procedencias é consideravel. O quadro seguinte explica melhor:

Exportação de carnes congeladas

Paizes	Kilos	Valcr
1919:		
Inglaterra	13.172.101	15.091:150\$000
França	12.605.962	13.867:876\$000
Allemanha	—	—
1920:		
Inglaterra	19.693.898	20.609:196\$000
França	—	—
Allemanha	—	—
1921:		
Inglaterra	9.834	11.281:488\$000
França	4.714	4.297:257\$000
Allemanha	5.508	6.610:389\$000

	Paizes	Kilos	Valor
1922:			
Inglaterra		444.172	586:797\$000
França		9.573.986	10.178:471\$000
Allemanha		3.931.930	4.150:175\$000
1923:			
Inglaterra		8.859.486	11.654:195\$000
França		21.579.168	23.154:195\$000
Allemanha		5.114.474	7.344:715\$000

Apresentam-se-nos os mercados da França muito auspiciosos para as carnes brasileiras, pois, vencida pouco a pouco a resistencia que, por muito tempo, encontrou no seio de suas populações o uso das carnes resfriadas e congeladas, as exportações do Brasil para mercados francezes vão sendo feitas, nos ultimos annos, em escala ascendente.

A França importa do Brasil 4.714 toneladas de carne em 1921 e ainda 9.573 em 1922, importando 21.579 em o anno passado. Tudo indica, por consequencia, que se tem formado entre os dous paizes uma corrente definitiva. Por outro lado, compulsando-se as estatisticas officiaes francezas, evidencia-se que com a carne da Argentina dá-se o contrario do que se passa no Brasil relativamente á exportação desse producto para os mercados da França. As importações de procedencia argentina, que em 1921 foram vultosas — 23.278 toneladas — cahem para 11.576 em 1922, embora se elevem em 1923 a 15.302, cifra, mesmo assim, inferior á que traduz a importação procedente do Brasil nesse anno. E' clara e evidente a concurrencia entre as duas Republicas no fornecimento de carnes á França, mas até agora não nos parece devamos receiar pela sorte desse novo ramo de producção nacional nos mercados daquelle paiz. O quadro seguinte indica as importações em França nos ultimos annos:

Importação por procedencia de carnes frescas e congeladas em França

Exportadores	Kilos		1921
	1922	1923	
Brasil	17.930.100	10.989.400	7.926.500
Republica Argentina...	16.302.800	11.576.700	23.278.100
Madagascar	3.597.900	2.390.300	—

A introdução das carnes congeladas no seio das populações francezas não encontrou facilidade por varios motivos, dos quaes o mais serio era a falta de habito quanto a esse genero assim conservado. As necessidades da guerra, nos ultimos annos, modificaram muito essa situação, fazendo-se dahi em diante em França importação mais larga desse producto, não só para o consumo do exercito como para a alimentação das populações civis. A prova de como tem sido lenta, apesar de tudo, a acceitação de carnes frigorificadas como alimento entre as grandes massas do povo francez temol-a nas estatisticas de importação desse genero em França e na Inglaterra. Ao passo que a França, com uma população superior á da Grã-Bretanha, falamos apenas da ilha, importa annualmente cerca de 50.000 toneladas de carne congelada, esta ultima importa, por anno, em média 600.000. A sua importação em o anno passado foi de 647.226 toneladas.

«Notorio tem sido o pouco desenvolvimento da importação e do consumo de carnes congeladas na França, — escreve Alfredo de Polzin, consul do Brasil no Havre, — em principio de 1923, em comparação com outros paizes, taes como a Inglaterra.

Atribuimos geralmente isso á repulsa instinctiva que tem o francez pela carne e á falta de conhecimento e cuidado no preparo da congelada por parte do consumidor. Si essa circumstancia é, de algum modo, a causa de sua fraca acceitação, devemos, todavia, procurar o motivo principal desse facto nas medidas e resoluções do Ministerio da Agricultura da França, traduzidas em leis que, si não impedem totalmente, em todo caso, difficultam a importação desse genero, sujeitando-o a medidas que antes parecem visar uma protecção exaggerada á pecuaria indigena do que a segurança sanitaria, para cujos fins foram creadas. Resultou dahi uma tão grande desorientação nos negocios que os importadores francezes desanimados abandonaram a importação de carnes, passando esse commercio a mãos de negociantes estrangeiros.

Tem sido, de facto, bastante modificada essa situação por isso que, como se vê das cifras de seu commercio exterior, cresce muito a importação annual de carnes congeladas na França, augmentando o consumo nos campos onde o seu uso se generaliza sobremodo. Hoje, para attender ás necessidades do

consumo, é mistér recòrrer á importação, pois as estatísticas officiaes accusam consideravel diminuição nos rebanhos bovinos do paiz.

A contar de 1913 a população pecuaria da França, como da Inglaterra e Allemanha, começou a decrescer, sendo a differença para menos em o numero dos rebanhos bovinos, quanto á pecuaria franceza, superior a 10 %. A bovina baixou de 16.131.600 cabeças a 9.700.000 e a suina, que era de 7.035.000, hoje apenas se representa por 5.195.000. Esses factores, ao lado dos embaraços creados á importação, têm determinado preços elevados para a venda da carne, cuja procura é comtudo mais intensa agora do que ha dez annos passados. Os quadros seguintes põem em relevo essas differenças:

Rebanhos de gado vaccum

Antes da guerra

Australia	11.493.000
Austria	9.159.000
Brasil	30.705.000
Canadá	6.037.000
Dinamarca	2.463.000
França	15.339.000
Allemanha	20.444.000
Hungria	6.045.000
India	125.042.000
Italia	6.646.000
Japão	1.389.000
Nova Zelandia	2.329.000
Russia Asiatica	17.334.000
Russia Europeá	32.704.000
Sul da Africa	5.797.000
Hespanha	2.879.000
Tunis	217.000
Estados Unidos	56.592.000
Inglaterra	12.145.000
Argentina	25.867.000
Uruguay	8.193.000

Depois da guerra

Australia	13.064.000
Austria	7.690.000
Brasil	37.500.000
Canadá	9.447.000
Dinamarca	2.286.000
França	12.755.000
Allemanha	16.905.000
Hungria	5.075.000
India	146.000.000
Italia	6.240.000
Japão	1.307.000
Madagascar	7.000.000
Marrocos	1.173.000
Nova Zelandia	3.113.000
Rumania	4.459.000
Russia Européa	37.653.000
Sul da Africa	5.975.000
Hespanha	3.712.000
Tunis	635.000
Estados Unidos	68.923.000
Inglaterra	11.732.000
Argentina	27.392.000
Uruguay	7.803.000

Constituem actualmente as carnes frigidificadas, depois do café, o producto brasileiro de maior volume de importação em França e dada a tendencia que se accentua tão promissoramente de nos firmamos nos seus mercados, como em linhas acima tivemos ensejo de mostrar, cumpre, por todos os modos, não exportar carnes de qualidade inferior o que, de certo, influiria para o declinio desse tão futuroso commercio com os mercados francezes, pois não foi sem grande resistencia que o uso das carnes congeladas se introduziu nos habitos das popula-

ções desse paiz. O quadro seguinte mostra o commercio de importação em França de productos brasileiros nos ultimos annos:

Importação em quintaes metricos

Productos	1923	1922
Café	1.138.353	909.341
Carnes frigorificadas.....	179.301	109.894
Couros e pelles.....	72.269	51.153
Ossos e unhas.....	12.076	8.536
Fumo	35.274	16.441
Tapioca	9.166	2.216
Arroz	1.509	35
Madeiras (toneladas).....	1.266	666

*
* *

A Grã-Bretanha é dos paizes da Europa o que mais importa carnes de todas as procedencias da America do Sul. Em 1923 a sua importação total desse producto se representa por 647.226 toneladas, enquanto a França apenas importa cerea de 50.000 e a Allemanha 47.564. A importação proveniente da America do Sul concorre com mais de metade da cifra geral das importações do Reino Unido.

Apezar de se achar muito desenvolvida a pecuária na Australia e Nova Zelandia, que enviam annualmente aos mercados inglezes avultadas quantidades de carnes congeladas e outros productos desta industria, isso não basta ás exigencias do consumo da Inglaterra. A exportação de carnes da Australia para a Grã-Bretanha em 1923 foi de 43.170 toneladas, sendo a da Nova-Zelandia de 39.222. A Argentina, entretanto, só ella, exporta em o mesmo anno para aquelle destino 492.045 toneladas, exportando o Uruguay 57.860.

Na estatistica official da Grã-Bretanha, de onde extra-himos estes algarismos e indicações, não figura a importação realizada por esse paiz nos mercados brasileiros, devendo achar-se a cifra que a representa na rubrica—Outros paizes— á conta da qual se levam 8.911 toneladas da carne importada na Inglaterra. Segundo a estatistica official do Brasil a nossa exportação para os mercados britannicos foi de 8.859 tonela-

das, do que devemos concluir que quasi toda aquella cifra, consignada por conta de outros paizes, representa a exportação do Brasil. O quadro seguinte indica a importação ingleza nos dous ultimos annos:

Importação na Inglaterra de carnes congeladas e resfriadas por procedencia em 1922 e 1923

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Estados Unidos.....	3.340.404	4.008.609
Uruguay	58.219.955	57.860.133
Argentina	386.535.572	494.045.087
Australia	59.262.772	43.179.441
Nova Zelândia.....	29.481.018	39.222.192
Outros paizes.....	7.700.341	8.911.082
Total.....	<u>544.540.035</u>	<u>647.226.544</u>

Os mercados da Inglaterra estão, como se vê dos algarismos que compõem o quadro acima transcripto, dominados pelos productos da Argentina e do Uruguay, pois em um total de 647.226 toneladas, cifra que exprime a importação de 1923, a Argentina figura com 494.045 e o Uruguay com 57.860 muito mais do triplo de todo o volume da importação ingleza.

Estudando-se separadamente o aspecto que nos revelam os mercados da Grã-Bretanha quanto á carne do Brasil, que só agora começa a desenvolver convenientemente a sua pecuaria, pela introdução mais frequente e numerosa de reproductores de raças finas, verificamos que a nossa situação não é desfavoravel, embora ainda não possamos apresentar aos importadores do Reino Unido producto, em sua generalidade, de todo igual ao que lhe envia a industria platina.

Desde que iniciamos o commercio de carnes com o exterior, a Inglaterra tem mantido comosco uma corrente de importação cujas cifras, apesar de variarem muito, se conservam sempre elevadas. A quéda brusca que se nota em 1922, quando esse paiz apenas importa 444 toneladas de carnes do Brasil, foi logo corrigida pela importação do anno passado,

representada por 8.859 toneladas. O quadro seguinte põe em relevo o movimento de exportação de carnes brasileiras para os mercados inglezes:

Exportação de carnes para a Inglaterra em toneladas

1914	777
1915	4.360
1916	5.734
1917	3.960
1918	14.817
1919	13.172
1920	19.693
1921	9.834
1922	444
1923	8.859

As grandes exportações de 1918, 1919 e 1920 devem ser levadas á conta das necessidades que a guerra originou e principalmente á manutenção de grandes exercitos. Em 1921, pôde dizer-se, essas necessidades tinham desapparecido, começando a normalizar-se nos mercados britannicos o commercio de carnes, limitado apenas ás exigencias do consumo do povo inglez, para cuja alimentação a carne é considerada indispensavel. Esta affirmação se evidencia pelo movimento ascendente que vae tendo a importação desse producto na Inglaterra, como demonstra o quadro acima transcripto.

Tendo em vista este facto e a circumstancia de já serem bem recebidas as carnes do Brasil nos mercados inglezes, o augmento de nossas exportações para a Grã-Bretanha só depende de nossa persistencia em lhe remettermos productos da melhor qualidade e de accôrdo com as suas exigencias de grande freguez. A enorme massa que a Argentina já fornece á Inglaterra não é motivo para cedermos ao pessimismo, porque, apesar de seu aperfeigoamento na pecuaria, o rebanho argentino é numericamente muito inferior ao nosso, como se vê da estatistica anteriormente transcripta, e tem sido fortemente sacrificado, nos ultimos annos, para o fornecimento das praças estrangeiras. O quadro seguinte indica a exportação de carnes na Argentina nos ultimos annos até 1922:

Exportação da Argentina, por destino, em toneladas

	1922	1924
Bovinos congelados:		
Allemanha	7.366	10
Belgica	6.010	12.801
Estados Unidos.....	835	167
França	7.929	11.322
Italia	428	222
Hollanda	3.579	1.769
Possessões hespanholas.....	22	—
Reino Unido.....	132.692	112.990
A' ordem.....	—	2.091
	<hr/>	<hr/>
	158.861	141.372
Bovinos resfriados:		
Allemanha	—	419
Estados Unidos.....	544	—
França	68	—
Reino Unido.....	246.194	147.967
Total de 1922:		
Bovinos congelados		158.259
Bovinos resfriados		246.806
		<hr/>
Total.....		405.065

A Allemanha é actualmente um dos paizes em que a importação de carnes pôde tomar com rapidez o maior desenvolvimento, pois a sua pecuaria foi largamente sacrificada durante a guerra e, feita a paz, impuzeram-lhe a obrigação de entregar aos alliados avultado numero de cabeças de seus dizimados rebanhos. Em 1913 o rebanho bovino da Allemanha era de 20.444.000 cabeças e assim maior do que o da França e o da Grã-Bretanha; depois da guerra está reduzido a 16.900.000, como se vê do quadro transcripto paginas acima.

O Brasil começou a exportar carnes congeladas para a Allemanha em 1921 e essa exportação é de 5.508 toneladas. Em 1922 a exportação se mantém, mas em cifra menos elevada ou sejam 3.931.000 kilos. Em 1923 a importação total

da Allemanha é de 47.564 toneladas, segundo a estatística official desse paiz.

Acontece á Allemanha, quanto á importação de carnes, o que se verifica com a Inglaterra; a Argentina é o paiz que mais lhe exporta, em proporção porém summamente elevada. No total de 47.564 toneladas de carnes importadas pelas praças germanicas a Argentina tem 30.425 ou mais de dous terços. O quadro seguinte corrobora a nossa affirmativa:

Importação de carnes frigorificadas e preparadas na Allemanha

Procedencia	1922	1923
Dinamarca.....	245.900	257.200
Inglaterra.....	199.700	3.526.400
Hollanda.....	380.100	101.600
Suecia.....	138.000	135.200
Argentina.....	201.600	30.425.500
Brasil.....	175.800	4.476.400
Estados Unidos.....	1.337.700	5.311.300
Australia.....	—	1.636.600
Nova Zelandia.....	—	635.000
Outros paizes.....	206.500	1.059.500
Total.....	2.885.300	47.564.700

A preponderancia que exerce a Argentina no mercado de carnes congeladas, tanto na França como na Inglaterra e na Allemanha, encontra a sua justificativa no facto de se achar a Republica Platina habilitada nesse commercio desde mais de 20 annos. Apparelhada com a materia prima de seus rebanhos, isso lhe proporecionou as maiores facilidades justamente durante a guerra, quando cresceram as exigências do consumo na Europa pela necessidade de alimentar os grandes exercitos. Por outro lado, já senhora de todos esses mercados, pela exportação do bom producto que lhes enviava, a Argentina cuida séria e porfiadamente da propaganda de sua industria, incumbindo disso agentes especiaes, em character commercial, junto aos proprios importadores.

No periodo de nossa permanencia em Berlim e Hamburgo, em maio do corrente anno, tivemos oportunidade de verificar esse facto; alli estivera tambem o delegado da Argentina promovendo, por todos os meios habeis, a maior importação do producto platino. Ao Brasil cabe agir e agir da mesma fórma pelo envio de representantes da propria industria que, em contacto directo com os interessados no commercio de carnes, consigam incrementar as exportações das praças brasileiras para aquelle mercado.

De tudo quanto ouvimos na Europa a respeito desse ramo de negocio ficamos convencidos dessa possibilidade. "A Allemanha — diz o Sr. W. Bruel, chefe da firma Bruel & Comp. em Hamburgo (*), é um grande consumidor de carnes congeladas e as do Brasil podem conquistar aqui um mercado definitivo". Com effeito, dos paizes productores só a Argentina, conforme a estatistica official allemã, concorre com o Brasil nos fornecimentos de carnes aos mercados germanicos e como aquelle paiz tem de satisfazer, ao mesmo tempo, ás exigencias da França e da Inglaterra, quando os seus rebanhos não crescem correspondentemente, não poderá, por falta de maiores reservas, alargar muito mais as suas exportações para a Allemanha de modo que nos prejudique.

O commercio, portanto, de carnes para a Europa, não só para a França, como para a Inglaterra e especialmente para a Allemanha, é francamente promettedor e de larga e remuneradora. expansão.



(*) Isaltino Costa — *As Nossas Exportações* — 1922.

COUROS E PELLAS

Dispondo de numeroso rebanho de bovinos mesmo antes da guerra, ainda quando a industria de carne frigorificada não havia tomado o desenvolvimento espantoso que se lhe tem dado, o Brasil já exportava para o exterior consideravel quantidade de couros, salgados e seccos, de gado vaccum, principalmente para a Europa. Em 1913, a exportação total de couros das duas especies, seccos e salgados, foi representada por 41.392 toneladas, no valor de 38.180:000\$. Os paizes que mais importavam na Europa eram a França, a Inglaterra e a Allemanha, como se vê do seguinte:

Exportação por destino em 1913

Paizes	Toneladas
França	10.537
Allemanha	10.280
Inglaterra	8.789
Belgica	2.092
Italia	1.371

Depois de 1913, e durante o periodo da guerra, essa corrente de exportação não se interrompeu, mas diminuiu bastante, desaparecendo quanto á Allemanha. No correr desse periodo até 1923, a exportação, tanto para a França como para a Inglaterra, jámais attingiu as cifras de 1913, salvo em 1918, quanto á Grã-Bretanha. O afastamento de muitos milhares de homens do labor das officinas, em os paizes empenhados na luta, fez decrescer as necessidades de materia prima antes

cxigida pelo movimento fabril, retrahindo-se por isso os respectivos mercados. Da nossa exportação de 1915 a 1919, para os dous paizes, damos noticias no seguinte quadro:

Paizes	Toneladas
1915:	
França	2.750
Inglaterra	8.548
1916:	
Inglaterra	4.080
França	9.981
1917:	
França	2.126
Inglaterra	5.815
1918:	
França	5.288
Inglaterra	9.023
1919:	
França	7.154
Inglaterra	5.900

A maior exportação feita para os dous paizes de 1915, quando se reatou essa corrente de commercio, interrompida em 1914, pela crise mais aguda dos transportes, até 1919, foi a de 9.981 toneladas, em 1916, para a França e a de 1918, para a Inglaterra, representada por 9.023 toneladas. De 1920 a 1923, as estatisticas apresentam cifras que indicam achar-se normalizado esse commercio para os dous paizes acima referidos, restaurada a corrente para a Allemanha. Em 1921 a Allemanha, ella só, importa do Brasil 14.440 toneladas de couros, ou seja mais, muito mais do que a França e a Inglaterra reunidamente.

Em 1922 a importação de couros feita pela Allemanha das praças do Brasil é ainda superior á da França e da Grã-Bretanha em conjunto, e essa proporção cresce muito mais ainda em 1923 quando os mercados allemães importam das praças brasileiras, Rio Grande do Sul, Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Matto Grosso.

O quadro seguinte esclarece o caso:

Exportação de couros

Paizes	Toneladas
1920:	
França	4.472
Inglaterra	5.528
Allemanha	4.225
1921:	
Allemanha	14.440
França	1.932
Inglaterra	3.969
1922:	
Allemanha	14.914
França	5.780
Inglaterra	6.104
1923:	
Allemanha	22.017
França	8.403
Inglaterra	4.508

E' pois' a Allemanha, dos paizes que presentemente concorrem ao mercado de couros do Brasil, tanto da Europa como da America, o que mais importa, mais do que os Estados Unidos, que importam, annualmente, cerca de 10.000 toneladas de couros seccos e salgados.

O quadro seguinte elucida melhor:

Exportação de couros salgados em 1923

Destino	Kilos	Valor
Allemanha	16.685.495	27.965:540\$000
Argentina	305.255	511:826\$000
Belgica	2.194.666	3.705:959\$000
Estados Unidos	6.228.267	10.118:928\$000
França	6.587.019	10.603:600\$000
Inglaterra	4.011.122	6.467:820\$000
Hollanda	3.071.229	5.001:459\$000
Noruega	109.913	181:467\$000
Suecia	594.213	980:895\$000
Uruguay	5.528.271	9.581:996\$000
Total	45.693.665	75.718:276\$000

Exportação de couros seccos em 1923

Destino	Kilos	Valor
Allemanha	5.249.054	14.350:391\$000
Argentina	63.242	162:190\$000
Belgica	323.931	878:512\$000
Estados Unidos	254.303	727:945\$000
França	1.816.777	5.350:772\$000
Inglaterra	470.466	1.311:861\$000
Hollanda	189.894	535:619\$000
Italia	1.115.813	3.166:329\$000
Portugal	1.072.553	3.231:015\$000
Uruguay	1.314.436	3.243:555\$000
Total	11.967.266	33.214:827\$000

São equivalentes na Inglaterra e na Allemanha as importações de couros seccos e salgados, orçando nos dous paizes por cerca de 70.000 toneladas annualmente. Em 1923 importa a Inglaterra 68.197 toneladas e a Allemanha 69.026. Na França, porém, a importação de couros foi mais elevada, como se vê dos numeros que compõem o seguinte quadro:

Importação de couros em 1923

França	74.296
Allemanha	69.026
Inglaterra	68.197

Tomando separadamente os algarismos que representam em 1923 as importações de couros na Grã-Bretanha, por destino, vemos que os paizes, cuja exportação mais avultava para as praças inglezas, são a Argentina, a Australia e a Africa Ingleza do Sul, figurando as nossas 4.508 toneladas exportadas, naquelle anno, na rubrica — Diversos paizes. Os maiores fornecedores, como aliás é intuitivo, são os que lhe fornecem maiores volumes de carne e essa primazia cabe, na Inglaterra como em outros paizes importadores da Europa, á Argentina.

Nota-se na estatística ingleza um facto digno de reparo: é ser o algarismo que representa a importação de couros de origens diversas, não especificadas, maior do que a somma dos demais. Assim, a rubrica — Outros paizes — figura com a cifra de 30.647 toneladas em 1923 e a importação geral foi de 68.197. Indica isso que a importação da Inglaterra é variadissima e lhe vae de numerosas procedencias, não lhe bastando para o consumo de sua industria a materia prima que lhe enviam as colonias. O quadro seguinte indica as importações:

Importação de couros de toda especie na Inglaterra

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Belgica	421.386	268.122
França	1.080.770	700.430
Italia	2.961.132	2.999.892
Argentina e Uruguay	11.400.282	20.529.702
Africa Ingleza do Sul	6.458.153	4.983.833
India Ingleza	2.547.366	1.501.952
Estabelecimentos do Estreito	556.615	1.212.138
Australia	4.583.887	5.353.507
Outros paizes	24.467.921	30.647.766
Total	<u>54.477.512</u>	<u>68.197.342</u>

Deste modo é a Grã-Bretanha um mercado para o qual se pôde alargar progressivamente a exportação do Brasil.

A analyse das importações de couros por origem na Allemanha revela tambem a predominancia do commercio argentino sobre todas as outras procedencias. Na importação de 1922, para um total de 78.944 toneladas de couros importadas pelos mercados germanicos, a Argentina concorre com 26.604 e ainda no anno passado, para a importação de 69.026 toneladas, os couros argentinos representam o peso de 27.584.900 kilos.

Exportam couros para a Allemanha, além da Argentina, que é a maior fornecedora, a India Ingleza, o Brasil e a Suecia. Entre os numerosos fornecedores o Brasil é um dos

maiores, figurando com 6.805 toneladas em 1922 e com 8.297 em o anno passado. O quadro que trasladamos a seguir especifica por origem a importação em os dous ultimos annos:

**Importação de couros de gado vaccum (salgados e seccos)
na Allemanha**

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Belgica	485.200	44.800
Dinamarca	3.218.600	1.159.800
França	1.467.300	1.395.500
Inglaterra	556.800	470.800
Italia	2.397.900	3.267.900
Hollanda	3.065.400	1.755.000
Noruega	1.097.800	782.900
Austria	686.000	786.100
Tchecoslovaquia	302.200	949.200
Hungria	552.200	7.700
Suecia	4.267.000	3.421.200
Suissa	355.500	760.500
India Ingleza	9.476.500	6.675.800
Argentina	26.604.600	27.581.900
Brasil	6.805.800	8.297.200
Chile	86.100	61.000
Cuba	574.100	456.700
Mexico	142.400	101.100
Paraguay	676.500	582.000
Perú	548.200	179.800
Uruguay	1.576.500	1.839.500
Estados Unidos	5.617.200	724.700
Australia	585.300	537.400
Outros paizes	10.488.900	7.188.300
	<u>78.944.000</u>	<u>69.026.800</u>

Importa a França em conjunto menor quantidade do que a Allemanha, embora importe mais do que a Grã-Bretanha, cujas importações do Brasil também são muito pequenas. Em 1923 os mercados francezes adquirem 74.296 toneladas de couros, mais do que em o anno antecedente.

Estudando-se o mercado francez pelas procedencias, teremos de conferir o primeiro logar entre os exportadores a Madagascar em 1923, ainda que em o anno anterior essa posição tenha cabido á Italia. O Brasil figura com cifras mais elevadas do que a Argentina e o Uruguay, como se vê dos algarismos que constituem o quadro seguinte:

Importação de couros em França

Paizes exportadores	1923	1922	1921
Brasil.....	7.574.600	5.497.700	1.903.100
Uruguay.....	3.688.200	2.578.300	2.548.900
Argentina.....	4.263.000	2.797.300	579.800
Estados Unidos.....	4.216.900	3.017.000	1.696.500
Madagascar.....	12.848.200	4.073.300	2.219.800
Inglaterra.....	1.721.500	1.410.000	
Italia.....	8.242.200	8.032.500	
Luxemburgo.....	3.568.400	3.472.100	
Hollanda.....	2.891.900	2.241.700	18.841.300
Suissa.....	3.621.700	2.809.600	
Hungria.....	—	736.600	
Outros paizes.....	21.777.500	14.480.800	
Total.....	74.296.100	51.056.700	27.789.200

Não era vultosa, em 1913, como a dos couros seccos e salgados, a exportação que o Brasil realizava de pelles de carneiro, cabra, etc... Reunidamente, dessas varias especies foram exportadas em aquelle anno 3.370 toneladas, sendo o maior importador os Estados Unidos. Nessa exportação este paiz figura com 2.188 toneladas. Depois da Norte America

eram a França e o Uruguay os que mais importavam pelles do Brasil. A Inglaterra e a Allemanha concorriam fracamente aos nossos mercados, como se vê do seguinte:

Exportação de pelles de cabra por destino em 1913

Paizes	Toneladas	Valor
Allemanha	83	334:000\$000
Belgica	3	14:000\$000
Estados Unidos	1.655	6.508:000\$000
França	363	1.459:000\$000
Inglaterra	177	700:000\$000
Hollanda	12	51:000\$000

Acompanhando-se essa exportação por origem acharemos, como os maiores exportadores, a Bahia, o Recife e Maceió. O Norte exporta especialmente pelles de cabra. O quadro que vae em seguida discrimina a exportação por especie e por destino:

Exportação de pelles de cabra em 1913

Procedencia	Toneladas
Ilha do Cajueiro	50
Fortaleza	427
Natal	156
Cabedello	262
Recife	294
Maceió	543
Bahia	561

Exportação de pelles de carneiro

Procedencia	Toneladas
Ilha do Cajueiro	1
Fortaleza	196
Natal	55
Cabedello	28
Recife	20
Maceió	116
Bahia	291
Rio Grande do Sul	1
Sant'Anna do Livramento	42
Quarahy	109
Santa Victoria do Palmar	1
Uruguayana	166
Itaqui	27
São Borja	13

E' essa uma das correntes de nossa exportação que não apresenta augmento digno de registro neste decennio; exportava o Brasil em 1919 pelles de cabra, carneiro, etc., em um volume correspondente a 3.583 toneladas e em 1923 ainda exporta 4.212. Durante esse periodo a direcção das correntes desse commercio não se altera; os Estados Unidos que em 1913 occupavam o primeiro logar entre os paizes que mais importavam mantem essa mesma posição com augmento de volume. Póde dizer-se que em 1922 e 1923 todo o augmento que esse commercio experimentou é para ser levado á conta dos mercados americanos.

A França importa em 1913 mais do que a Inglaterra e a Allemanha — 487 toneladas, e hoje apenas importa 254; a Inglaterra, cuja importação dos mercados do Brasil era de 232 toneladas, fica reduzida em 1923 a tres toneladas apenas. A Allemanha em 1923 não importa. De 1913 a 1923, nem a França, nem a Inglaterra, em nenhum dos annos que se contam dentro do decennio, elevaram as suas importações dos mercados brasileiros ás cifras que as indicavam no anno anterior á guerra. O quadro seguinte demonstra isto:

Exportação

1913:		Kilos
Paizes		
França		486.714
Inglaterra		232.488
Allemanha		104.330
1915:		
França		23.603
Allemanha		—
Inglaterra		64.554
1916:		
França		88.865
Allemanha		—
Inglaterra		83.170

	Kilos
1917:	
Paizes	
França	15.331
Allemanha	—
Inglaterra	93.398
1918:	
França	53.806
Allemanha	—
Inglaterra	—
1919:	
França	305.943
Allemanha	—
Inglaterra	22.224
1920:	
Inglaterra	123.401
França	380.275
Allemanha	—
1921:	
Inglaterra	6.957
França	130.796
Allemanha	—
1922:	
Inglaterra	4.324
França	266.128
Allemanha	—
1923:	
Inglaterra	3.152
França	254.714
Allemanha	—

Estudando-se o movimento de importação de pelles em cada um desses paizes e por origem, veremos que o mercado da Grã-Bretanha é um dos mais importantes, em cuja estatística se incluem todas as especies. A Inglaterra importa cerca de 14.000.000 de pelles annualmente, indo-lhe as

maiores quantidades da India, da Africa e da Nova Zelandia, cuja fauna variadissima explica essa abundancia de exportação. O quadro seguinte mostra a importação britannica por procedencia:

Exportação de pelles de toda especie na Inglaterra

Procedencia		
Republica Argentina	110.105	49.133
Africa do Sul Ingleza	1.297.310	1.463.269
Australia	163.946	313.446
Nova Zelandia	3.225.695	1.710.172
Indias Orientaes Inglezas	5.155.878	4.883.990
Outros paizes	3.349.801	4.866.593
Total	13.302.665	13.286.603

Na França a importação de pelles é tambem relevante, apparecendo como exportadores, além da Argentina, varios paizes da Europa, como a Italia e a Hespanha. As mais avultadas importações procedem de Marrocos, da Algeria e da India Ingleza. Na importação de 1922, representada por 10.902 toneladas, cabem a Marrocos 1.132, á Algeria 919 e á Argentina 190.

Apresenta a estatistica da importação de pelles em França consideravel augmento, pois tendo sido de 10.902 toneladas em 1922, sobe a 17.293 em o anno transacto, o que revela augmento e augmento grande. O quadro que trasladamos demonstra o asserto:

Importação de pelles pequenas (de carneiro, cabra e vitello) em França

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Italia	454.100	592.300
Republica Argentina	190.000	426.900
Hespanha	385.000	773.400
Algeria	919.000	1.214.200
India Ingleza	660.400	1.563.400
Marrocos	1.132.600	2.053.100
Inglaterra	365.000	179.300
Outros paizes	6.796.400	10.490.400
Total	10.902.500	17.293.000

O mercado de importação de pelles na Allemanha não assumiu ainda a importancia dos da Inglaterra e da França e até apresenta agora grande quêda comparativamente á do anno passado, pois em 1922 foram importadas pelas praças allemaes 10.263 toneladas e em 1923 a importação apenas attingiu a 6.917. Do Brasil não consta nenhuma importação nem em a nossa estatistica nem em a da propria Allemanha.

Toda a importação de pelles na Allemanha é de procedencia europeá, sendo insignificante a dos outros continentes. O maior exportador para os mercados germanicos é a Hespanha, contando-se numerozo sequito de menores fornecedores, como a França, a Bulgaria, a Grecia, a Rumania, a Austria, etc., como se pôde verificar da leitura do quadro que damos abaixo:

Importação de pelles na Allemanha em 1922 e 1923

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Bulgaria	661.100	74.660
França	490.200	140.300
Grecia	541.200	291.800
Grã-Bretanha	535.900	256.800
Italia	878.800	537.500
Hollanda	593.400	254.500
Austria	334.900	332.200
Russia	153.000	180.300
Noruega	81.300	20.300
Hespanha	1.629.500	1.611.800
Dinamarca	354.200	267.300
Rumania	54.900	500
Turquia	115.300	270.000
Argelia	488.700	180.000
Argentina	579.800	221.000
Outros paizes	2.774.200	2.278.600
Total	10.263.400	6.917.500

*
*
*

São, como acabamos de vêr, excellentes mercados para couros e pelles os da França, Inglaterra e Allemanha; para

os deste paiz já se encaminha vultuosa exportação de couros brasileiros, sendo tudo isso indicador seguro de que as nossas exportações podem alargar-se tanto quanto maior fôr o volume de que dispuzermos dessa materia prima.

A maior exploração que temos realizado dos recursos de nossa pecuaria pela criação dos frigorificos faz crescer consequentemente as exportações de couros do Brasil, procurados com empenho durante o periodo da guerra. Agora, passada essa necessidade, apparecem exigencias por parte dos compradores e disso já temos repetidas noticias, embora continue a ser avultada a quantidade vendida para as praças estrangeiras.

Segundo referem casas importadoras desse artigo na Europa, em grandes partidas se encontram couros defeituosos, esfolados e sem o conveniente preparo, quer seccoos, por não estarem bem nesse estado, quer salgados, por terem sido tratados sem bastante sal.

«Durante a guerra — escreve o consul brasileiro em Liverpool — havia grande procura para couros do Norte do Brasil; mas desde que a guerra terminou essa procura deixou de existir. A razão principal, supponho, é o máo preparo, por mal esfolados, fazendo os vendedores idéa excessiva quanto ao valor delles, comparando-os com os de outras procedencias.

«Si os embarcadores derem remedio a esses defeitos da esfolagem e fizerem o possivel para merecer a confiança dos compradores, embarcando qualidades com marcas invariaveis, não ha duvida que os couros do Norte do Brasil tornarão a ter excelente procura.»

Os defeitos provenientes das marcas de fogo ou ferra do gado, bem como os prejuizos causados ao couro pelas bicheiras, pelo berne e pelo arame farpado, usado nos grandes campos de criação do Brasil, devem ser sanados pela acção efficiente do Ministerio da Agricultura e especialmente pela iniciativa dos proprios criadores, entre os quaes é mistér deramar profusamente instrucções e conselhos tendentes a levar-os á execução e á obediencia de todas as providencias capazes de evitar e corrigir aquelles defeitos.

MADEIRAS

Ha muitos annos mantém o Brasil animado commercio de pinho do Paraná com as Republicas do Sul e exportá para a Europa pequenas partidas de madeira de qualidades finas, como jacarandá, sebastião de arruda, cedro, massaranduba, gonçalo-alves e acapú. Em 1913, a exportação de pinho foi representada por 11.932 toneladas no valor de 832:000\$, representando-se a de todas as outras qualidades por 8.378.000 kilos, na importancia approximada de 2.000:000\$000. No decennio de 1913 a 1923 a corrente de exportação de pinho augmentou para as Republicas do Prata á medida das exigencias do consumo, tornando-se tambem muito mais intensa a de madeiras finas para varios paizes da Europa.

O quadro seguinte demonstra o movimento de exportação geral de madeiras brasileiras :

Exportação geral comprehendendo todas as qualidades

Annos	Toneladas	Valor
1913	20.310	2.020
1915	38.374	2.622
1916	82.816	6.668
1917	64.263	6.151
1918	179.798	21.090
1919	103.823	13.316
1920	125.394	20.483
1921	100.499	17.977
1922	130.956	22.117
1923	185.029	32.079

Dos paizes da Europa importavam madeiras brasileiras, em 1913, Portugal. Allemanha. Inglaterra, França. Belgica e Italia, mas importavam em pequenas quantidades, como acima dissemos.

A maior importação era de jaracandá e sebastião de ar-ruda, não se contando o pinho entre as qualidades procuradas pelos mercados europeus. Os Estados Unidos, entretanto, tam-bem importavam jacarandá. O quadro seguinte demonstra essas exportações por paizes de destino:

Exportação de pinho em 1913

	Toneladas	Valor
Argentina	8.889	567:000\$000
Uruguay	3.030	264:000\$000
Allemanha	11	1:000\$000

Exportação de outras qualidades

	Toneladas	Valor
França	1.560	300:000\$000
Estados Unidos	788	125:000\$000
Belgica	320	54:000\$000
Portugal	179	28:000\$000
Allemanha	950	134:000\$000
Inglaterra	125	19:000\$000
Italia	152	140:000\$000

De 1919 em deante cresce bastante a exportação de ma-deiras para Portugal, Noruega, Estados Unidos e Hespanha. não fallando na Argentina e no Uruguay que são os maiores importadores do pinho do Paraná desde longos annos. Então, embora o pinho ainda continue a constituir a massa mais avultada de toda a exportação, já apparecem em maior vo-lume outras qualidades exportadas principalmente pela Ama-zonia. Os dous quadros que seguem demonstram essa exporta-ção em 1918 por destino e origem:

Exportação por origem

Portos	Toneladas	Valor
		contos
Pará	6.133	945
Bahia	53	12
Rio de Janeiro	2.327	383
Santos	427	64
Paranaguá	65.938	6.859
Antonina	14	6
Iguassú	2.391	182
S. Francisco	21.804	2.301
Rio Grande	5.997	1.199
Porto Alegre	4.710	878
Sant'Anna do Livramento	26.907	4.053
Uruguayana	41.946	4.066
Porto Murtinho	6	—
Diversos	1.139	143

Exportação por destino

Argentina	113.918	12.500:000\$000
Uruguay	56.380	7.220:000\$000
Estados Unidos	4.514	523:000\$000
França	80	20:000\$000
Inglaterra	1	—
Hespanha	40	5:000\$000
Paraguay	672	128:000\$000
Noruega	855	205:000\$000
Portugal	698	132:000\$000

Estudando-se separadamente o nosso commercio de madeiras com a França, Allemanha e Inglaterra, teremos de verificar que pouco ou quasi nada adeantámos nesse ponto, pois, com excepção dos mercados germanicos, agora mais animados, os dous outros, o da França e o da Grã-Bretanha, se mantem, em todo o ultimo decennio, mais ou menos estacionarios até

1923, tendo desaparecido de nossa estatística durante 1918, 1919 e 1920, figurando talvez na rubrica — Diversos — como se vê do seguinte:

	Toneladas	Valor
1913:		
Allemanha	950	134:000\$000
França	1.560	300:000\$000
Inglaterra	125	19:000\$000
1923:		
Allemanha	1.405	355:000\$000
França	725	196:000\$000
Inglaterra	864	212:000\$000

Ao passo que neste decennio ficam assim estacionárias as correntes de exportação com destino aos tres paizes da Europa, crescem as que se dirigem aos Estados Unidos, á Argentina, ao Uruguay, á Hespanha e a Portugal. A exportação para estes paizes apresenta cifras muito altas, como se vê do quadro abaixo:

Exportação por destino em 1923

Destino	Kilos	Valor
Allemanha	1.405.152	355:802\$000
Argentina	139.101.370	22.139:805\$000
Belgica	763.430	213:119\$000
Estados Unidos	7.323.857	2.223:375\$000
Inglaterra	869.000	211:000\$000
Hespanha	887.339	227:491\$000
França	725.000	196:000\$000
Portugal	7.561.353	1.841:027\$000
Uruguay	25.863.350	4.563:212\$000
Diversos	2.122.905	515:182\$000
Total	<u>185.028.759</u>	<u>32.079:013\$000</u>

Tomando-se para confronto as importações de madeira na França, Inglaterra e Allemanha, quanto á procedencia, acharemos ser este ultimo paiz o que mais importa; importa em 1923 a Allemanha 2.900.752 toneladas, importando a França, no mesmo anno, 1.611.536. A importação da Inglaterra, no mesmo periodo, sóbe, quanto a valor, a £ 47.763.863. São, como se vê deste simples enunciado, sommas avultadissimas as que dependem esses paizes com a importação de madeiras de

construcção, elevando--se a milhões as toneladas por elles importadas annualmente para consumo.

Das estatisticas respectivas, de onde extrahimos estes numeros, vê-se que as importações, tanto na Inglaterra como na Allemanha, são crescentes, embora estacionarias em França. Importa a Inglaterra, em 1923, maior valor do que em 1922, pois toda a sua importação em este anno se pagou com libras 37.321.017, ao passo que, em o anno transacto, despendeu para isso £ 47.763.863. A importação da Allemanha sobe, igualmente, de 2.268.651 toneladas em 1922 a 2.900.752, em o anno passado.

Descendo á analyse por procedencia veremos que os maiores exportadores para a Allemanha são a Tchecoslovaquia, a Polonia, a Austria, a Africa Franceza e os Estados Unidos. As maiores importações lhe vão da propria Europa, havendo treze paizes exportadores claramente manifestados nas suas estatisticas, afóra as procedencias incluidas na rubrica geral de—outros paizes.— O quadro que damos abaixo demonstra esse commercio nos ultimos annos:

Importação de madeiras na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Tchecoslovaquia	778.487.300	1.744.182.300
Polonia	861.056.900	742.833.600
Austria	243.491.400	155.046.200
Finlandia	159.116.300	31.728.900
Lettonia	37.196.700	11.796.600
Suecia	20.261.800	10.835.900
Dantsig	13.017.100	11.551.900
Lithuania	16.649.100	5.261.700
Russia	12.323.100	5.314.000
Rumania	1.577.800	1.532.100
Sarre	2.081.500	236.700
Africa Occ. Franceza	35.613.300	23.107.800
Estados Unidos	23.336.800	18.486.300
Outros paizes	64.440.200	138.838.700
Total	2.268.651.300	2.900.752.700

Assume o commercio de madeiras na Grã-Bretanha consideravel importancia, de que nos dá prova o valor annual de

suas aquisições expressas por tantos milhões de libras, como se vê da tabella posteriormente transcripta. Fornecem madeiras aos mercados inglezes, em maior escala, a Suecia, a Finlandia, os Estados Unidos e a Russia. As importações de outros paizes da America e da Africa são em pequenas parcel'as, tanto assim que não figuram na estatistica publicada, agrupando-se, certamente, na rubrica geral de — Outras procedencias—por conta da qual, em 1923, se subscrevem £ 8.383.775.

A Inglaterra, ao contrario dos outros paizes, cujo commercio estudamos, é o que importa maior quantidade da America, Estados Unidos e Canadá, indo-lhe tambem avultada porção de madeiras de muitos mercados da mesma Europa, como Noruega, França, Polonia e da propria Allemanha. É intuitivo que dessas importações não pequeno volume tem outra origem e não a dos paizes que se nomeiam, por isso que não possuem reservas com que mantenham essa corrente commercial. Apresenta-se, portanto, a Inglaterra como excellente mercado importador de madeiras e o Brasil, apezar disso, só lhe envia, annualmente, quantidades até ridiculas. O quadro que transcrevemos a seguir, demonstra esse commercio nos portos britannicos por procedencia e em valor:

Importação de madeiras na Inglaterra em 1922 e 1923

Procedencia	Valor em libras esterlinas	
Suecia	8.148.635	9.205.732
Finlandia	6.207.392	8.508.382
Estados Unidos	4.383.892	6.259.029
Canadá	3.282.565	3.472.937
Russia	2.456.377	3.629.482
Noruega	2.409.644	2.227.341
Lithuania	1.148.506	2.010.369
França	1.714.974	1.950.461
Polonia	534.984	1.006.457
India Or. Ingl.	578.227	787.741
Allemanha	234.804	271.148
Portugal	226.813	150.109
Outros paizes	5.994.204	8.383.775
Total	37.321.017	47.763.863

Não revelam as entradas de madeira em França importância igual á que assume esse ramo de commercio na Inglaterra e na Allemanha, mas ainda assim é vultuosa a importação annual de productos florestaes nos mercados francezes, como se vê do seguinte:

Importação na Allemanha e em França

Annos	Paizes	Toneladas
1922	— França	1.652.924
	» — Allemanha.	2.268.651
1923	— França	1.611.536
	» — Allemanha	2.900.752

Attendendo-se á importação por origem encontraremos a Suecia, a Finlandia e a Tchecoslovaquia como os maiores exportadores para os mercados da França, havendo, todavia, uma numerosa importação de outras procedencias agrupadas no titulo geral de—outros paizes—e o algarismo que exprime a importação attribuida a essa rubrica é muito elevado — 718.708 toneladas no total de 1.611.536. Não apparece a America, nem a Africa na estatistica franceza, com indicação clara, mas é certo que os Estados Unidos e as colonias africanas concorrem para os fornecimentos de madeira, feitos á França.

Hoje, as exportações para a França são inferiores ás de 1913; naquelle anno exportámos para aquelle destino 1.560 toneladas de madeira e hoje apenas 725. É uma redução que provoca commentarios em um commercio de si já tão reduzido. O quadro seguinte patenteia as importações em França, por procedencia:

Importação de madeiras de construcção (serradas) em França em 1922 e 1923

Procedencia	Toneladas	
Finlandia	326.814	318.354
Suecia	547.060	352.190
Outros paizes	512.311	718.708
Noruega	26.756	11.873
Allemanha	50.758	87.922
Suissa	44.219	36.075
Tchecoslovaquia	145.006	86.414
Outros paizes	512.311	718.708
	<u>1.652.924</u>	<u>1.611.536</u>

De tudo isso inferimos que até hoje o Brasil tem andado pouco no vasto campo das exportações de madeira para a Europa, não passando de meras tentativas, mais ou menos promettedoras, as remessas feitas nos ultimos annos para a Allemanha, Inglaterra e França.

Na importação de 1.611.536 toneladas, que a França realizou em 1923, concorremos apenas com 725, cabendo-nos na da Allemanha, expressa por 2.900.752 toneladas, apenas 1.405. No valor global das acquisições da Grã-Bretanha, £ 47.763.863, o nosso contingente é insignificante ou sejam 211:000\$000. E a Inglaterra, a França e a Allemanha, sem florestas dignas desse nome, importam, como já vimos, milhões e milhões dessa materia prima tão procurada nos seus mercados de consumo.

Quando se compara a abundancia de nossas florestas com a escassez das que só pelo plantio e replantio ainda cobrem varias zonas de alguns paizes da Europa, é que se pôde imaginar a copiosa fonte de recursos, o inegalavel thesouro que a natureza nos proporciona na exploração dessa industria. No Brasil, a percentagem de mattas sobre as áreas que constituem o seu immenso territorio, é de 50 %, ao passo que essa relação não vae além de 20 na Allemanha, 18 % na França, e 4 % na Grã-Bretanha. O que tem, pois, embaraçado a criação de maiores correntes desse commercio, para os paizes europeus e especialmente para a França, Inglaterra e Allemanha?

1º, a difficuldade de transporte, tanto no paiz como para o exterior e a carestia dos respectivos fretes;

2º, o exaggero das contribuições municipaes e estaduaes, cobradas sobre a madeira, sob differentes titulos, o que onera extraordinariamente a exploração;

3º, a falta de capitães para a montagem e movimento dessa industria em larga escala, como se faz mister para uma exploração remuneradora.

São estas as conclusões a que chegou a commissão especial que, composta de varios interessados nesse commercio, nesta capital e nos Estados, com a assistencia das respectivas associações commerciaes, estudou este assumpto, apresentado ao illustre Dr. Miguel Calmon, digno ministro da Agricultura, Industria e Commercio, circumstanciado parecer.

Afigura-se-nos opportuno, quanto a transporte, transcrever desse parecer os seguintes topicos:

«A Associação Commercial do Pará demonstra que, naquella zona riquissima, a navegação fluvial é, actualmente, o unico meio de transporte, mas é muito caro. Não havendo empresas organizadas para esse serviço, os interessados são obrigados a fazer aquisição de rebocadores e pontões, o que demanda vultuoso capital.»

«Manifestam-se da mesma maneira os madeireiros do Amazonas, de fórma que se nos afigura conveniente subvencionar o Governo as empresas que se aparelharem para esse fim. O transporte fluvial é mais barato e, portanto, grande factor do desenvolvimento do commercio interno. Assim pensam os economistas, tanto americanos como europeus.»

A cabotagem á vela, por outro lado, de uns Estados a outros e destes para o estrangeiro, é assumpto que deve preoccupar á attenção dos que se interessam por essa industria; o transporte á vela, sendo muito mais barato, pôde auxiliar de modo consideravel o commercio de madeiras no paiz. A Allemanha, antes da guerra, dispunhã de uma frota numerosa de veleiros para o transporte de mercadorias entre os seus portos e os do exterior, sendo, em toda a Europa e mesmo na America do Norte, essa navegação muito utilizada. Durante a guerra os Estados Unidos construíram milhares de navios á vela.

«E' o caso de subvencionar as empresas e os particulares, que exploram esse commercio em as nossas costas, porque mercadorias, cujo transporte não exige pressa, nem se deterioram com a demora, como as madeiras, o sal, as pelles, os couros, etc., pôdem ser transportadas por esse meio, muito economicamente, de Estado a Estado e desses para as praças estrangeiras.» (*)

—«*»—

(*) Parecer apresentado ao dr. Miguel Calmon, ministro da Agricultura, Industria e Commercio, em 24 de agosto de 1923.

FRUTAS

Quem percorre os maiores centros da Europa, com a preocupação de ver e estudar o seu grande movimento de importação, productos que o constituem e as regiões de onde procedem e nesse cotejo verifica a importancia que, em todas as suas mais populosas cidades, assume o commercio de frutas tropicaes, pelo volume importado e pelo valor pecuniario que representa, para logo imagina o vasto campo que a sua exploração póde offerecer ao Brasil. E' um valioso ramo de negocio para o qual nos devemos preparar e que, por uma série numerosa de razões, nos póde proporcionar os mais abundantes recursos nos mercados europeus. O consumo de certas frutas tropicaes é intenso em Hamburgo, Berlim, Londres, Paris, Amsterdam e muitos outros centros movimentados da Allemanha, França, Inglaterra e Hollanda.

Antes da guerra já o Brasil exportava consideraveis quantidades de frutas de mesa, representado esse commercio por 29.238 toneladas, comprehendendo-se abacates, abacaxis, bananas, laranjas e tanjerinas, no valor total de réis 2.496:000\$000. Decompondo-se, porém, essa exportação, em 1913, por qualidade, veremos que as bananas abrangem a grande somma exportada, pois alli figuram 2.834.588 cachos na importancia de 2.319:000\$, ou seja quasi todo o valor do volume exportado.

Estudando-se a exportação por destino, veremos que toda ella, não só de bananas, mas de todas as outras

frutas, se encaminha para as duas Republicas do Prata — Argentina e Uruguay, como se vê dos quadros que vão em seguida:

Exportação de bananas em 1913

Destino	Cachos
Argentina	2.599.216
Uruguay	215.787
Austria	22.194
Paraguay	1.700
Chile	595

Exportação de abacaxis

Paizes	Kilos
Allemanha	1.980
Argentina	424.156
França	1.903
Inglaterra	12.679
Italia	549
Portugal	118
Uruguay	27.290

Laranjas

Paizes	Centos
Allemanha	1
Argentina	2.091
França	1
Inglaterra	22
Uruguay	1.839

Tangerinas

Paizes	Kilos
Argentina	62.650
Uruguay	29.675

Exportavam abacaxi Pernambuco, S. Paulo e o Rio de Janeiro. As grandes exportações de bananas eram feitas pelas praças de Santos, Paranaguá e Florianopolis. As tangerinas e laranjas saham, em mais abundancia, do Rio Grande do

Sul e do Rio de Janeiro. Até 1918 esse commercio não experimentou maior augmento. De 1920 em diante, porém, vae crescendo, passando de 40.927 toneladas em esse anno para 67.951 em o anno passado.

O augmento que se nota, entretanto, no commercio de fructas para o exterior é todo representado pelas bananas. Em 1919 essa exportação se representa por 1.876.291 cachos, em 1920 por 2.648.210, em 1922 por 3.225.376 e já em 1923 sobe a 3.929.565. O valor, que era de 1.858:563\$, em 1919, passa a se manifestar por 40.524:423\$, em 1923. O quadro seguinte indica os algarismos:

Exportação de bananas

1919.....	1.876.291
1923	3.929.565

Em 1913, como ainda agora, toda essa exportação de bananas se dirige para o Prata; são a Argentina e o Uruguay os nossos exclusivos importadores. Do abacaxi, da laranja e da tangerina, da mesma fórma, continuamos a ter como importadores essas duas Republicas. Os numeros, que apparecem na estatistica de exportação, referentes a laranjas e abacaxis para a França, Inglaterra, Allemanha e outros paizes da Europa, representam meras tentativas sem maior e seguro resultado. De tangerinas não se faz exportação. Os quadros que seguem elucidam o caso:

Exportação de bananas por destino

Paizes	1919	Cachos 1922	1923
Argentina	1.613.517	2.852.336	3.419.365
França	—	—	405
Hollanda	—	39.353	21.987
Portugal	—	—	16
Uruguay	262.714	333.656	411.479
Inglaterra	—	40	—

Exportação de abacaxis

Paizes	Kilos		
	1919	1922	1923
Argentina	262.319	984.576	1.423.748
Inglaterra	900	7.506	26.596
Uruguay	55.812	31.000	39.866
Allemanha	—	280	600
Hollanda	—	2.530	347
França	—	—	35.600

Exportação de laranjas

Paizes	Kilos		
	1919	1922	1923
Allemanha	—	—	7
Argentina	78.519	147.773	542.020
Estados Unidos ...	—	175	7.343
França	—	900	300
Inglaterra	—	15	123
Hollanda	—	—	1.195
Uruguay	17.765	25.712	110.262

Do estudo desses numeros evidenciamos que a Europa não importa bananas do Brasil, nem laranjas e nem abacaxis. Das tangerinas nem se falla nas estatisticas, nem mesmo para o Prata. Os 39.353 cachos de bananas enviados para a Hollanda, em 1922, reduzem-se a 21.987 em o anno passado e as tentativas, quanto á França e á Grã-Bretanha, não promettem resultados. Do abacaxi e das laranjas não são mais consoladoras as informações. A França, a Allemanha e a Inglaterra, entretanto, são mercados magnificos para a collocação de todas essas fructas.

Berlim, pelo que tive ensejo de observar e pelas informações que colhi, é a cidade da Europa onde a banana tem maior consumo, pois si a Inglaterra importa em maior volume, grande parte dessa importação de suas proprias colonias se distribue por outros paizes para os quaes é exportada. A laranja, a tangerina e o ananaz são objecto de commercio

Na Allemanha, onde a importação de fructas tende a crescer muito, desde que se normalize a sua vida economica, as bananas, em grande parte, são importadas das Canárias, pela praça de Hamburgo; as laranjas e as tangerinãs da Italia e Hespanha e o ananaz das colonias da Africa — de Portugal, da França e da Inglaterra.

Em Berlim, não fallando nos mercados em que a fructa é negociada em grandes lotes ou partidas, as bananas são vendidas a retalho, nas ruas ou nas pequenas casas desse commercio, por 25 pfennigs, ou sejam 500 réis de nossa moeda cada uma, vendendo-se a laranja pelo mesmo preço e o ananaz por 2 marcos e 50 (ouro) e por libra.

Importa actualmente a Inglaterra mais bananas e laranjas do que a Allemanha, sendo avultada a sua importação de ananazes e tangerinas. As laranjas são importadas da Hespanha e da Italia, importando as bananas e outras fructas tropicaes das Canarias, de suas proprias colonias e do dominio colonial de outros paizes. A exportação de fructas, realizada annualmente pelas Canarias para a Grã-Bretanha, Allemanha, França e outros centros da Europa, é extraordinaria e representa sommas de alta monta.

Importação de bananas e laranjas na Inglaterra

	1922	1923
Bananas — cachos.....	11.031.160	11.857.169
Laranjas — kilos.....	354.726.392	587.419.494

Londres é o maior mercado da Inglaterra para as frutas importadas. As vendas se realizam todas as semanas em leilões, sendo os preços verdadeiramente pautados pela offerta e pela procura, pois todo o commercio a retalho costuma aproveitar-se dessa oportunidade. A importação é feita por grandes casas, muitas das quaes têm agentes seus em varias zonas de produção, como as Canarias, de que semanalmente sahem carregamentos completos de bananas para os mercados da Allemanha, França e Inglaterra. Os preços, por atacado, são muito variaveis.

Em Londres vendem-se a retalho as bananas e as laranjas por tres pence ou cerca de 500 réis, moeda brasileira e o ananaz entre quatro e seis shillings.

diario nas ruas e praças de Berlim, onde numerosos vendedores ambulantes os offerecem em pequenas carroças e grandes taboleiros. Em Paris e em Londres abunda igualmente esse commercio ambulante.

Podemos ter uma idéa segura da importancia deste negocio na Europa pelo conhecimento dos numeros que representam a importação de fructas tropicaes, segundo a estatistica official de cada paiz. A Allemanha, apesar da grande redução que se verificou o anno passado, em as cifras de suas acquisições no exterior, importou 3.273.800 kilos de bananas, 13.595.300 de laranjas, 10.847.100 de tangerinas e 145.500 kilos de ananazes, como se vê dos quadros que vão adiante:

Importação de bananas

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Hespanha	413.600	3.251.700
Outros paizes	68.500	22.100
Total	<u>482.100</u>	<u>3.273.800</u>

Importação de laranjas

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Italia	7.730.800	8.582.600
Hespanha	11.273.300	4.970.700
Outros paizes	63.900	42.000
Total	<u>19.068.000</u>	<u>13.595.300</u>

Importação de ananazes

(Frescos, descascados ou cosidos sem assucar)

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Portugal	200	126.900
Outros paizes	10.100	15.600
Total	<u>10.300</u>	<u>142.500</u>

*
*

As estatísticas de importação de frutas em França nos mostra como esse commercio é avultado e o vasto campo que nos póde offerecer. Marselha e o Havre recebem annualmente, para encaminhar com destino a Paris, consideraveis quantidades de bananas e laranjas de que as Canarias são as principais exportadoras. Embora o mercado francez não assuma a importancia do inglez, elle tende a crescer, como se vê do quadro que adeante transcrevemos:

Importação de bananas, laranjas e abacaxis em França

Especies	1922	Kilos 1923
Bananas	27.500.600	49.503.800
Abacaxis	546.300	696.200
Laranjas, limões e suas variedades	94.585.600	124.228.400

As Canarias exportam bananas para os mercados francezes, sendo a Italia e a Hespanha fornecedoras de laranjas e tangerinas á França, Allemanha e á Inglaterra, mas as quantidades em maior yulto que a Allemanha consome lhe vão da Italia. As laranjas, que tivemos ensejo de ver e provar em Berlim, são de pequeno tamanho, casca muito adherente á polpa, sendo esta de côr muito vermelha, pouco abundante de sumo e de côr carregada como de sangue. Não é saborosa principalmente para quem conhece o paladar da laranja do nosso clima e das nossas terras.

Em Paris compram-se a banana e a laranja por 60 centimos cada uma, variando o preço do ananaz entre 10 e 18 francos. A nós, acostumados a vêr a banana relegada a plano inferior entre as demais frutas, causa extranheza, misturada com um poucoshinho de orgulho, quando se nos depara em Paris ou Londres, na taça em que se nos serve a fidalga salada, tres ou quatro rodellinhas de bananas, afogadas no assucarado caldo em que se misturam a maçã, a pêra, a uva, a cereja e o pecego! A banana elevada á categoria de fruta muito apreciavel e vendida por preços que enchem os olhos!

As bananas, que constituem tão movimentado commercio nos grandes portos europeus e no qual se empregam tão ele-



vados capitaes, são, entretanto, muito inferiores ás nossas no tamanho e gosto, o que se verifica tambem com as tangerinas e laranjas. O ananaz, embora de bonita apparencia como fruta, arredondado, bem colorido de vermelho e amarello, é pequeno; não tem o sabor nem o aroma do abacaxi nacional, do delicioso abaxaxi de Alagôas, Pernambuco e Bahia. E' aspero, fibroso e muito carregado de acidez. Do Brasil não tivemos o prazer de vêr, em nenhum dos grandes mercados de Hamburgo, Berlim e Paris, nem uma só fruta!

Disse-nos o nosso dedicado consul em Liverpool que uma tentativa, bem encaminhada, para a importação de laranjas do Brasil na Inglaterra, havia fracassado por culpa dos exportadores!

A vasta procura dessas tres frutas nas cidades acima apontadas e a importação constante que dellas realizam a Allemanha, a Inglaterra e a França, de tantas procedencias menos do Brasil, nos devem impressionar, convidando-nos a sahirmos do campo de tentativas medrosas e mal dirigidas para o empreendimento definitivo de produzil-as e exportal-as com destino áquelles mercados, criado e normalizado esse commercio por uma corrente de exportação regular e pela permanencia de agentes nossos nas praças importadoras e de consumo.

Temos de attender, si pretendemos collimar esse objectivo, aos seguintes pontos, cada um dos quaes da mais absoluta importancia, para que possamos iniciar e manter correntes constantes e de vulto:

- a) produção sufficiente ao consumo interno e á exportação;
- b) acondicionamento adequado a cada fruta;
- c) transporte no paiz e para o exterior.

O commercio de exportação de frutas do Brasil para a Europa e para os Estados Unidos só poderá constituir-se com proveito e firmar-se de modo definitivo, quando tivermos produção abundante, systematicamente preparada por meio de culturas intelligentes e numerosas, de modo que, em cada época determinada, segundo as exigencias dos mercados importadores, seja possível contar com material copioso para grandes carregamentos.

Tratando-se de travessia demorada, quando ainda, por não existir esse commercio, não se conta com praça certa nos paquetes e vapores que, de passagem pelos nossos portos, demandam os mercados para onde devemos exportar, uma das condições indispensaveis á obtenção regular do transporte é ter volume capaz de occupar o local disponivel nas respectivas camaras frigorificas.

De certo, nenhuma companhia reserva praça para os portos do Brasil, quanto ao transporte de frutas, sem a certeza de carga sufficiente a compensar-lhe a preferencia. Por outro lado, iniciada essa corrente commercial, não havendo produção abundante, quando se tiver de attender ás exigencias dos mercados exteriores, será preciso privar os internos do consumo das fructas nacionaes, ou vendel-as a varejo ao indigena muito mais caro do que ellas se vendem para serem exportadas, e isso é uma triste degradação economica. Esse facto já tem sido verificado nesta capital com relação ao abacaxi e á laranja, vendidos ainda nos campos ao exportador por preços baixos, para satisfazer contractos com firmas da Argentina, e por elle embarcados por preços ainda mais baixos do que os que se cobram por essas mesmas fructas no mercado a retalho desta cidade.

Estamos, entretanto, convencidos de que, com referencia á laranja, as culturas já existentes podem proporcionar copiosas colheitas, convindo melhora-las e alargar-lhes o campo de acção, criando-se grandes companhias commerciaes ou cooperativas de pomicultores, que dispondo de capital bastante a fazer face a uma exploração dessa natureza, com amplitude que se lhe deve imprimir, iniciem e mantenham um animado commercio de exportação para os vastos mercados da Europa, que nos podem importar não milhares, porém milhões de laranjas, abacaxis e bananas. Quanto a estas duas frutas, de cultura e colheita mais rapidas, tudo depende igualmente de industrialização, sem a qual não são possíveis grandes e bem cuidadas plantações.

Verificada a hypothese de se iniciar, com mais largueza, alguma corrente de exportação de qualquer dessas frutas para a Europa, como já tem succedido á guisa de ensaio e dada a boa acceitação do producto e consequentemente o pedido de

maiores remessas, como satisfazê-las em escala ascendente, sem o desenvolvimento da produção? E' por isso que, clamando, como temos feito sempre, pela criação desse ramo de negocio para a Europa, principalmente para os grandes portos da Allemanha, França e Inglaterra, onde se encontram os mais opulentos emporios do commercio de frutas, não deixamos de advertir que, para a consecução desse objectivo, é mistér produzir muito.

O acondicionamento para a exportação é uma das mais importantes faces deste problema. Do acondicionamento depende em grande parte o bom exito desse ramo de negocio e a embalagem varia conforme a fruta. As bananas são engradadas em cachos, envolvidos em folhas seccas da propria bananeira, palha ou papel. Cada engradado contém, em geral, dous cachos e varia muito de peso. E' esse o acondicionamento de toda a banana que se exporta das Canarias para Hamburgo, Londres e Havre.

Antes de serem engradados os cachos, faz-se a escolha dos que tem maior numero de frutas e frutas maiores e mais bem formadas, de modo que assim ficam seleccionados para exportação. Nas praças de destino as cotações obedecem a essa classificação. Depende ainda de melhor observação a maneira de embarcar as bananas do Brasil para a Europa, pois, não sendo possível transportal-as em simples engradados ao ar livre, como se faz das Canarias para Hamburgo e Londres, é mistér accomodal-as em camaras frigorificas sob temperatura conveniente. Neste caso a embalagem pôde obedecer a outro processo.

O systema actual de transporte de bananas para o Prata não chega a ser um systema, porque as frutas, presas aos cachos, são collocadas sem acondicionamento algum no convés dos navios ao ar, cachos sobre cachos, ou nos corredores dos porões mais frescos, mas sem ventilação especial, como se transporta madeira ou outra qualquer mercaderia que não se deteriora. O estado em que grande parte desses carregamentos chega ao porto de destino é facil imaginar. E' claro que o engradar as frutas para embarque acarreta maior despeza; os preços, porém, por que se venderiam nos mercados da Argentina ou do Uruguay seriam, de certo, mais elevados e por isso compensariam aquelles gastos a maior.

As laranjas são acondicionadas em caixas que variam de capacidade conforme o paiz da producção, divididas em dous ou mais compartimentos, contendo de 200 a 400 laranjas e até mais, segundo a sua qualidade. As laranjas, depois de limpas e escolhidas por tamanho, são embrulhadas em papel de seda e accommodadas nos compartimentos de cada caixa, convindó que fiquem bem calçadas para não jogarem umas contra as outras. A caixa é coberta com tiras de madeira que, pregadas, deixam entre si uma abertura de pollagada e meia, mais ou menos.

Não é differente o acondicionamento dos ananazes transportados dos Açores e de outras colonias para os mercados da Grã-Bretanha, Allemanha e França. As caixas, que contem de oito a 14 e de 36 a 40 frutas, são fechadas tambem do mesmo modo, ficando sempre entre as tiras que lhes servem de tampa, espaço necessario para a mais completa ventilação. Os ananazes são embrulhados em papel de seda e ás vezes em paiha de milho, para que não joguem no transporte, nem se machuquem pelo movimento de terra ao navio e de bordo aos armazens de cada porto, onde são desembarcados.

O transporte, por consequencia, é o ponto culminante do problema de exportação de frutas do Brasil para as praças europeas. A demora da travessia e a circumstancia de já virem os vapores, que tocam em nossos portos, rumo á Europa, com as suas camaras tomadas pelos productores argentinos, são embaraços da maior monta, quando não temos companhia nossa organizada para esse serviço especial, como acontece com outros paizes exportadores.

As companhias, que escalam pelos portos brasileiros e por acaso podem aceitar carregamentos, exigem encommenda antecipada para fornecer o transporte. São, pois, difficuldades de muito peso e que não podem ser resolvidas sem muito esforço.

Tratando, em o anno passado, da possibilidade de se eriar o commercio de frutas brasileiras na Inglaterra, escrevia acerca do transporte o consul do Brasil em Londres, o Sr. Pereira Brandão:

«A Companhia *Booth Line*, que serve os portos do norte — do Ceará até Manáos, — só tem um vapor com um pequeno frigorifico de cerca de 40 toneladas, e pede no Ceará £ 10 por

40 pés cubicos. Do Ceará para Liverpool já houve uma tentativa de exportação de laranjas, que finalmente parece ter dado prejuizo porque, segundo a versão de cá, não conseguiram separar os diversos tamanhos.

Os portos do sul são servidos principalmente pelas companhias Nelson, Lamport & Holt e Mala Real.

A Nelson diz que não traz fructas do Brasil nos frigorificos, mas que, algumas vezes, vae a Santos buscar carne. Diz mesmo que ainda não pensou nisso mas que, antes de me dar uma cotação para o respectivo frete, quer saber que quantidade e com que intervallos pôde contar, sendo entendido que as quantidades devem ser bastante grandes para encher, pelo menos, uma camara de cada vez.

A Lamport & Holt diz que nenhum dos seus vapores com frigorificos está empregado no serviço Brasil-Inglaterra.

A Mala Real diz que, em virtude de contractos existentes, os seus frigorificos estão todos alugados a carregadores do Rio da Prata, mas prometeu avisar-me quando alguma camara ficar devoluta. Eu, porém, sei que ahi a agencia pede, pelo menos, 100 toneladas de cada vez e tres semanas de aviso. A companhia está construindo dous novos vapores para a carreira da America do Sul e já me prometeu dotal-os de pequenas camaras de ar frio, proprias para o transporte de fructas, mas vae dizendo que, si acceitar embarque destes productos dos nossos portos para os da Inglaterra, pedirá £ 4 por cada 40 pés cubicos. Isso sempre será melhor do que a cotação da Booth Line no Ceará; mas por agora todas as companhias estão usufruindo muito, o tudo que podem usufruir dos nossos portos sem lhes dar qualquer compensação que valha a pena mencionar.

E como vapores que teem frigorificos não veem a Londres, eu não me atrevo a aconselhar o seu uso porque, dos seus elevadissimos fretes e dos fretes dos caminhos de ferro inglezes, deve resultar um gravame para o preço do custo que não sei como depois o preço de venda possa dar bom resultado.»

O que se diz dos vapores que, passando pelos nossos portos, vão a Londres, dizemos de todos os outros, quanto aos portos da França ou da Allemanha. O frete no frigorifico dos grandes paquetes é carissimo e em geral todas as suas camaras,

quando voltam do Prata, já veem occupadas com productos das duas Republicas do Sul.

E', portanto, como acabamos de vêr, complexissimo o problema da exportação de nossas frutas para a Allemanha, França e Inglaterra; como, porém, os mercados desses paizes nos acenam com as maiores possibilidades, já é tempo de encarmos o problema de frente, procurando resolvel-o como elle se nos apresenta e isto só poderemos obter pela industrialização de todo esse ramo de negocio, desde a cultura até o transporte interno e a conducção para os mercados do exterior. Isolados os esforços dos nossos pequenos pomicultores, jámais teremos pomicultura organizada para exportar e desde que, por outro lado, ficarmos esperando que as grandes companhias de navegação venham ao nosso encontro, servindo-nos em um commercio que ainda não criamos, é correr atraz de uma utopia.

A acção do Ministerio da Agricultura, graças á iniciativa patriótica e clarividente do Dr. Miguel Calmon, empenhissimo desde que assumiu a pasta da Agricultura na realização desse emprehendimento, vae sendo efficazmente encaminhada, podendo-se esperar que o esforço particular coopere com os bons intuitos do Governo. A organização de grandes companhias que explorem a pomicultura, ou a reunião dos pomicultores em cooperativas de producção, hem como o estabelecimento de empresas para o transporte do Brasil ás praças da Europa, agindo isoladamente ou de accordo com os proprios plantadores, são os passos que precisamos dar para, sem prejuizo do consumo interno, levar com abundancia aos grandes mercados de além-mar as nossas excellentes frutas, para as quaes não faltarão compradores nem preços magnificos.



CACÁO

Apresenta a produção mundial de cacáó, em 1923, cifras que jámais attingiu, embora desde 1920 accuse gradual augmento; concorrem para esse resultado as safras da Costa do Ouro e do Brasil, as mais vultosas que se registraram até então para essas duas importantes zonas productoras. Como consequencia natural desse augmento cresceram tambem as suas exportações para serem as maiores entre as maiores verificada no Brasil e na colonia ingleza. A exportação do Brasil foi, em 1923, a mais elevada que o paiz tem realizado até agora, sendo maior do que a de 1919, representada por 62.584 toneladas, quando a do anno passado alcançou a consideravel cifra de 65.328, como se vê do seguinte quadro:

Exportação geral de cacáó do Brasil, em toneladas

1913	29.758
1918	41.865
1919	62.584
1920	54.418
1921	42.883
1922	45.279
1923	65.328

Desde que o commercio de cacáó começou a ter grande importancia pelo volume e valor das transacções, os Estados Unidos passaram a ser o maior mercado importador do producto, ao contrario da França, que, importando em 1903, para consumo e reexportação, 44.124, toneladas e era por isso a praça importadora mais movimentada da Europa, cede hoje á

Inglaterra essa primasia. A importação de cacáo nos principaes paizes consumidores, presentemente, se distribue deste modo:

Importação em 1923

Paizes	Toneladas
Estados Unidos	187.814
Inglaterra	68.018
França	52.677
Allemanha	50.746
Hollanda	44.318

Era differente, ha vinte annos, a situação dos maiores mercados importadores, occupando a França o primeiro lugar, em vez dos Estados Unidos, e a Inglaterra e a Allemanha posição superior á Hollanda, como se vê do quadro seguinte:

Importação em 1903

Paizes	Toneladas
França	44.124
Estados Unidos	28.352
Inglaterra	22.677
Allemanha	21.506
Hollanda	16.742

De todos os mercados, que importam para consumo e tambem para reexportação em larga escala, o mais importante ainda hoje, quanto á reexportação, pela sua posição especial na Europa, é a França; a Inglaterra e a Allemanha, a Hollanda e os Estados Unidos reexportam em menor escala. Os mercados do Havre, Hamburgo, Amsterdam, Londres e Liverpool exportam para os paizes do centro, norte e sul da Europa. O mercado de Nova York exporta para as praças de toda a America do Norte.

A importação geral de cacáo na Allemanha, que, depois dos Estados Unidos, é o melhor mercado que se depara ao Brasil, foi durante o anno passado sensivelmente diminuida, quando em os dous annos anteriores Hamburgo ia conquistando a sua antiga importancia no commercio desse producto. O Brasil, que, em 1921, já tinha exportado para aquelle destino 9.991 toneladas de cacáo, apenas exporta, em o anno passado, 5.946.

Actualmente o maior fornecedor de cacão aos mercados da Allemanha, como acontece tambem quanto aos Estados Unidos, vae sendo a Africa Occidental Ingleza, a Costa do Ouro e Lagos, cujas exportações para Hamburgo são, em consideravel quantidade, superiores ás do Brasil. A Allemanha importa da Africa Ingleza 47.649 toneladas em 1922 e apenas 9.482 dos portos brasileiros. (*) A exportação de ambas essas procedencias para a Allemanha em o anno passado manteve a mesma desproporcionalidade. A Africa Ingleza exporta para as praças allemãs 33.416 toneladas e o Brasil sómente 6.659.

E' exacto que, depois desse concorrente, o Brasil occupa nos mercados germanicos o primeiro posto, mas lutando sempre com a concurrencia do Equador, da Africa Portugueza e de Venezuela, como se evidencia do quadro que damos a seguir:

Importação de cacão na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Africa Occ. Ingleza	47.649.500	33.416.100
Camerum	726.900	458.600
Afr. Occ. Franceza	205.200	102.900
Congo Belga	97.200	15.300
Afr. Occ. Portugueza	8.654.700	3.432.900
Africa Hespanhola	688.800	60.100
India Ingleza	543.500	289.900
India Hollandeza	986.900	258.400
Brasil	9.482.800	6.659.000
Ind. Occ. Ingleza	3.680.900	1.681.000
Costa Rica	155.000	236.200
Repub. Dominicana	437.600	50.500
Equador	6.672.900	2.660.000
Guyana Franceza	134.400	—
Guyana Hollandeza	99.400	63.300
Venezuela	3.556.100	1.181.200
Estados Unidos da America	108.900	71.600
Outros paizes	285.800	191.100
Total	84.166.600	50.748.900

(*) Pela estatistica brasileira a exportação para a Allemanha foi de 8.439 toneladas em 1922 e de 5.946 em 1923.

Segundo as estatísticas de 1923, a Inglaterra é, depois dos Estados Unidos, o paiz cujos mercados consumidores importam maior quantidade de cacáo; mais do que a Hollanda, a Allemanha e a França, sendo grande parte desse producto re-exportado para os paizes visinhos. O maior fornecedor da Grã-Bretanha, como é natural, é a Africa Occidental Ingleza, que lhe fornece muito mais de metade de todo o cacáo de seu consumo e reexportação.

O cacáo do Brasil, que tinha nos mercados inglezes em 1913 grande acolhida, representando-se a sua exportação para aquelle destino pelo total de 7.953 toneladas, o que dava á Inglaterra o primeiro lugar, depois dos Estados Unidos, no quadro dos importadores de cacáo brasileiro, tem sido relegado a plano secundario. A Inglaterra importa do Brasil 256 toneladas em 1921, 987 em 1922 e 398 em o anno passado, segundo a nossa estatística; segundo os numeros da estatística ingleza, as importações da Grã-Bretanha foram de 725 toneladas em 1922 e de 567 em 1924. Estas differenças não prejudicam a nossa affirmação.

Gosa o cacáo das colonias inglezas de reduccão de direitos de entrada nos portos da Metropole, o que colloca o producto de outras procedencias em posição inferior.

O quadro seguinte indica a importação de cacáo na Inglaterra por procedencia:

Importação de cacáo na Inglaterra

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Equador	1.393.856	1.465.332
Brasil	724.842	567.519
Afr. Occ. Ingleza	51.699.112	55.230.918
Ceylão	1.143.448	491.052
Ind. Occ. Ingleza	6.835.561	7.580.725
Outros paizes	3.279.319	2.684.886
Total	65.781.138	68.020.431

Era outr'ora a França o principal mercado comprador do cacáo brasileiro, importando em 1894 cerca de 50.000 quintaes, quando os Estados Unidos apenas importavam 30.000.

Ainda em 1902, essa situação é a mesma, importando a França, 6.985 toneladas e a Allemanha, 3.695. Em 1913, o mercado francez nos compra 4.783 toneladas, mantendo-se dahi em diante mais ou menos estacionario. A contar de 1922, a exportação de cacáo nacional para as praças francezas não apresenta augmento promissor.

Como acontece em todos os demais paizes consumidores, a maior parçella da importação da França cabe á Costa do Ouro, em uma proporção realmente elevada, pois em um total de 52.677 toneladas, importação de 1923, a possessão ingleza apparece com 18.695 toneladas, sendo que as Antilhas Inglezas ainda figuram com 6.168, ou seja mais do que o Brasil. Apesar disso, ao Brasil cabe nas importações de cacáo, em França, o primeiro lugar depois de todas as possessões da Grã-Bretanha.

Na Europa a França é o mercado que importa maior quantidade de cacáos especiaes, do Equador e de Venezuela, no que procura attender ás exigencias de suas fabricas, hoje muito empenhadas em produzir artigos finos em competencia com a industria suissa. Ao passo que mais de metade do cacáo importado pela Allemanha, Inglaterra e Hollanda, em o anno passado, é constituida pelo producto mediano, a França, importante muito da Costa do Ouro, adquire tambem boas porções do genero considerado mais fino e de cotações mais altas. O quadro que vae adiante discrimina essa importação por procedencia:

Importação de cacáo em França

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Venezuela	4.769.800	5.050.200
Brasil (*)	4.385.500	5.061.600
Equador	4.760.300	2.514.300
Ant. Inglezas	3.518.800	6.168.500
Ant. Francezas	1.134.500	1.109.100
Costa. Occi. Africa	959.200	685.200
Poss. Ingleza na Africa	10.588.400	18.695.400
Costa. Occ. Afr. Franc.	6.539.300	4.619.500
Outros paizes	3.291.000	8.773.300
Total	39.946.800	52.677.100

Demonstram as estatísticas acima transcriptas que, dos tres paizes, cujo commercio especialmente estudamos, são a Allemanha e a França os que offerecem mercados mais promettedores ao cacáo de procedencia brasileira, não só porque já nos importam quantidades vultosas, como porque as suas importações geraes ainda se dilatam e crescem. A Inglaterra, sendo uma grande praça para transacções de cacáo, é mercado quasi fechado ao producto do Brasil, não só pela formidavel concurrencia de suas colonias, como pela bonificação de que goza o artigo colonial contra o de outras procedencias, como se vê dos seguintes algarismos indicadores da importação nos tres paizes:

Importação de cacáo em 1923 (*)

Paizes	(Procedencia brasileira)	Toneladas
Allemanha		6.659
França		5.061
Inglaterra		567

O desenvolvimento que tem tomado a producção em escala mais larga do que o consumo, determinando contra o nosso producto, em todas as praças do mundo, a mais tremenda concurrencia e a circumstancia de sermos productores justamente da qualidade mediana, que é a mais abundante em todos os mercados, demanda de nossa parte, si quéremos manter e alargar os da França e da Allemanha, os maiores cuidados para produzir melhor e dar ao producto beneficiamento que o valorize em face do de outras procedencias.

«Estamos longe de accordar sobre a questão de saber — escreve J. Fritsch—qual é o paiz que produz o melhor cacáo. Os inglezes pretendem que é a Trindade; a Venezuela protesta; os mexicanos affirmam que o melhor producto é o de Tehuantepec. A verdade, porém, é que nenhuma especie de cacáo

(*) Ha divergencias entre estas cifras e as da Estatistica Commercial, mas isso não altera a argumentação.

constitue por si mesmo um producto perfeito. (*) E' do processo de fermentação, limpeza, seccagem e escolha que depende a excellencia do producto. Quando o cacáo, colhido maduro, passa por uma fermentação conveniente, sécca com presteza e adquire com rapidez o maximo das qualidades que lhe são proprias. Depois de secco, toma a côr castanha escura, o episperma desprega-se facilmente da casca, a amendoa tem a côr de chocolate e é ligeiramente adocicada, com bastante arema, sem adstringencia e sem amargo pronunciados.

Para a obtenção de boa apparencia, que tanto influe nas cotações do producto, emprega-se em alguns paizes, Ceylão e Mexico, processos especiaes, como rigorosa limpeza e lavagem das sementes antes da sécca, o que lhes dá a côr natural e muito agradável. Em Venezuela usam a terragem, pulverizando-se os grãos, depois de fermentados e durante a seccagem, com argila vermelha; as favas adquirem então uma côr mais viva e ficam bem limpas. Na Trindade empregam mais ou menos o mesmo processo, mais apurado quanto á limpeza, em que se esmeram. Esses cacáos, assim beneficiados, são os de mais altas cotações. Ora, pelo que se conhece, a maior parte da producção da Bahia, de anno a anno mais avultada, ainda não obedece, em sua generalidade, aos melhores methodos de limpeza, fermentação e seccagem. A fermentação se realiza dentro de cinco a oito dias, operando-se a seccagem, commummente feita ao sol, no mesmo periodo, porém sempre muito prejudicada pelo clima excessivamente chuvoso, pois o processo artificial é mui pouco usado. Pela desigualdade com que se dá a fermentação e a seccagem, sob a influencia de tantos contrastes, não pôde haver uniformidade no producto, maximé quando não se lhe dá posteriormente melhor beneficio.

São estas falhas, publicamente reconhecidas, que actuam no exterior contra cotações mais vantajosas para o cacáo nacional, em confronto com o producto de outras procedencias, bem limpo, igualmente fermentado, de seccagem uniforme e

(*) *Le Cacaoyer* — 1920 — Paris — Pag. 37.

perfeita, de côr caracteristicamente accentuada, bom aspecto, aroma agradável e grãos bem desenvolvidos e regulares, requisitos que sempre são levados em conta pelos compradores, de accôrdo com as exigencias de sua freguezia. Tanto em Hamburgo como em Amsterdam, Londres, Liverpool e Havre, segundo indagações feitas por nós por intermedio de casas importadoras e por informações de nossos consulados, verifica-se que uma bôa parte do cacáo do Brasil não apresenta aquelles caracteristicos ou revela as seguintes falhas:

- 1ª, falta de limpeza;
- 2ª, fermentação desigual;
- 3ª, seccagem imperfeita;
- 4ª, má classificação.

Todos os documentos publicados até então acerca do preparo e beneficiamento do cacáo, tanto na Amazonia como na Bahia, principalmente os que se revestem de cunho official, são accordes em affirmar que, desde a colheita dos fructos (para a obtenção de um bom producto devem achar-se em completa maturidade), até a separação das sementes ou favas da polpa que as envolve, antes de serem dispostas para fermentar, não se observam, geralmente, os melhores processos, nem a fermentação, na maioria dos casos, é precedida dos cuidados por ella requeridos, o que se explica pela falta de adaptações e aparelhagem convenientes. A lavoura de cacáo na Bahia, dividida por numerosissimos e pequenos proprietarios, ainda não conta grandes nucleos que operem sob a direcção efficiente de organizações industriaes, com recursos abundantes e indispensaveis a uma exploração vantajosamente economica. (*)

Nas favas, quando não são limpas antes da seccagem, mesmo depois da fermentação completa, sempre se conserva uma mucilagem que, muito propensa a absorver agua, provoca e facilita a criação de cogumelos e mofo, mal que se desenvolve e progride com tanto maior rapidez quanto mais car-

(*) "O cacáo bahiano é ainda e em cerca de 80 % mal e incompletamente beneficiado e a esse mal de origem outros se juntam por conta de terceiros, extranhos á lavoura." Reperesentação dirigida ao Governador da Bahia, pelo Syndicato de Agricultores de Cacáo, em 2 de maio do corrente anno.

regado de humidade for o ambiente em que ellas se encontram. Em saccas de cacáo secco, exportado sob as denominações em voga, verifica-se, muitas vezes, essa falta de limpeza, manifestada pela existencia de residuos, cascas soltas e favas completamente achatadas ou imprestaveis, o que o torna, ainda quando de bôa qualidade e de amendoas uniformes e grandes, bastante inferior ao de outras procedencias em que ha esmero no preparo.

Encontram-se, commummente, em saccas de cacáo da mesma partida, muitas favas que, examinadas, indicam a mais completa desigualdade de fermentação pela côr da massa do interior das amendoas, ora mais escura, ora mais clara, bem como pelo amargo muito pronunciado que denota não ter operado aquelle processo todos os seus efeitos sobre os elementos componentes do producto. Essa falta de uniformidade, quanto á fermentação, explica-se pela difficuldade em si desse processo, quando se trata de grandes colheitas em um meio em que os systemas utilizados não são os melhores e o beneficiamento que se dá ao producto é mistural-o, sem attender a qualidades e a procedencias, segundo o criterio adoptado pelo exportador, para assim se formarem os differentes typos de exportação. Nessa escolha, depois da mistura, não é possivel separar mais o cacáo bem fermentado do que não o foi.

Sob a acção continua das mesmas causas que determinam, não raro, a fermentação incompleta, discontinua e prejudicial ao producto, a seccagem do cacáo nacional nem sempre é perfeita. A saccagem ao sol, que é o processo usado na Amazonia e o mais generalizado tambem na Bahia, sendo, a juizo dos competentes, o melhor (*), está sujeita, comtudo, aos mais graves inconvenientes em regiões como aquella, de clima em

(*) E' incontestavel que a seccagem do cacáo devia, em condições normaes, ser feita ao sol: a acção desse calor natural sobre o cacáo é muito diversa da que se produz pelo calor artificial. Elle dá côr ás sementes pela oxydación do acido da polpa que as envolve, melhora de alguma sorte a amendao, tornando-a mais adocicada; corrige outros defeitos e vaporiza lentamente a^a agua nellas contida, sem forçar a elasticidade brusca da pellicula que as cobre. Além disso, o cacáo passa por uma lenta e nova fermentação durante a noite, o que completa as faltas da fermentação accelerada das cubas." (Joaquim Bahiana.) Relatório apresentado ao Governador da Bahia — 1920, pag. 98.)

extremo chuvoso. Dependendo exclusivamente do calor do sol, a falta deste por dias seguidos interrompe a operação da secagem, occasiona novas fermentações e consequentemente o ataque do producto pelos cogumelos e pelo mofo. Esse contra-tempo, com frequencia observado, transforma grandes massas de cacáo bem fermentado em genero de má apparencia e qualidade secundaria.

Considera-se, em toda a parte, cacáo superior aquelle que provém de fructos colhidos em perfeita maturidade, de grãos bem desenvolvidos, cheios e limpos, apresentando no interior das favas a côr caracteristica de que já falámos e cuja casca se desprende da amendoa com facilidade e se despedaça sob a menor pressão. Tanto em Amsterdam como em Hamburgo e no Havre, etc., algumas partidas do producto brasileiro apresentam mais ou menos este requisito. Em grande numero de casos, porém, isso não se dá. A concorrência dos factores acima enumerados conspira contra a obtenção de um producto, na sua generalidade, uniforme e superior para uma classificação sob este titulo.

Por outro lado, o processo de beneficiamento, usado na Bahia pelos exportadores, de baldear todo o cacáo adquirido, sem attender á sua procedencia e ás qualidades intrinsecas e accidentaes do producto quanto á fermentação, limpeza e secagem, para constituir os tres typos de exportação, origina, por melhor que seja essa escolha e o cuidado dos operadores, a confusão das qualidades, misturadas as amendoas bem ou mal fermentadas, bem ou mal seccas, maiores ou menores, redondas e chatas, em "melange" que tanto nos tem prejudicado nos mercados de consumo. Ora, a classificação que depende de tal systema não pôde deixar de ser má.

Confirmam todos estes conceitos o que, em maio de 1923, a respeito do cacáo nacional, informava o Dr. Filinto de Abreu, laborioso e dedicado consul geral do Brasil em Hamburgo: "O que se torna absolutamente necessario é prestar muita attenção á classificação do cacáo, de fórmula que ella corresponda á sua verdadeira qualidade. A mercadoria vendida sob a denominação "superior" deve ser sempre da melhor qualidade. O contrario dá occasião a queixas, pois antes da guerra a denominação — superior — correspondia real-

mente a producto superior, embora em pequena proporção quanto á exportação total. Actualmente a maior quantidade de cacáo vem com a denominação — superior — quando, na realidade, não merece tal classificação." (*).

O X do problema do cacáo no Brasil, portanto, é o preparo desde a colheita dos fructos maduros, fermentação e seccagem, até o seu beneficiamento para a formação dos typos commerciaes exportaveis, conforme a sua verdadeira qualidade e não a gosto e arbitrio dos exportadores, sob um criterio que não se compadece com as boas normas de um commercio regular de exportação. E' o tamanho regular das amendoas, fermentadas e seccas de modo uniforme e completo, adquirindo a casca a mesma apparencia e o interior das favas a mesma coloração característica, o mesmo aroma e a mesma fragilidade no partir-se e no separar-se da pellicula que as envolve, o que dá valor ao producto segundo as exigencias dos compradores do exterior.

Dispondo de um producto bem preparado, de boa apparencia e de preço relativamente modico e por isso mesmo mais accessivel á grande massa dos consumidores, casas que o importam para reexportar e firmas que o manipulam, cujo ambito de acção tem tanto mais probabilidade de estender-se quanto mais facil fôr a aquisição delle, o Brasil poderá, pela propaganda desenvolvida em moldes puramente commerciaes, conquistar mercados novos e alargar a sua freguezia nos da Allemanha e da França.

—*—

(*) Comunicação feita ao Ministerio do Exterior.

FUMO

Exporta o Brasil em 1913 para diferentes mercados do exterior 29.124 toneladas de fumo em folha, sendo quasi toda essa exportação representada pelo producto da Bahia ou sejam 25.079.814 kilos. Os principaes mercados importadores são, a esse tempo, a Allemanha e a Argentina. Das 29.124 toneladas exportadas naquelle anno para o estrangeiro, 24.019 se destinaram aos portos germanicos, Hamburgo e Bremen. As importações do producto brasileiro na Inglaterra e em França são insignificantes. A Inglaterra importa 39 toneladas e a França apenas 1.500 kilos. Póde dizer-se, portanto, que toda a exportação era feita pela Bahia e todo o fumo da Bahia era exportado com destino á Allemanha. O quadro seguinte assignala esse commercio em 1913.

Exportação do Brasil em 1913, por destino

Paizes	Kilos
Allemanha	24.019.455
Argentina	4.360.492
Uruguay	600.177
Portugal	81.390
Grã-Bretanha	39.213
Belgica	11.286
Estados Unidos	6.507
Hollanda	2.280
França	1.500
Austria	1.450
Chile	1.314

Depois de 1915 e enquanto os mercados allemães ficam interceptados, não podendo manter as antigas correntes de commercio, a França augmenta muito as suas importações de fumo brasileiro, elevando, então, as suas aquisições a 6.581 toneladas em 1915 e a 7.670 em 1917. Em 1919 as praças francezas importam do Brasil 11.358 toneladas. Nos ultimos annos, porém, as nossas exportações para a França tem diminuido para 3.851 toneladas em 1920 e para 1.293 em o anno passado. O quadro seguinte indica por anno as cifras da exportação:

Exportação de fumo do Brasil para a França

Annos	Toneladas
1915.....	6.581
1916.....	3.918
1917.....	7.670
1918.....	6.311
1919.....	11.358
1920.....	3.851
1921.....	5.589
1922.....	3.579
1923.....	1.293

Analysando a importação de fumo em França pelas estatisticas officiaes francezas, e por origem, verifica-se que no anno passado esse ramo de commercio apresenta grande depressão, representado apenas por 36.093 toneladas, quando a importação de 1923 foi de 71.596. Dos paizes exportadores para os mercados da França o que mais lhe exporta são os Estados Unidos, vindo depois o Brasil e a Algeria. Ha, tambem, para completar o computo geral das importações, muitos outros paizes que exportam pequenas quantidades, como se vé do quadro que inserimos em seguida:

Importação de fumo em França

Procedencia	1923	1922	1921
Estados Unidos	14.808.900	36.161.500	13.967.600
Algeria	3.006.700	7.660.000	3.737.400
Brasil	4.011.600	2.446.600)	26.578.200
Outros paizes	14.266.600	23.328.400)	
Total	36.093.800	71.596.500	44.293.200

São os Estados Unidos o maior fornecedor de fumo á França, como o são igualmente á Inglaterra, cujo mercado está completamente avassallado pelo producto daquella procedencia. A nossa posição, todavia, nos mercados francezes é bastante auspiciosa, podendo-se contal-os como os mais accessiveis ao fumo brasileiro. Infelizmente, apezar das excellentes condições climaticas do paiz, o fumo do Brasil, na maior parte exportado, não offerece os requisitos externos de um bom producto; falta-lhe bonita apparencia, que só se obtem pelo preparo esmerado e cuidadoso, como affirma o Dr. Gustavo Dutra: "E' certo que vem do sólo e da cultura a força, a combustibilidade e até mesmo a côr e o aroma das folhas, mas verdade inconcussa é tambem que só o tratamento intelligente, cuidadoso e pacientemente dispensado pôde dar ás folhas a verdadeira côr e o melhor aroma, que constituem duas qualidades essencialmente apreciadas pelos consumidores, sendo fóra de duvida que, si não for bem feito o respectivo tratamento, até aquellas duas qualidades e a força e combustibilidade, que tão valiosas são, maximé quando se trata do fumo para charutos, perderão o seu apuro, ficando o producto depreciado."

Assim, pois, a perspectiva que nos proporciona o mercado francez é magnifica, o augmento, porém, de nossas exportações e a melhoria dos preços estão dependentes do trato que dêrem os nossos lavradores ao producto de suas colheitas, selleccionando as sementes, cultivando-o com desvelo e dispensando-lhe emfim o mais accurado beneficiamento.

* * *

Era a Allemanha em 1913 o mas importante mercado para o fumo do Brasil, como já vimos anteriormente. Importava esse paiz, elle só, toda a producção brasileira, salvo a parte absorvida pelo consumo das fabricas nacionaes de cigarros e charutos, que já, a esse tempo, haviam tomado grande desenvolvimento. Durante a guerra, a Allemanha desaparece de nossas estatisticas para surgir em 1919 com uma importação de 2.985 toneladas, cifra que vae em maior augmento de 1920 a 1922, tendo decahido um pouco em 1923, quando a ex-

portação de todos os productos brasileiros para as praças allemãs experimenta, em geral, essa mesma depressão. O quadro seguinte confirma o asserto:

Exportação de fumo para a Allemanha

Annos	Toneladas
1913.....	24.019
1919.....	2.985
1920.....	5.627
1921.....	9.036
1922.....	13.541
1923.....	9.897

Não retomou ainda a Allemanha a posição que occupava nos nossos mercados de exportação de fumo, em 1913, mas os numeros que representam as suas acquisições nos portos brasileiros indicam, com segurança, que as praças allemãs restauram no Brasil a sua antiga freguezia quanto ao commercio desse producto. As suas importações são continuas e muito elevadas as cifras que as representam. A contar de 1920 a Allemanha, dos tres paizes que estudamos, é o que mais importa fumo do Brasil, mais do que a França e muito mais do que a Inglaterra, como se vê do seguinte quadro:

Exportação do Brasil

Paizes	Toneladas
1920:	
Allemanha	5.627
França	3.851
Inglaterra	17
1921:	
Allemanha	9.036
França	5.589
Inglaterra	533
1922:	
Allemanha	13.541
França	3.579
Inglaterra	65
1923:	
Allemanha	9.897
França	1.293
Inglaterra	2

Estudando-se o mercado da Allemanha, quanto ás suas importações de fumo por origem, verificaremos que, ao contrario do que acontece com a França e a Inglaterra, não são os Estados- Unidos o seu maior fornecedor. A grande massa de importação se faz das Indias Hollandezas e é constituida do fumo especial para o fabrico de charutos. A importação pelas praças de Bremen e Hamburgo é variadissima e lhes vae de numerosas procedencias. A India Hollandeza concorre com cerca de metade de toda a importação germanica.

Depois da India Hollandeza, a maior importação vae da Grecia, da Turquia e dos Estados- Unidos. Em 1922 o Brasil exportou para os mercados allemães quantidades equivalentes ás exportadas pelos Estados- Unidos. Vê-se, do confronto da estatistica official allemã, que as correntes de importação guardam sempre a mesma intensidade, diminuidas um pouco em o anno passado, pela restricção geral que experimentou todo o commercio da Allemanha com os paizes estrangeiros. O quadro que segue indica a importação de fumo na Allemanha, por procedencia.

Importação de fumo em folha na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Bulgaria	4.169.800	2.418.100
Grecia.	9.223.700	6.698.200
Hollanda	427.000	464.400
Turquia.	8.343.600	4.969.200
China.	1.313.400	1.109.400
India Hollandeza	32.867.000	24.217.400
Brasil.	6.588.900	5.645.000
India Occ. Ingleza.	103.600	208.900
Colombia	732.000	328.600
Cuba	101.200	38.700
São Domingos.	2.595.400	2.552.700
Estados Unidos	7.248.300	9.831.800
Outros paizes	2.087.000	3.208.300
Total.	<u>75.900.900</u>	<u>61.690.700</u>

A numerosa diversidade de procedencias que se nota na importação de fumo em a Allemanha encontra a sua natural justificativa no grande desenvolvimento tomado pela sua conhecida industria de charutos e cigarros. Hamburgo é o emporio dessa manufactura, cuja producção tem largo consumo em toda a Europa Central. Tendo de attender ao fabrico de charutos e de cigarros de variadas qualidades, quanto á natureza do fumo empregado para servir ás exigencias de sua immensa freguezia, a industria allemã importa materia prima de toda a parte, desde a Bulgaria e a China até os Estados-Unidos e o Brasil. Os fumos de folha fina e delicada, como os de Sumatra, são empregados na capa dos charutos vendidos a bom preço, utilizados os de qualidade bôa, mas sem os requisitos dessa applicabilidade em muitos outros misteres.

Tivemos opportunidade de visitar algumas fabricas em Hamburgo, ouvindo de seus proprietarios bôas referencias ao fumo da Bahia, empregado no preparo de cigarros e charutos com a capa de fumo de outras procedencias, de folha delicada e perfumosa, e de tudo quanto examinámos alli se nos arraigou no espirito a convicção de que o fumo brasileiro é, no exterior, o producto que mais experimenta as conhecidas mystificações, pelas quaes perde sempre o nome e todos os indicios de sua verdadeira origem.

Em todo o commercio de Hamburgo e Berlim não se faz referencia a cigarros e charutos manipulados com fumo da Bahia, mal reputado no seio da numerosissima população de fumantes, pois os charutos denominados — Brasil, — (não sabemos por que) — são os de peor especie e só consumidos por quem não pôde adquirir os de melhor qualidade. A ignorancia dos consumidores a este respeito é tal que ficam sincera e altamente admirados si alguém, chegado do nosso paiz, lhes offerece um dos nossos bons charutos bahianos e lhes diz ser de fumo brasileiro e preparado no Brasil. Esse factó, referido pelo nosso addido commercial em Berlim, foi por nós igualmente verificado na mesma cidade, no consulado geral do Brasil, quando a varios commerciantes allemães, alli reunidos, o coronel Gaelzer Netto offereceu alguns charutos da Bahia.

— A industria do fumo e seus preparados assumiu tal im-

portancia na Allemanha que, para attender ao consumo e facilitar o seu commercio, se realizam annualmente duas exposições, — materia prima e manufacturada, — nas principaes cidades do paiz e a esses certames concorre todo o mundo industrial allemão. O comparecimento do Brasil a essas feiras, com mostruarios escolhidos e copiosas informações, poderia trazer-nos excellentes resultados, porque, embora a Allemanha importe fumo do Brasil em quantidade apreciavel, como verificamos acima, todo esse fumo passa despercebido á grande massa dos consumidores.

* * *

Os mercados inglezes importam mais fumo do que os allemães e francezes, mais do duplo da importação da Allemanha e mais de dous terços da que a França realiza annualmente. As manufacturas de fumo da Inglaterra representam avultados capitaes e exigem grande volume de materia prima. O consumo de charutos, cigarros, fumo desfiado e picado é consideravel, crescendo dia a dia a exportação desses artigos para o continente europeu e para as possessões. O quadro junto demonstra a posição dos tres paizes, quanto á importação de fumo em toneladas:

Importação em 1922

Inglaterra	167.701
Allemanha	75.900
França	71.596

Importação em 1923

Inglaterra	157.745
Allemanha	61.690
França	36.093

Importando fumo em quantidades tão avultadas, a Inglaterra quasi nada importa do Brasil; não importa hoje como não importava em 1913. Adquirindo naquelle anno de portos brasileiros 39 toneladas, nem mesmo no periodo da

guerra, quando se augmentavam todas as nossas exportações para a Europa, as de fumo para a Grã-Bretanha tiveram maior desenvolvimento. Durante esse periodo a maior exportação do Brasil para os portos inglezes foi a de 1921. A exportação do anno passado foi até insignificante — 1 tonelada e 833 kilos ! O quadro seguinte indica o movimento desse commercio com os portos da Grã Bretanha, desde 1913 a 1923:

Exportação de fumo para a Inglaterra

Annos	Toneladas
1913	39
1915	221
1916	97
1917	150
1918	351
1919	421
1920	17
1921	533
1922	65
1923	2

Pondo-se em cotejo as cifras que exprimem as importações de fumo na Grã-Bretanha, relativamente á procedencia, vê-se que todo o mercado inglez é supprido annualmente pelos Estados Unidos.

Na importação de 1923, ou sejam — 157.745 toneladas, os Estados Unidos entram com 141,009; é quasi toda a importação. O fumo dos Estados Unidos é bom, apresenta boa apparencia e excellent perfume, tendo conquistado por essas qualidades, preferidas da industria e dos consumidores inglezes, os mercados do Reino Unido. No quadro adeante elucida-se o caso:

Importação de fumo não preparado na Inglaterra em 1922 e 1923

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Estados Unidos	151.341.220	141.009.967
Outros paizes	16.360.731	16.735.662
Total	<u>167.701.951</u>	<u>157.745.629</u>

Sendo, como acabamos de vêr, os mercados britannicos optimos freguezes do fumo dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que importam em tão grande volume essa materia prima, são, emtanto, mercados fechados para o producto do Brasil. Não podemos attribuir o facto á qualidade do nosso fumo, por isso que, mesmo sem o cuidadoso trato que se lhe dá em Sumatra e outras zonas de producção esmerada, elle é solicitado pelos demais paizes da Europa, principalmente pelas praças da Allemanha, onde tem larga accitação embora perca sempre, desde que é manufacturado, o nome da sua procedencia.

A importancia do mercado da Inglaterra, cada vez mais necessitado de materia prima, como demonstram as estatisticas dos ultimos annos, nos deve levar a indagar a causa desse retrahimento para o fumo brasileiro e essa causa, como nos informam algumas casas importadoras em Liverpool, é exclusivamente a falta de propaganda commercial do producto para o qual haverá sempre logar, desde que nos empenhemos por leval-o até lá bem apresentavel e com o mais rigoroso escrupulo na satisfação das encomendas.

Os mercados inglezes desafiam, deste modo, a nossa attenção, notando-se que, se outros productos do Brasil encontram as portas fachadas na Inglaterra pela concurrencia dos similares de suas colonias, isso não se dá com o fumo, cuja producção colonial é pequena deante das exigencias do consumo, como se vê das estatisticas de importação, onde os Estados Unidos apparecem com quasi toda a cifra que a representa.

Podemos conquistar para o fumo na Grã-Bretanha a mesma situação em que se vae collocando o algodão de nossas colheitas.

ARROZ

E' o arroz um dos productos nacionaes cuja exportação começou a ser feita depois da guerra; foi a guerra que creou na Europa e mesmo na America do Sul a necessidade de importar esse producto do Brasil. Em 1913 as cifras que expressam na estatistica a exportação de arroz são insignificantes, 50 toneladas que, de certo, repartidamente se destinaram ao sortimento de vapores em transito por aguas brasileiras. Em 1917, porém, inicia-se essa corrente de commercio com caracter da maior importancia. Sahem, então, pelos portos brasileiros 44.638 toneladas não só para paizes da America como para a Europa, como se vê deste quadro:

Exportação de arroz em 1917, por toneladas e por destino

	Toneladas	Valor
Argentina	17.435	9.213:000\$000
Bolivia.	3.000	1:437\$000
Cuba.	151	84:000\$000
Estados Unidos.	17	8:000\$000
França	18.856	10.486:000\$000
Grã-Bretanha.	89	44:000\$000
Italia.	1.185	650:000\$000
Paraguay.	2	1:680\$000
Perú	45	28:000\$000
Cabo Verde	33	40:000\$000
Uruguay.	6.784	3.539:000\$000

Durante os annos de 1918 e 1919 a exportação, tendo diminuido quasi de metade, se manteve estacionaria, para tomar grande surto em 1920, quando se elevou a 134.550 toneladas. Foi o auge desse commercio para o exterior. Dahi em deante essa vultuosa corrente decresce para representar-se por 34.152 toneladas em 1923. Em 1920, quando subiu ao maximo a exportação, todos os grandes paizes da Europa importavam arroz do Brasil; são a Allemanha, a Belgica, a França, a Inglaterra, a Hollanda, a Italia e Portugal, não falando das Republicas do Prata, a Argentina e o Uruguay, cujas importações desse cereal foram bastante consideraveis. Os dous quadros seguintes mostram a exportação geral de arroz, realizada pelo Brasil de 1913 a 1923, bem como essas exportações em 1920 por paizes de destino:

Exportação geral

	Toneladas
1913.....	51
1915.....	14
1917.....	44.638
1918.....	27.915
1919.....	28.422
1920.....	184.553
1921.....	56.604
1922.....	37.865
1923.....	34.152

Exportação geral em 1920, por destino

	Toneladas	Valor
Allemanha.....	51.703	36.243:000\$000
Argentina.....	31.446	21.263:000\$000
Belgica.....	7.795	5.699:000\$000
Cuba.....	3.480	2.589:000\$000
Estados Unidos.....	229	166:000\$000
França.....	3.351	2.364:000\$000
Inglaterra.....	4.251	3.102:000\$000
Hollanda.....	8.836	6.838:000\$000
Italia.....	666	507:000\$000
Portugal.....	7.792	5.037:000\$000
Suecia.....	502	370:000\$000
Uruguay.....	6.757	4.454:000\$000

Diminue em 1921 toda a exportação de arroz para a Europa e esse decrescimento continúa dahi em diante até o anno passado, mantendo-se, entretanto, firme essa corrente de commercio para a Argentina e para o Uruguay. Quanto á França e á Inglaterra esse decrescimento é sensibilissimo desde 1921 e cada vez mais se accentua em prejuizo de nossa produção. A França importa 18.856 toneladas de arroz do Brasil em 1917 e 3.315 em 1920. Em 1921 apenas importa 2 toneladas, 3 em 1922 e 255 em o anno passado. A grande importação de 1917 foi occasionada pelas exigencias do consumo, então enorme, para attender ao abastecimento dos exercitos, vindo a diminuir esse commercio á medida que desaparecia aquella causa. O quadro seguinte demonstra as nossas exportações para a França desde 1916 em toneladas:

Exportação para a França

1916.....	—
1917.....	18.856
1918.....	2.199
1919.....	1.877
1920.....	3.351
1921.....	2
1922.....	3
1923.....	255

Discriminando-se as correntes de exportação de arroz, por procedencia, para os mercados da França, vê-se que a importação annual desse cereal é muito grande naquelle paiz e mesmo independentemente do accrescimento de consumo, que a alimentação dos exercitos determinou durante a guerra, o consumo normal das populações francezas absorve consideraveis quantidades, o que determina o augmento das importações.

O maior exportador para as praças francezas é a Indo-China, vindo depois a Hespanha e os Estados Unidos. A nossa exportação para a França sendo, como vimos, muito descontínua, tem diminuído bastante, passando de 18.856 toneladas em 1917 a 3.351 em 1920 e ainda a 255 toneladas apenas em

o anno passado. O quadro que vae adiante consigna a importação de arroz em França nestes dous ultimos annos por procedencia:

Importação de arroz em França

Procedencia	Kilos		
	1923	1922	1921
Indo-China . . .	89.092.500	79.718.900	107.891.900
Estados Unidos .	5.049.300	1.479.500	20.317.200
Hespanha . . .	7.142.400	1.500.500)	19.514.600
Outros paizes .	39.430.000	14.132.400)	
Total . . .	<u>140.714.200</u>	<u>96.831.300</u>	<u>147.723.700</u>

A Inglaterra é igualmente grande mercado importador de arroz, maior do que a França e ainda maior do que a Allemanha, embora esta ainda se encontre em periodo de reorganização economica e por isso ainda não restaurada completamente na sua normalidade commercial com o mundo. Em o anno passado a Inglaterra importa mais do que a França e do que a Allemanha, como se vê do seguinte:

Importação nos tres paizes em 1923

Paizes	Kilos
Inglaterra	162.981.944
França	140.714.200
Allemanha	14.285.600

Da estatistica official do Reino Unido, correspondente a 1923, vê-se a grande massa de importação de arroz que lhe vae da India Oriental Ingleza, concorrendo para completar a cifra geral da importação numerosos paizes, entre os quaes se encontra o Brasil com 120 toneladas. A importação de arroz que a Grã-Bretanha faz de portos brasileiros é muito diminuta, tendo sido vultosa sómente em 1920, quando se representou por 4.251 toneladas. De 1921 em diante a nossa exportação de arroz para os mercados da Inglaterra, embora diminuta, é constante. O quadro seguinte indica as importações da Grã-Bretanha por origem nos ultimos annos:

Importação de arroz na Inglaterra

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
India Oriental Ingleza	65.263.064	70.316.953
Outros paizes	74.203.712	92.664.991
Total	<u>139.466.776</u>	<u>162.981.944</u>

Os mercados da Allemanha, pelo menos nos ultimos annos, são muito mais fracos em confronto com os da Inglaterra e da França; nota-se que a importação allemã diminuiu muito em o anno transacto, sendo esse decrescimo de mais de metade do volume que representa a do anno de 1922. A Allemanha começou a importar arroz do Brasil em 1919, adquirindo 2.410 toneladas, mais do que a Inglaterra e a França nesse mesmo anno. O quadro seguinte consigna as nossas exportações para os portos germanicos, desde 1919:

Exportação de arroz para a Allemanha

Annos	Toneladas	Valor
1919	2.410	1.892:753\$000
1920	51.703	36.243:863\$000
1921	22.025	12.010:270\$000
1922	246	136:379\$000
1923	3.368	2.589:274\$000

Exportam arroz para a Allemanha a India Ingleza, a India Hollandeza, o Sião e outros paizes, entre os quaes se nos depara o Brasil. O quadro seguinte demonstra a importação allemã em 1922 e 1923:

Importação de arroz na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
India Ingleza	24.584.500	15.203.500
India Hollandeza	753.300	276.300
Sião	3.066.700	41.900
Outros paizes	885.100	736.900
Total	<u>29.289.600</u>	<u>14.285.600</u>

Do confronto de todas estas estatisticas se evidencia que a nossa exportação de arroz, tão auspiciosamente encaminhada desde 1917 para a França e para a Inglaterra e desde 1919 para a Allemanha, diminuiu muito de intensidade, reduzida bastante quanto á França e á Grã-Bretanha, quando, no entanto, estes dous paizes são grandes importadores desse cereal e as suas importações, mesmo nos ultimos annos, quando já não imperam exigencias da alimentação dos exercitos, revelam pronunciado augmento. O quadro seguinte mostra a marcha de nossas exportações para os tres paizes:

Exportação

Paizes	Toneladas	Valor em contos
1917:		
Allemanha	—	—
França	18.856	10.486
Inglaterra	90.090	44
1918:		
Allemanha	—	—
França	2.199	1.847
Inglaterra	48	26
1919:		
Allemanha	2.410	1.892
França	1.877	1.540
Inglaterra	6	4
1920:		
Allemanha	51.703	36.243
França	3.351	2.364
Inglaterra	4.251	3.102
1921:		
Allemanha	22.025	12.010
França	2	1
Inglaterra	116	70

Paizes	Toneladas	Valor em contos
1922:		
Allemanha	246	136
França	3	2
Inglaterra	103	69
1923:		
Allemanha	3.368	2.584
França	255	201
Inglaterra	120	81



FEIJÃO

O Brasil não era exportador de feijão em quantidades apreciáveis, embora na vastidão de seus Estados, por toda a parte, medrem e produzam abundantemente as muitas espécies dessa leguminosa. Em 1913, a exportação brasileira se representava por 6.590 kilos importados pela Argentina, Alemanha e França.

Em 1916, de certo, para satisfazer as necessidades criadas na França pela guerra, a exportação se avoluma de forma prodigiosa, expressando-se por 45.816 toneladas e ainda por 93.536 em 1917. São os maiores importadores a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, como se nota neste quadro:

Exportação em 1917

Paizes	Toneladas	Valor
Argentina	279	118:490\$000
Bolivia	3	2:526\$000
Cuba	69	17:721\$000
Estados Unidos	14.905	6.522:097\$000
França	34.656	14.582:714\$000
Inglaterra	35.997	16.428:703\$000
Hespanha	1	500\$000
Italia	5.798	2.420:426\$000
Noruega	106	37:807\$000
Uruguay	1.549	427:289\$000

De 1918 em diante começa a declinar a exportação, baixando a 58.607 toneladas em 1919, chegando a 707 apenas em

1923. Em 1922 os Estados Unidos desaparecem do nosso mercado, a França reduz as suas compras a 2.400 kilos, sendo nulla a exportação para a Grã-Bretanha. A Allemanha que, acabada a guerra, adquiriu em nossas praças avultadissimas partidas de feijão, comprando-nos 5.248 toneladas em 1919 e 11.620 em 1920, em 1922 apenas nos compra 1.830 kilos. O quadro seguinte indica a exportação geral de feijão realizada pelo Brasil neste decennio:

Exportação geral de feijão

Anos	Kilos	Valor
1913	6.590	1:711\$000
1915	304.252	105:501\$000
1916	45.816.581	13.812:859\$000
1917	93.536.449	40.625:942\$000
1918	70.913.518	31.298:893\$000
1919	58.607.395	20.845:206\$000
1920	23.101.357	8.356:868\$000
1921	390.384	182:743\$000
1922	161.723	92:101\$000
1923	706.682	383:410\$000

Tomando-se para analyse mais minuciosa somente a exportação para os tres paizes, cujo commercio com o Brasil vamos estudando, chegaremos á evidencia de que as exportações de feijão para a França e Grã-Bretanha sempre andaram parelhas, augmentando para aquelle paiz quando augmentavam para este e vice-versa. O declinio, a contar de 1920 em deante, é notado em ambos, embora neste ultimo anno a França ainda tenha importado 1.413 toneladas de feijão das praças brasileiras. O auge das exportações para a Allemanha foi em 1920, vindo de 1921 em deante a quéda das suas importações do Brasil, apesar de ainda assim importarem os mercados germanicos em maior volume do que os francezes e britannicos, como se vê do seguinte:

Exportação, por destino

1913:	Kilos
Allemanha	1.245
França	1.191
Inglaterra	60

	Kilos
1916:	
Allemanha	—
França	34.138-100
Inglaterra	1.857-600
1917:	
Allemanha	—
França	34.656.563
Inglaterra	35.997.629
1918:	
Allemanha	—
França	16.739.640
Inglaterra	26.411.050
1919:	
Allemanha	5.248.204
França	28.127.350
Inglaterra	12.589
1920:	
Allemanha	11.620.747
França	1.413.000
Inglaterra	11.073
1921:	
Allemanha	114.488
França	1.097
Inglaterra	—
1922:	
Allemanha	1.830
França	2.400
Inglaterra	180
1923:	
Allemanha	305.180
França	104.400
Inglaterra	60

As importações de feijão na Inglaterra são mais vultuosas do que na Allemanha e muito mais do que na França. A Inglaterra importa actualmente cerca de 70.500 toneladas para consumo. Durante a guerra esse paiz, só de praças brasileiras, importava metade desse volume, quando maiores eram as suas aquisições para attender á alimentação dos exercitos. Os Paizes que mais exportam para a Grã-Bretanha são a India Inglesa e a China, como se vê do quadro que segue:

Importação de feijão

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
India Inglesa.....	16.406.368	38.261.036
China	14.789.048	11.652.351
Egypto	5.253.736	—
Marrocos	1.249.426	—
Outros paizes.....	19.922.337	20.900.745
Total.....	57.620.915	70.814.132

São mais minuciosas as estatisticas do commercio allemão quanto á procedencia de suas aquisições. Importa a Allemanha cerca de 35.000 toneladas de feijão annualmente de varios paizes da Europa, Asia e America, mas os maiores volumes de suas importações lhe vão dos paizes visinhos. A Rumania, a Hungria e a Austria são os seus maiores fornecedores, como se deduz deste quadro:

Importação de feijão na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Belgica	2.330.800	137.700
Bulgaria	1.033.400	433.300
Hollanda	824.800	2.554.300
Austria	5.006.600	5.204.900
Hungria	5.231.800	5.349.300
Rumania	9.697.400	8.966.000
India ingleza	2.247.600	1.743.700
Chile	935.100	1.536.200
Estados Unidos	4.635.100	312.500
Outros paizes	4.414.800	3.075.900
Total	36.357.400	29.313.800

As exportações do Brasil para os mercados francezes não assumem mais a importancia dos annos de 1916 a 1919, quando as sahdas para a França se indicavam por muitos milhares de kilos, 34.656 toneladas em 1917 e ainda 28.127 em 1919..

Nos ultimos annos o nosso commercio exportador de feijão para aquelle destino experimentou profunda depressão, cahindo a 104 toneladas em o anno passado. Por sua vez tambem se verifica ter cahido muito do anno passado para este a importação geral de feijões e favas seccas na França, como se vê do quadro que damos em seguida:

	1922	1923
Kilos	39.304.400	26.259.800



MILHO

Nunca o Brasil exportou milho; esse producto não figura nas nossas estatísticas de exportação de antes da guerra sinão em quantidades que, claramente, indicam tratar-se de uma exportação irregular e descontinua; 1.152 kilos em 1910, no valor de 178\$; 3.100 kilos em 1914, na importancia de 513\$000. Ao contrario, era grande a importação desse artigo, continua e crescente, para vergonha de um paiz immenso, onde este e outros cereaes constituem, por condições naturaes, culturas proprias ao meio e de facil empreendimento. Em 1910, importámos 2.996.603 kilos, 4.274.167 em 1911, 6.269.418 em 1912 e 8.893.159 em 1913, no valor de réis 1.121:987\$, só neste ultimo anno.

No decorrer dos annos posteriores a producção do milho foi maior, exportando-se os excessos das colheitas, sem que se tivesse notado sensivel augmento de preço nas vendas internas até 1920, elevada esta exportação, em 1916, a 4.932.952 kilos, no valor de 812:329\$000. Os Estados do Maranhão e Pernambuco figuram em primeiro plano nessa exportação, como se vê do quadro que vae em seguida :

Exportação de milho em 1916, por origem

Procedencia	Toneladas	Valor
Pará	180	32:500\$000
Maranhão	1.783	400:500\$000
I. Cajueiro	6	1:661\$000
Récife	1.906	276:269\$000
Maceió	934	77:311\$000
Sant'Anna do Livramento	99	19:772\$000
Uruguayana	20	4:160\$000

Por destino

Paizes	Toneladas	Valor
Argentina	20	4:000\$000
Inglaterra	4.721	765:000\$000
Portugal	90	22:000\$000
Uruguay	99	29:000\$000

Sóbe em 1917 a exportação de milho a 24.054 toneladas e ainda a 35.967 em 1921, mantendo-se mais ou menos nesta cifra em 1923. Em 1917 os maiores exportadores são o Maranhão, Santos e Rio de Janeiro e os paizes que mais importam a Inglaterra, a França e a Italia, — sendo que até os Estados Unidos nos compraram naquelle anno 1.971 toneladas desse cereal. Em 1918 a exportação decresceu muito, decrescendo tambem a que se dirigia para a Grã-Bretanha, embora a da França se tivesse mantido estacionaria. A que seguia com destino aos Estados Unidos desapareceu. Os dous quadros seguintes patenteiam o movimento de exportação por destino e procedencia:

Exportação em 1917

Paizes	Toneladas
Argentina	76
Estados Unidos	1.971
França	4.452
Inglaterra	14.328
Italia	3.183

1918

Argentina	1
Estados Unidos	—
França	4.266
Inglaterra	9.949
Italia	—

Exportação por origem ou praças mais importantes em 1917

Estados	Toneladas
Pará	1.787
Maranhão	5.072
Fortaleza	2.334

Estados	Toneladas
Recife	2.504
Maceió	1.648
Rio de Janeiro	4.685
Santos	4.974

Em 1919 e em o anno seguinte a exportação deerece muito, cahindo para 3.475 toneladas nesse anno e a 4.426 em 1920. A Inglaterra ainda importa mais do que a França e a Allemanha não importa nada. Em 1921 a exportação ascende a algarismos elevados, declina em 1923 e volta a subir bastante em o anno transacto. No correr deste ultimo periodo a Grã-Bretanha continúa a ser a maior importadora desse cereal nos mercados do Brasil, sendo que em 1921 a Allemanha reaparece e a sua importação é sempre crescente: — 30 toneladas em 1921, 450 em 1922 e 3.122 em o anno passado. O quadro seguinte indica o movimento geral da exportação de milho desde 1913 :

Exportação

Annos	Toneladas	Valor
1913	1	260\$000
1915	—	—
1916	4.932	812:000\$000
1917	24.054	3.926:000\$000
1918	14.275	3.535:000\$000
1919	3.475	879:000\$000
1920	4.246	986:000\$000
1921	35.966	7.183:000\$000
1922.	12.732	2.628:000\$000
1923	34.578	8.874:000\$000

Não mantêm as nossas exportações de milho a menor firmeza nas suas correntes, seguindo-se ao anno de maior sahida um outro de menor commercio; apesar dessa circumstancia, nota-se, nos ultimos annos, a tendencia clara de maior firmeza. Os mercados da Inglaterra são definitivos; da França inconstantes e frouxos, revelando os da Allemanha

pronunciado pendor para firmar-se, como tudo se evidencia do movimento geral de nossas correntes de exportação para os tres paizes, nestes ultimos annos:

Exportação para a França, Allemanha e Inglaterra

Annos — Paizes	Toneladas	Valor Contos de réis
1916:		
Allemanha	—	—
França	—	—
Inglaterra	4.721	765
1917:		
Allemanha	—	—
França	4.452	773
Inglaterra	14.328	2.327
1918:		
Allemanha	—	—
França	4.266	828
Inglaterra	9.949	2.695
1919:		
Allemanha	—	—
França	130	37
Inglaterra	2.782	684
1920:		
Allemanha	—	—
França	1	243
Inglaterra	3.196	726
1921:		
Allemanha	20	10
França	553	121
Inglaterra	7.704	1.439
1922:		
Allemanha	450	100
França	—	—
Inglaterra	5.242	1.008

Annos — Países	Toneladas	Valor Centos de réis
1923:		
Allemanha	3.122	808
França	100	25
Inglaterra	8.543	2.154

Dos tres paizes que temos em mira, é a Inglaterra o que mais importa milho; 1.889.765.181 kilos, em 1922, e ainda 1.754.436.064 em o anno passado. Em 1922, a Allemanha importou igualmente 1.085.416.100 kilos desse cereal, mas já em 1923 essa importação baixou para 253.367 toneladas apenas. A França é um mercado importante, mas a sua importação é inferior á da Grã-Bretanha.

Confrontando o contingente com que cada paiz exportador concorre para as importações na Inglaterra, acharemos em primeira linha os Estados Unidos e a Argentina, do que se verifica ser a America a maior fornecedora de milho aos mercados britannicos. A nossa exportação de milho para a Inglaterra — 14.000 ou 15.000 toneladas, é uma insignificancia deante da cifra enorme de suas aquisições annualmente feitas na Argentina e nos Estados Unidos. O quadro abaixo transcripto nos esclarece sobre isso:

Importação de milho na Inglaterra

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Argentina	652.215.104	1.005.740.432
Estados Unidos	749.101.880	274.355.560
Canadá	287.752.790	40.929.560
Rumania	25.857.200	72.315.832
Outros paizes	174.838.207	361.094.680
Total	1.889.765.181	1.754.436.064

Não figura a Allemanha em as nossas estatisticas de exportação de milho, embora, como já vimos, sejam os mercados allemães importadores em larga escala. São abastecedores da Allemanha os Estados Unidos, a Argentina e outros

muitos paizes, mesmo da Europa, em pequenas quantidades, sendo por isso numerosa a lista dos exportadores, como se vê do seguinte:

Importação de milho na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Bulgaria	3.435.500	628.300
Hollanda	2.032.100	328.500
Austria	871.600	1.203.300
Russia	260.900	8.047.400
Rumania	7.067.200	4.592.500
Africa Ingleza	3.513.400	1.144.800
Africa do Sul	29.211.600	6.688.700
India Hollandeza	3.149.200	1.023.900
Argentina	73.433.600	69.664.000
Canadá	61.728.000	1.881.700
Estados Unidos	890.769.100	151.438.300
Outros paizes	9.916.900	6.725.800
Total	1.085.389.100	253.367.200

As importações de milho em França regulam 600.000 toneladas annualmente, tendo sido mais elevadas nos ultimos annos da guerra, quando augmentou tambem as suas acquisições do Brasil. As importações dos mercados francezes em o anno passado já são maiores do que as do anno antecedente e em cifra consideravel, ou sejam 100.000 toneladas.

Fornecem em maior quantidade á França, a Argentina e os Estados Unidos, mas as exportações da Republica do Prata para as praças francezas, tanto em 1922 como em 1923, representam mais de metade de toda a importação. São, portanto, os mercados francezes, inglezes e allemães, como se vê das estatísticas transcriptas, abastecidos especialmente pela America do Norte e pela Argentina, notando-se que, nos ultimos annos, em os dous mercados da França e Inglaterra, as importações da Argentina são mais vultosas. Na Allemanha, a

predominancia é dos Estados Unidos. Pelo quadro que inserimos abaixo se conhecem essas correntes de exportação para os mercados da França:

Importação de milho em França

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Argentina	345.470.700	440.537.800
Estados Unidos	100.019.600	60.427.600
Indo-China	52.942.900	44.386.500
Rumania	30.288.000	22.073.000
Outros paizes	47.768.700	103.727.400
Total	<u>576.489.900</u>	<u>671.152.300</u>

*
* *

Evidencia-se das estatisticas acima commentadas que as grandes correntes de exportação de arroz, milho e feijão, constituidas depois de 1913 para varios paizes da Europa e em maior volume para a França, Inglaterra e nos ultimos annos para a Allemanha, diminuiram sensivelmente de intensidade, principalmente quanto ao feijão, de que a Grã-Bretanha, no ultimo triennio, quasi não importa do Brasil, como se vê do quadro que damos em seguida:

Exportação, por destino

Paizes	Arroz		
	1921	1922	1923
Allemanha	22.025.384	246.628	3.368.308
Inglaterra	116.760	103.915	120.650
França	2.188	3.788	255.245

Paizes	Milho		
	1921	1922	1923
Allemanha	20.000	450.000	3.122.000
França	553.000	—	100.000
Inglaterra	7.704.000	5.242.000	8.543.000

Feijão

Paizes	Kilos		
	1921	1922	1923
Allemanha	114.488	1.830	305.180
França	1.097	2.400	104.400
Inglaterra	—	180	60

Sendo, no entanto, a Inglaterra, a França e a Allemanha grandes mercados importadores desses cereaes, como se verifica das estatisticas anteriores trasladadas, urge indagar das causas que possam ter porventura concorrido para o enfraquecimento daquellas correntes, afim de serem removidas pelos meios de que dispuzermos, como se faz mistér em beneficio de nossa maior expansão economica.

Infere-se de informações, colhidas na Europa por mim e por outros interessados na investigação dessas causas, que a principal entre todas é a falta de typos commerciaes uniformes para a exportação desses productos, afim de se evitarem as reclamações provocadas pelas diferenças, sempre encontradas, entre o producto — amostra, offerecido ou encomendado e o producto exportado e recebido.

«O que é preciso — diz o Sr. Glahn — da casa Augusto de Freitas, de Hamburgo — é que se organizem e se estabeleçam typos uniformes para o arroz e para o feijão, si o Brasil não quer perder o mercado, pois sobre estes artigos ha descontentamento.»

«Os negocios de arroz e feijão do Brasil diminuíram — diz Bruel & Comp., de Hamburgo — porque os certificados das Bolsas e das Associações nem sempre conferem com a mercadoria. Para que o Brasil exporte, em proporções avultadas, esses productos é necessario que se fiscalize a exportação, evitando-se a sahida de generos de baixa qualidade e os certificados confirmem sempre com a mercadoria.» (*)

O recebimento, em varios portos da Europa, de arroz, feijão e milho do Brasil sem a necessaria escolha, muitas vezes bichado e não raro em principio de germinação, originou accentuada desconfiança contra esses productos quando de

(*) Isaltino Costa — *As Nossas Exportações* — S. Paulo —, 1922,

procedencia brasileira e dahi o menor empenho em importal-os, sobretudo podendo-se appellar para outros mercados productores.

A saccaria utilizada para o transporte desses cereaes assume tambem muita importancia quando se trata de exportação para paizes estrangeiros. O sacco velho, já servido no acondicionamento de outros productos, pôde prejudicar o genero que nelle vae ser transportado, emprestando-lhe cheiro extranho ou alterando-lhe a côr conforme a delicadeza do artigo ensaccado. Acresce que a saccária velha não offerece resistencia ao movimento de transporte e remoção dos armazens de terra aos porões dos navios e destes ás docas ou portos de desembarque.

Informados disso pelo nosso consul em Liverpool, em maio deste anno, varios negociantes de S. Paulo allegam, como motivo da utilização de saccos já usados no transporte de mercadorias enviadas para a Inglaterra, a carestia dos novos e têm razão, pois o imposto cobrado nas alfandegas do Brasil sobre aniagem para saccos ou sobre os proprios saccos é tão pesado que não permite a sua importação, ao passo que é bastante modico para a juta em fio com que se fabrica, no paiz, a saccaria que se vende carissimo.

Emquanto a juta em fio paga 100 réis por kilo, a aniagem está sujeita á taxa de 650 réis. O sacco feito, por sua vez, paga 800 réis por kilo. São impostos verdadeiramente prohibitivos. Armada com esse favor da tarifa, a industria nacional de saccos os fabrica como pôde e os vende por preços de que se queixam todos os interessados, obrigados deste modo ao emprego do sacco usado, acarretando com os prejuizos disso decorrentes.

É bastante lér o *Boletim Official* da Bolsa de Mercadorias de S. Paulo para vér como já está generalizado esse emprego quanto ao acondicionamento do milho, feijão, arroz e outros productos, pois a declaração de serem novos ou usados os saccos que os envolvem acha-se expressa ao lado das respectivas cotações.

Não fôra tão elevado o imposto da tarifa sobre a saccaria importada e sobre a aniagem e não teria o commercio exportador e a propria agricultura necessidade de utilizar-se de

saccos já servidos, com prejuizo da producção, a não quererem pagar pelo artigo de fabrico nacional a exorbitancia que se lhes exige. « Pretende-se com isso — escreve o Dr. João de Faria — criar a industria de fiação e tecelagem, mas com certeza o legislador de então nem por um instante imaginou que essa protecção á juta bruta poderia facilitar a formação do *trust* que ora ahí impera de modo absoluto, dando aos saccos o preço que lhe convém. » (*)

Sendo a saccaria indispensavel á agricultura quanto ao transporte de seus productos, quer no paiz, quer para a exportação, as difficuldades creadas pela tarifa á entrada da aniagem, determinando a carestia dos saccos, onera a producção em prejuizo do productor, que é obrigado a comprar mais caro o que poderia obter por preço modico, importando a materia prima para fabrical-os ou importando-os já promptos, como fazem outros muitos paizes de grande producção agricola.



(*) Parecer apresentado á Camara dos Deputados em 4 de outubro de 1923.

FARINHA DE MANDIOCA

Desde antes da guerra já figurava com elevada cifra nas columnas de nosso commercio exterior a farinha de mandioca, embora a sua exportação se mantivesse até então estacionaria. Eram importadores principaes a Argentina e o Uruguay, mas já a esse tempo a Grã-Bretanha importava 665 toneladas, Portugal 654, a Allemanha 136 e a França quatro toneladas e 500 kilos. A exportação geral era representada por 4.876 toneladas, das quaes 2.058 cabiam ao Uruguay e 1.280 á Argentina, como se vê pelos algarismos seguintes:

Exportação de farinha em 1913

Paizes	Toneladas	Valor
Allemanha	136	23:000\$050
Argentina	1.280	148:000\$000
França	4	863\$000
Grã-Bretanha	665	138:000\$000
Italia	73	21:000\$000
Portugal	654	101:000\$000
Uruguay	2.058	268:000\$000

Toma maior incremento essa exportação em 1916, quando se eleva a 5.369 toneladas e esse incremento é dado justamente pelos paizes da Europa: França, Inglaterra e Portugal,

que augmenta de modo consideravel as suas aquisições no Brasil. A importação da Grã-Bretanha passa de 2.920 kilos a 21.410 e a da França sóbe de 2.610 kilos a 153.936, passando a de Portugal de 278 toneladas a 1.425.

Em 1918 as exportações para o exterior attingem o seu apogeu neste decennio, representando-se por 65.321 toneladas no valor de 28.424:000\$000. Então as maiores importações dos mercados brasileiros são realizadas pela França e pela Inglaterra, importando a primeira 23.059 toneladas e a segunda 32.962. A Italia nos compra nesse anno 280 toneladas e a Argentina e o Uruguay duplicam as suas importações, como se vê do quadro que vem abaixo :

Exportação, por destino, em 1918

Paizes	Toneladas	Valor
Argentina	2.975	1.008:000\$000
França	23.059	10.965:000\$000
Grã-Bretanha	32.962	14.227:000\$000
Portugal	717	253:000\$000
Uruguay	3.388	1.178:000\$000
Italia	280	137:000\$000
Perú	13	23:000\$000

A contar de 1919 começa a declinar essa corrente de exportação, representada ainda por 21.833 toneladas e apenas por 8.659 em 1920. Em 1922 sóbe a exportação geral para 12.366 toneladas e se mantem estacionaria em esta cifra durante todo o anno passado. Neste periodo começa a cahir tambem a exportação para a França e para Inglaterra, importando a primeira, em 1923, 136 toneladas e a segunda 938, quando ainda em 1922 a exportação de praças brasileiras era de 245 toneladas para a França e de 1.768 para a Grã-Bretanha. Diminuem assim, de modo muito accentuado, as nossas exportações de farinha de mandioca para a Europa, embora Portugal tenha augmentado de mais do dobro as suas importações nos ultimos annos e a Argentina e o Uruguay se mante-

nham grandes freguezes do Brasil. Os dous quadros seguintes indicam as nossas exportações por destino em 1922 e as cifras da exportação geral desde 1913 a 1923:

Exportação geral

Annos	Toneladas	Valor
1913	4.876	703:000\$000
1915	4.628	837:000\$000
1916	5.369	1.351:000\$000
1917	18.745	5.264:000\$000
1918	65.321	28.424:000\$000
1919	21.833	7.135:000\$000
1920	8.659	2.462:000\$000
1921	15.048	5.045:000\$000
1922	12.366	3.710:000\$000
1923	12.084	4.638:000\$000

Exportação de farinha de mandioca em 1923

Destino	Kilos	Valor
Argentina	2.437.220	827:654\$000
França	136.950	64:848\$000
Inglaterra	938.816	374:572\$000
Perú	173.530	70:370\$000
Noruega	97.000	60:140\$000
Portugal	3.281.045	1.358:103\$000
Cabo-Verde	1.518.308	614:354\$000
Ilha da Madeira.....	230.000	64:700\$000
Uruguay	3.246.225	1.195:245\$000
Total	12.084.463	4.638:613\$000

Estudando-se esse commercio por procedencia, encontramos á frente dos Estados que mais exportam em 1913 o Rio Grande do Sul, Santa Catharina e o Rio de Janeiro; em 1918, quando mais forte era a corrente de exportação, os que mais

exportavam eram o Rio de Janeiro, S. Paulo, Pará, Pernambuco, Ceará e o Rio Grande do Sul. O quadro seguinte esclarece melhor:

Exportação, por destino, em 1918

Portos	Toneladas
Pará	8.523
Maranhão	2.311
Ilha do Cajueiro	2.412
Fortaleza	5.510
Recife	4.573
Bahia	2.450
Rio de Janeiro	25.081
Santos	7.568
S. Francisco	2
Florianopolis	2.250
Laguna	1.909
Porto Alegre	1.975
Diversos	752
Total	<u>65.321</u>

E' claro que o augmento das exportações de farinha para a Europa, principalmente para França e Grã-Bretanha, no periodo de 1918 a 1919, teve por determinante as necessidades creadas pela guerra, no momento em que para o consumo de generos alimenticios os mercados europeus já não bastavam, pelo decrescimo da propria producção e pelas exigencias prementes do provimento aos exercitos. E' nesse periodo que crescem tambem para os portos da França, da Italia, da Inglaterra e da Hollanda as exportações de outros productos brasileiros, como as carnes, o assucar, o feijão, etc...

Attendendo apenas ao commercio de exportação de farinha de mandioca para a França, Alemanha e Inglaterra, verificaremos que, passado o periodo das grandes remessas de 1918, elle é hoje insignificante, reduzido o da Inglaterra a

938 toneladas, o da França a 136 e o da Allemanha a quasi nada. Acham-se esses paizes, hoje, na mesma posição em que se encontravam em 1913, como se vê do seguinte:

Exportação para a França, Inglaterra e Allemanha

Paizes	Toneladas
1913:	
Inglaterra	665
França	4
Allemanha	136
1915:	
Inglaterra	3
França	2
Allemanha	—
1916:	
Inglaterra	21
França	153
Allemanha	—
1917:	
Inglaterra	7.696
França	2.042
Allemanha	—
1918:	
Inglaterra	32.962
França	23.059
Allemanha	—
1919:	
Inglaterra	8.919
França	7.182
Allemanha	—
1920:	
Inglaterra	559
França	626
Allemanha	—

Paizes	Toneladas
1921:	
Inglaterra	4.459
França	391
Allemanha	—
1922:	
Inglaterra	1.768
França	245
Allemanha	—
1923:	
Inglaterra	938
França	136
Allemanha	—

Exportação em toneladas

	Antes da guerra	Depois da guerra
		1923
França	4	136
Allemanha	136	—
Inglaterra	665	938

Não importa, actualmente, a Allemanha farinha de mandioca do Brasil, quando em 1913 importava 136 toneladas. A proposito disso escreve o coronel Gaelzer Netto: " A farinha de mandioca até hoje não foi introduzida nesta parte da Europa por falta absoluta de propaganda e tambem por causa do preço, outrora barato, da batata, muito consumida na alimentação geral do povo allemão. Agora, porém, que a Allemanha foi muito prejudicada justamente em a zona productora de cereaes e batatas, é possivel a introduccão da farinha de mandioca entre a massa geral das populações.»

São, todavia, tão desproporcionadas as cifras que representam as nossas exportações de farinha em o anno passado para a França e Inglaterra, comparando-as com as que anteriormente indicavam esse commercio entre o Brasil e aquelles paizes, que para explicar essa depressão não nos satisfaze-

mos com dizer que, passada a crise de alimentação originada pela guerra na Europa, a França e a Inglaterra não precisam mais de importar esse producto nas quantidades que constituíram as suas importações de 1918 e 1919.

De facto, essa é a causa predominante; quando se considera, porém, que, antes da guerra, já exportavamos farinha para mercados francezes e inglezes e que, tratando-se de um genero de alimentação, qualquer que seja o modo de aproveitá-lo, uma vez assegurado o seu consumo, esse tende sempre a manter-se e até a dilatar-se, somos induzidos a crêr na superveniencia de outro qualquer motivo a actuar sobre as importações, determinando-lhe a quéda brusca que se verifica.

O augmento da producção cerealifera nos grandes centros da Europa logo depois de se ter firmado a paz, permitindo o abastecimento proprio e a exportação de uns paizes para outros no mesmo continente, explica, com effeito, a diminuição de nossas exportações para a França e para a Inglaterra. E' esta mesma a opinião do nosso consul em Marselha, a quem ouvimos a respeito: "A grande intensidade na exportação de farinha de mandioca para os portos francezes, principalmente nos annos da guerra, foi devida á falta de cereaes em França, vendo-se este paiz obrigado ao recurso dos succedaneos no estrangeiro. A' medida que foram internamente augmentando as provisões de cereaes, as compras no exterior foram diminuindo até chegarem ás quantidades inferiores de antes da guerra." (*)

E' esta uma das causas do decrescimo de nossas exportações para mercados francezes, mas ha outras e estas estão bem claramente definidas nas palavras do Dr. Matheus de Albuquerque, nosso consul em Bordéos: "Dos generos brasileiros aqui importados, apenas o café, o cacáo e a carne congelada ainda mantem, com relativa galhardia, o seu lugar de destaque. Outros artigos nossos, cuja introdução em centros europeus se fizera em alta escala nos ultimos annos da guerra, luctam hoje com a má vontade generalizada entre os compradores, devido á falta de escrupulo de exportadores mais ou menos conhecidos e que tiveram a habilidade de ser os pri-

(*) Officio dirigido ao Serviço de Informações, em 21 de setembro de 1923.

meiros a desacreditar o producto antes da conquista definitiva dos mercados.»

«Além disso, ha uma razão que difficulta muito as nossas relações de intercambio commercial, concorrendo para o decrescimo da exportação brasileira para certos paizes, principalmente para os de recursos perturbados pela guerra; é a exigencia de abertura de credito contra o conhecimento no ponto de partida da mercadoria.

Junte-se a essa exigencia de credito outro factor de não menos importancia. Por via de regra, mesmo depois de feita a operação, quasi nunca o typo da mercadoria-amostra é perfeito e de accôrdo com a mercadoria importada, o que occasiona protestos e consequentemente a rejeição e o descredito do producto, maximé si se trata de mercadoria ainda pouco conhecida.»

«Quando á farinha de mandioca especialmente, além dessas razões, ha uma outra que influe sobremodo no decrescimo de nossas exportações e é que a França tambem a recebe de suas colonias, de Madagascar e Reunião.» E conclue o consul lembrando que, para não perdermos, de todo, essa corrente de exportação para os mercados francezes, urge:

1º, que a tonelada de farinha de mandioca brasileira chegue — cif —, porto francez, ao preço de 500 francos, afim de poder supportar os direitos de entrada de 220 francos por tonelada (a de Madagascar, posta no caés de porto francez, custa 65 francos por 100 kilos);

2º, que a mercadoria confira com a amostra que servir de base ao contracto;

3º, que se facilitem os pagamentos contra os documentos, depois da chegada da mercadoria, como fazem todos os grandes paizes exportadores.» (*)

«Os productos de mandioca, muito importados na Grã-Bretanha, como farinha, polvilho, tapioca e mandioca em lascas ou crueira — escreve o Dr. Dario Freire, nosso consul em Liverpool — são vendidos pelas amostras e por isso é conveniente que os carregamentos importados confiram sempre com os typos que servirem de base ao contracto.

(*) Officio dirigido ao Serviço de Informações, em 21 de setembro de 1923.

Por essa falta de uniformidade perdem-se muitos negocios e se desmoralizam os productos.

A saccaria empregada, tanto na remessa da farinha como da tapioca, deve ser de boa qualidade, para resistir á viagem e não dar logar ao derramamento da mercadoria.

O producto brasileiro, uma vez uniformizado e bem preparado, bem acondicionado e bem apresentado — continúa o nosso consul — poderá concorrer, nos mercados da Inglaterra, com indiscutivel vantagem, não só o do archipelago Malayo, de onde lhe vão grandes quantidades, como com o de outra qualquer procedencia.» (*)

As exportações de tapioca e de polvilho para o estrangeiro foram bem avultadas em 1918. De polvilho exportámos nesse anno 4.000 toneladas, exportando-se 6.870 de tapioca. A França e a Inglaterra foram os maiores importadores, como se vê deste quadro:

Exportação de polvilho

Paizes	1918 Toneladas	Valor
Argentina	94	66:000\$000
França	1.811	1.766:000\$000
Inglaterra	1.818	1.560:000\$000
Italia	78	60:000\$000
Portugal	58	51:000\$000
Uruguay	73	39:000\$000

Exportação de tapioca

Paizes	1918 Toneladas	Valor
Argentina	41	41:000\$000
França	5.955	1.684:000\$000
Inglaterra	525	601:000\$000
Hespanha	201	300:000\$000
Italia	40	50:000\$000
Portugal	62	55:000\$000
Uruguay	43	42:000\$000

(*) Noticia fornecida ao Ministerio das Relações Exteriores — 1924.

De 1920 em diante essas exportações, quanto á França e á Inglaterra, declinaram muito, como se deu com a da farinha de mandioca, e hoje se acham reduzidas a numero insignificante de toneladas.

Foram, portanto, as causas acima apontadas, ao lado do augmento natural da producção cerealifera na Europa, que concorreram para diminuir de maneira tão sensivel as nossas exportações de todos esses productos para a França e o que se diz da França applica-se, com a mesma justeza, á Grã-Bretanha e a todos os demais mercados europeus.



BANHA

Nas estatísticas de nossas exportações encaminhadas aos mercados estrangeiros, até 1914, não figura o Brasil como exportador de banha para nenhuma praça da Europa. Em 1915, porém, a França importa 1.306 kilos, avolumando-se a nossa exportação em 1917 não só para aquelle paiz como para a Inglaterra. A França importa nesse anno 4.684 toneladas e a Inglaterra 705 e essa corrente commercial para os dous paizes se mantem firme durante os annos seguintes, 1918 e 1919. Em 1920 apparece a Allemanha como importadora de banha das praças brasileiras e em maior volume do que a Inglaterra e a França, como se vê deste quadro:

Exportação de banha

Paizes	Kilos	Valor papel
1915:		
Inglaterra	—	—
França	1.306	1:825\$000
Allemanha	—	—
1917:		
França	4.684.574	8.029:731\$000
Inglaterra	705.905	1.244:980\$000
Allemanha	—	—

Paizes	Kilos	Valor papel
1918:		
França	3.579.432	7.227:930\$000
Inglaterra	2.157.547	1.244:980\$000
Allemanha	—	—
1919:		
Inglaterra	1.219.475	2.461:566\$000
França	5.268.523	10.425:418\$000
Allemanha	150.690	307:407\$000
1920:		
Inglaterra	2.373.000	4.855:159\$000
França	2.389.565	4.748:922\$000
Allemanha	2.897.608	5.864:791\$000

Comparando-se esta estatística, verificamos que de 1917 a 1920 os algarismos que expressam as exportações de banha do Brasil para a França oscillam e decrescem, para se reduzirem á metade em o anno passado, ao passo que as cifras que representam as importações de origem brasileira na Inglaterra se conservam mais ou menos equilibradas.

Decresce em 1921 a exportação não só para a França como para a Inglaterra e Allemanha, mas decresce de modo pasmoso. As 2.897 toneladas de banha, importadas pela Allemanha em 1920, reduzem-se a 553 em 1921, reduzidas as 2.389 da França e as 2.373 da Grã-Bretanha a 263 e a 447 respectivamente. Em 1922 nem a França nem a Inglaterra importam banha das praças brasileiras, o que faz somente a Allemanha, que nos compra ainda 125 toneladas. Resurgem, de novo, a França e a Inglaterra nas estatísticas de nossas exportações em 1923, avolumando-se extraordinariamente a que se realiza então para o mercado allemão, como se vê do seguinte quadro:

Annos — Paizes	Kilos	Valor
1921 — Allemanha	553.450	1.064:902\$000
» — Inglaterra	447.146	799:025\$000
» — França	263.231	495:113\$000

Annos — Paizes	Kilos	Valor
1922 — Inglaterra	—	—
» — França	—	—
» — Allemanha	125.566	233:199\$000
1923 — Inglaterra	1.640.885	3.577:529\$000
» — França	810.082	1.944:898\$020
» — Allemanha	2.355.384	5.610:040\$000

E' claro que a grande importação de banha, feita no Brasil em 1917, 1918 e 1919, pela França e pela Inglaterra, foi determinada pelas necessidades decorrentes da guerra, mas, por sua vez, as estatisticas desde 1920, apesar da solução de continuidade que nos apresentam as de 1922, nos levam a crer na possibilidade de mantermos, para os tres paizes acima nomeados, uma corrente regular e crescente de exportação desse producto.

Com effeito, não só a França e a Inglaterra, mas ainda a Allemanha, importam banha em larga escala, sendo os seus mercados abastecidos pelos Estados Unidos, cuja industria porcina attingiu o mais vasto e completo desenvolvimento. Apesar disso, as importações realizadas dos Estados Unidos pela França, Inglaterra e Allemanha, como se vê das respectivas estatisticas, não bastam ás exigencias do consumo em os tres paizes, havendo, por esse motivo, logar para o producto brasileiro, desde que o preparemos bem e o exportemos com lealdade, para evitar as justas e intermitentes reclamações dos importadores quanto á pureza do artigo exportado.

A França, por exemplo, importa cerca de 30.000 toneladas de banha por anno e, em geral, mais de dous terços dessa quantidade são adquiridos nos mercados norte-americanos. Das 38.342 toneladas, total da importação de 1923, os Estados Unidos concorrem com 29.901.

Nas estatisticas francezas a cifra da importação de origem brasileira acha-se incluída na columna geral denominada — Outros paizes — e embora seja a França, dos tres mercados que temos em vista, o que menos nos compra, poderá, todavia, alargar-se para a banha do Brasil, pois é crescente a necessidade do consumo, já em 1923 maior do que em 1921 e ainda maior do que em 1922. Vem a proposito lembrar tambem, quanto á possibilidade de crescer a exportação do producto brasileiro,

o que nos referiu em junho deste anno em Paris o representante da Compagnie Français e de Commerce.

«A banha do Brasil é bôa e tem agradado ao mercado francez, sendo mistér, comtudo, que possamos contar com remessas regulares e sempre do mesmo typo. «O quadro seguinte indica o movimento de importação geral de banha em França:

Importação, por procedencia

Procedencia	Kilos		
	1921	1922	1923
Estados Unidos.....	27.557.700	22.271.500	29.901.900
Outros paizes.....	5.411.500	4.249.000	8.440.400
Total.....	<u>32.969.200</u>	<u>26.520.500</u>	<u>38.342.300</u>

A Inglaterra importa, actualmente, maior quantidade de banha do que a França e pouco menos do que a Allemanha. Importando a França, em o anno passado, 38.342 toneladas e a Allemanha 125.103, a Grã-Bretanha importa 121.807 no mesmo anno. A differença entre a importação franceza e a ingleza é de muito vulto.

Explica-se, comtudo, essa disparidade pela relativa escassez da producção ingleza. A Inglaterra, só comprehendendo a ilha, dispõe de pequeno rebanho porcino, embora seja bastante animada a sua industria de sub-productos desse ramo de criação. O quadro seguinte indica a entrada de banha por toneladas nos tres paizes citados em 1923:

Paizes	Toneladas
Allemanha	125.103
Inglaterra	121.807
França	38.342

O maior fornecedor de banha aos mercados da Inglaterra são os Estados Unidos, que lhes fazem quasi exclusivamente o supprimento desse producto; na importação de 114.967 toneladas em 1922 a Norte America se encontra como exportadora de 104.676.000 kilos. Nas 121.807 toneladas, importadas em o anno posterior, os Estados Unidos entram com 104.676. O

Brasil está incluído, quanto aos fornecimentos feitos á Grã-Bretanha, na rubrica — Outros paizes — O quadro seguinte elucida melhor :

Importação de banha na Inglaterra

Procedencia	Toneladas	
	1922	1923
Estados Unidos.....	104.676	103.784
Outros paizes.....	10.291	18.023
Total.....	<u>114.967</u>	<u>121.807</u>

Quanto á marcha que nos mercados inglezes vae tomando esse commercio de importação do Brasil, ella se nos afigura indecisa, não só pela formidavel concurrencia dos Estados Unidos, como porque as nossas exportações para aquelle destino, desde que as iniciámos, não tomaram grande vulto, nem mesmo no periodo das maiores necessidades decorrentes da guerra. Ao passo que a França chega a importar do Brasil 5.268 toneladas de banha em 1919, a Inglaterra jamais elevou a cifra de suas aquisições nos mercados brasileiros além de 2.313 toneladas em 1920, como se vê do quadro que vae adiante. Isto, porém, não nos deve desanimar, porque o rebanho suino da Grã-Bretanha é um dos menores do continente europeu e a sua importação annual desse producto elevadissima.

Exportação de banha para a Inglaterra

Annos	Toneladas
1917	705
1918	2.157
1919	1.219
1920	2.373
1921	447
1922	—
1923	1.640

Dos tres paizes que passamos em revista, sob o ponto de vista de nosso commercio de exportação de banha, os que se nos afiguram mais propensos a augmentar desde já, nos

nossos mercados, as suas aquisições, são a Allemanha e a França. Da França já nos occupámos linhas acima e agora teremos de estudar o mercado allemão, para o qual só começamos a exportar de 1919 em deante.

As primeiras cifras que representam em 1919 o inicio dessa corrente de exportação para Hamburgo são pouco elevadas, ao lado das que exprimem as sahidas para a França no mesmo periodo. Em 1920 a Allemanha importa mais do que a França e a Inglaterra. Durante o anno passado a exportação para os mercados germanicos é superior á dos dous paizes acima referidos. O quadro seguinte demonstra o asserto:

Exportação do Brasil para a Allemanha

Annos	Toneladas
1919.....	150
1920.....	2.897
1921.....	555
1922.....	125
1923.....	2.355

As difficuldades economico-financeiras em que a Allemanha se tem debatido, nesta ultima phase de sua vida, sob o dominio de reorganização politico-economica demorada e embaraçosa, explica essas oscillações nas correntes do seu commercio de importação das praças brasileiras e essas mesmas oscillações se manifestam tambem quanto a outros muitos paizes com os quaes a Allemanha mantém intercambio mercantil. A Allemanha, entretanto, é para a banha indigena maior mercado do que a França e a Inglaterra, como se vê deste quadro:

Importação de banha na Allemanha, França e Inglaterra, em 1923

Paizes	Toneladas
Allemanha.	125.103
França	38.342
Inglaterra	121.807

O consumo de banha na Allemanha tem augmentado nos ultimos annos após a guerra. Importando 65.347 toneladas

em 1922, importa 125.103 no anno passado. A producção interna acha-se grandemente limitada pela redução do seu rebanho porcino, hoje inferior ao de 1913, mas ainda assim superior ao de todas as outras nações da Europa. Os quadros seguintes indicam a importação de banha nos mercados germanicos e a existencia dos rebanhos dessa especie nos principaes paizes europeus em 1923 :

Rebanhos porcinos (*)

Allemanha	12.225.855
Belgica	1.172.430
Dinamarca	2.852.826
Hespanha	4.727.914
Finlandia	2.577.714
França	5.405.840
Grã-Bretanha	2.987.379
Russia-Européa	8.176.100
Rumania	3.463.404

Importação de banha na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Dinamarca	3.067.800	6.181.700
Hollanda	4.264.700	7.494.500
Argentina	370.800	360.200
Estados Unidos	57.292.000	110.184.100
Outros paizes	379.500	882.700
Total	<u>65.374.800</u>	<u>125.103.200</u>

A copiosa importação de banha effectuada annualmente pela Allemanha e o facto de lhe não ser possível, por muito tempo ainda, augmentar em grande escala a propria producção, indicam que o mercado germanico nos offerece excellente oportunidade. A exportação realizada em 1923 é signal de que essa corrente de commercio se vae firmando,

(*) *Annuaire International de Statistique Agricole — 1924 —*
 Instituto de Roma — 1924.

com tanto mais continuidade e segurança quanto mais viva é a procura desse producto, por parte da Allemanha, nos mercados estrangeiros. Tudo confirma essa oportunidade.

A proposito da maior importação de banha do Brasil em as praças allemãs, varias casas em Hamburgo nos disseram, sem o menor intuito de méra cortezia, que isso depende exclusivamente da melhor fabricação, pois a banha americana só é preferida pela sua pureza e por ser mais condensada ou mais dura. Por outro lado, — accrescentam ainda, — urge que as partidas remettidas sejam absolutamente iguaes ao typo da encommenda, exportando-se em lata como se faz agora, mas producto bom e puro, sem mistura e sem agua.

A lei n. 16.054, de 26 de maio de 1923, prevê esse caso com providencias que devem, ao lado da propria lealdade do exportador, evitar por completo a hypothese de reclamações que nos envergonham, difficultam as transacções legitimas e prejudicam sobremodo o maior surto de nossa expansão economica e commercial no estrangeiro.

Pondo-se em confronto os algarismos indicadores dos rebanhos suinos em cada paiz, inclusive o Brasil, segundo as estatisticas officiaes, ultimamente publicadas, teremos en-sejo de verificar a importancia que podemos imprimir ao commercio de exportação de banha, não só para a França e Allemanha, mercados para nós muito promissores, como ainda para a Inglaterra e outros paizes que importam em abundancia producto tão necessario á alimentação das grandes populações da Europa.

MATE

Ha muitos annos exporta o Brasil herva-mate para as Republicas da America do Sul, destino a que se encaminha toda a corrente de exportação desse producto. Em 1913, o commercio de mate exportado se representava por 65.843 toneladas, tendo subido a 90.686, em 1920. Em o, anno transacto estes algarismos cahiram para 87.640. Observa-se, relativamente ao mate, o que se dá com o pinho do Paraná e com as fructas; toda a exportação se dirige para os mercados platinos e para o Chile. Os embarques para a Europa não lograram ainda passar de meros ensaios e ensaios muito demorados.

Exportação em 1913, por destino

Paizes	Kilos	Mil réis
Argentina	49.619.355	26.637.965\$000
Uruguay	13.375.066	7.629.059\$000
Chile	2.624.590	1.178.664\$000
Paraguay	123.172	72.470\$000
Allemanha	51.210	30.242\$000
Estados Unidos	27.080	15.189\$000
França	13.900	7.565\$000
Italia	5.396	3.069\$000
Hespanha	2.589	1.480\$000
Portugal	943	504\$000

De toda a exportação de 1913, ou sejam 65.843 toneladas, apenas cinco vão para a Allemanha, 27 para os Estados Uni-

dos, 13 para a França, cinco para a Italia, e duas a Hespanha. A Inglaterra não figura como importadora de matte, em este anno. Depois de 10 annos a situação do mate nacional nos mercados da Europa não é melhor; ao contrario, porque, já em 1923, toda a exportação do Brasil, excluida a que se destinou á Argentina, ao Uruguay e ao Chile, se representa por 117 toneladas, quando em 1913 só a Allemanha importava 51 e a França 13, como se verifica do seguinte:

Exportação de mate

Destino	Kilos	1922
		Valor
Argentina	62.072.948	39.132:725\$000
Uruguay	16.041.053	11.431:930\$000
Chile	4.173.757	2.958:187\$000
Diversos	58.845	55:917\$000

Destino	Kilos	1923
		Valor
Argentina	63.018.013	36.896:735\$000
Uruguay	20.005.422	14.740:851\$000
Chile	4.506.958	3.380:216\$000
Diversos	117.383	100:166\$000

Tomando-se, pois, em conta o commercio de mate para a Allemanha, França e Inglaterra desde antes da guerra até hoje, vemos que pouco se tem feito nesse sentido; o mate é usado em pequena escala na Allemanha, onde a sua propaganda tem sido mais intensa, principalmente no circulo medico, como informa o coronel Gaelser Netto, nomeando a respeito varias autoridades nesse ramo de sciencia, entre as quaes se destaca o conhecido professor Fedor Krause.

Em 1913, a exportação para os tres paizes era esta:

1913	Kilos
Allemanha	51.210
França	13.900
Inglaterra	22

Pelo que observámos e pelo que nos dizem, a introdução do mate, entre as populações da Europa, encontra os maiores embaraços decorrentes do habito antigo do chá e do café e esses embaraços só podem ser removidos pela mais activa propaganda commercial, continua e demorada. Dessa propaganda, para distribuição gratuita do producto em todos os centros mais movimentados da França e da Allemanha, no seio da classe operaria, só podem ser incumbidos com proveito casas commerciaes ou agentes dos proprios productores, que disponham de quantidades sufficientes á realização de uma campanha intensa, como se faz mister.

Os pequenos resultados, até agora obtidos na Allemanha, são o fructo dessa orientação porque alli se tem distribuido abundantemente esse producto e desde alguns annos alli se encontra, promovendo essa propaganda, um dos agentes da casa exportadora David Carneiro, do Estado do Paraná.

E' esse o caminho a seguir.

CÔCO E COPRA

A exportação de côcos era, até 1913, insignificante e se representou em aquelle anno pela cifra de 1.823 centos de fructas. Então os principaes portos de embarque eram o Rio de Janeiro, o Recife e Santos, dirigindo-se todas essas exportação para a Argentina e o Uruguay. A Inglaterra, a França e a Allemanha apparecem com importações diminutas. De 1913 até 1918 não se altera esse commercio quanto a destino, embora se tenham elevado a 2.476 centos as cifras que o expressaram nesse ultimo anno. Agora, continua a ser a Argentina a principal importadora, acompanhada do Uruguay, como se vê deste quadro:

Exportação de côcos

1913 Paizes	Centos	Valor
Allemanha	24	907\$000
Argentina	1.530	24.243\$000
Estados Unidos	20	187\$000
França	7	64\$000
Inglaterra	36	1.415\$000
Italia	1	20\$000
Uruguay	205	3.712\$000

De 1919 a 1923, esse commercio tomou maior desenvolvimento, mas, ainda assim, muito abaixo de nossas possibili-

dades. Sóbe a exportação, em 1922, a 9.001 centos, para de-
 crescer em 1923, quando apenas exportámos 5.858. A Argen-
 tina e o Uruguay continuam, desde então e até hoje, a ser
 os importadores continuos dos côcos brasileiros. Durante esse
 periodo não se fórma nenhuma corrente regular para a
 França, nem para a Allemanha e Inglaterra. Nos quadros se-
 guintes demonstramos a marcha desse commercio geral e por
 destino quanto aos tres paizes:

Exportação geral de côcos

Annos	Centos
1913	1.823
1915	1.930
1916	1.970
1917	2.243
1918	2.476
1919	1.386
1920	1.115
1921	3.948
1922	9.001
1923	5.838

Exportação, por destino

1919:	
Allemanha	—
França	—
Inglaterra	—
1920:	
Allemanha	10
França	—
Inglaterra	—
1921:	
Allemanha	12
França	—
Inglaterra	2

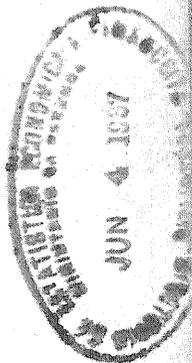
1922:	
Allemanha	—
França	—
Inglaterra	—
1923:	
Allemanha	1
França	8
Inglaterra	41

Exportação geral, por destino, em 1923

Paizes	Centos	Valor
Allemanha	1	32\$000
Argentina	5.153	166:400\$000
França	8	264\$000
Inglaterra	41	1:230\$000
Uruguay	625	20:750\$000
Diversos	10	330\$000
Total	5.838	189:006\$000

De copra, actualmente, não ha exportação, tendo-se feito ensaio desse commercio em 1919, justamente para a França e Inglaterra. Dahi em deante não mais apparece esse producto nas estatísticas da nossa exportação. Póde-se attribuir isto ao aproveitamento da materia prima nas fabricas nacionaes, que já se occupam da extracção de oleo de côco, e ás difficuldades de exportar a copra, pela delicadeza dos processos que devem ser empregados na seccagem. O quadro que segue demonstra a exportação que o Brasil realizou e 1919:

Destino	1919	
	Kilos	Valor
Allemanha	—	—
Argentina	1.000	1:300\$000
Estados Unidos	—	—
França	4.270	4:336\$000
Inglaterra	13.090	6:910\$000
Hollanda	1.860	930\$000
Total	20.220	13:476\$000



A Allemanha importa, annualmente, cerca de 120.000 toneladas de côcos e 200.000 de copra, sendo avultada a importação de copra em França e na Inglaterra, cujos mercados estão sempre abertos ao productó de todas as procedencias.

O quadro que inserimos abaixo indica essa importação nos dous ultimos paizes:

Importação de copra na França em 1922 e 1923

	Toneladas
1922	113.993
1923	142.546

Importação de copra na Inglaterra em 1922 e 1923

	Toneladas
1922	86.084
1923	86.550

O preço bastante remunerador por que se vende para consumo o côco, nos Estados productores, e a situação das nossas reservas, sem maior desenvolvimento, ao lado do funcionamento de fabricas de oleo, justamente no norte do país, centro dos coqueiraes, determinam, por emquanto, o desanimo desse commercio com destino a portos do exterior.

CAROÇOS DE ALGODÃO

O commercio exportador de caroços de algodão é tão antigo como o da propria fibra e, como este, obedece igualmente ás mesmas correntes, quanto aos mercados de destino. E' a Inglaterra, na Europa, quem importa, quasi exclusivamente, as sementes de algodão do Brasil em 1913, quando não se tinha dado ainda maior desenvolvimento ás fabricas de oleo que o aproveitam em varios Estados, principalmente, em Pernambuco, Maranhão, Bahia e S. Paulo. Depois da Inglaterra, naquelle periodo, apparecem, sómente importando esse producto, os Estados Unidos e a Allemanha, como se vê do seguinte:

Exportação, por destino, de caroços de algodão, em 1913

Paizes	Toneladas
Inglaterra	48.845
Estados Unidos	544
Allemanha	390

A exportação geral de caroços de algodão foi, então, de 49.780 toneladas, das quaes as maiores quantidades sahiram do Recife, da Parahyba, de Alagôas, do Maranhão e Rio Grande do Norte. Pelos portos do Rio e Santos, não se fazia commercio d'esse sub-producto, principalmente porque, em S. Paulo,

a cultura ainda não tinha significação apreciavel, como se vê do quadro seguinte, em que se discrimina a exportação pelas praças de cada Estado:

Exportação, por destino, em 1913

Portos	Toneladas
Recife	20.622
Cabedello	14.459
Maceió	5.209
Natal	4.280
Maranhão	1.133
Ilha do Cajueiro	1.427
Penedo	1.424
Aracajú	663
Amarração	206
Bahia	162
Camucim	116
Fortaleza	73

Não apresenta a exportação de caróços de algodão aumento gradual, o que tambem se dá com a da propria fibra. O desenvolvimento do consumo interno pelas fabricas de tecidos explica, em parte, o menor volume dessa exportação annual, quando as safras são vultosas, do mesmo modo que a maior produção das fabricas de oleo tambem justifica parcialmente essa irregularidade na exportação de caróços até em annos de maior abundancia. Só assim se comprehende ser, hoje, a exportação de caróços de algodão inferior em volume á de 1913, como se vê deste quadro:

Exportação de caróços de algodão

Annos	Toneladas
1913	49.780
1915	10.107
1916	11.761
1917	22.882
1918	42.760
1919	22.648
1920	23.563
1921	24.472
1922	29.057
1923	27.107

De 1915 a 1923, dado o desconto que se faz mistér á quêda das exportações no periodo decorrente de 1915 a 1916 pela crise dos transportes, a Inglaterra continúa a occupar a primitiva posição nos mercados brasileiros de exportação desse producto, importando só ella quasi toda a materia prima de nossas colheitas, não aproveitada pelas fabricas nacionaes para extracção do respectivo oleo. As exportações feitas aos demais paizes são tão insignificantes que, geralmente, figuram nas nossas estatisticas sob a rubrica — Diversos — como se vê do quadro que organizámos abaixo:

Exportação, por destino

Paizes	Toneladas			
	1913	1916	1921	1922
Allemanha	389	—	—	—
Argentina	—	—	—	—
Estados Unidos	543	—	—	—
Grã-Bretanha	48.845	11.761	24.365	24.295
Hespanha	—	—	—	—
Portugal	—	—	—	—
Uruguay	—	—	—	—
Chile	—	—	—	4.119
Diversos	—	—	107	642

E', por consequencia, a Grã-Bretanha excellente mercado para o caroço de algodão do Brasil que não possa ser aproveitado nas fabricas de oleo do paiz e tal é o desenvolvimento dessa industria na Inglaterra e a procura de materia prima para o seu consumo que, apezar das grandes acquisições que annualmente se fazem pelos portos inglezes, ha sempre collocação para maiores massas desse sub-producto, cujas cotações, em geral, são muito boas.

São indicadores seguros da relevancia desse commercio na Inglaterra o volume das importações annuaes e o valor que nellas se empregam. Em 1922 a importação vae além de 480.000 toneladas de caroços de algodão, sendo ainda maior no anno passado. Avalia-se em cerca de 500.000 toneladas annual-

mente a importação desse producto nos mercados inglezes. O maior exportador para a Grã-Bretanha é o Egypto, seguindo-se-lhe a India Ingleza. O Brasil, apesar de exportar toda a sua produção de caróços para a Inglaterra, não está nomeado na estatística official dos ultimos annos, e, de certo, se include na rubrica — Outros paizes — onde se consigna a cifra de 53.651 toneladas para os exportadores de pequenas parcelas.

O quadro seguinte demonstra essa importação na Grã-Bretanha:

Importação de caróços de algodão na Inglaterra

Procedencia	Toneladas	
	1922	1923
Egypto	282.818	338.376
India Ingleza	136.928	151.538
Outros paizes	64.177	53.651
Total	<u>483.923</u>	<u>543.565</u>

O preço, entretanto, do caroço de algodão importado do Brasil, como tive occasião de verificar em Liverpool, não é igual ao que se paga pelo de outras procedencias; é inferior, ocasionando essa desigualdade de cotações o facto de não serem bem limpas de fibra as sementes exportadas. As grandes usinas preferem a semente chamada — *preta* — isto é, a que não apresenta vestigios de fibras, relegando para plano inferior a que não se acha bem limpa e por isso aquella é melhor cotada do que esta.

Os exportadores brasileiros, remettendo para o exterior, como commumente se faz, sementes mal tratadas, mal limpas e murchas, teem dous prejuizos: o resultante da cotação inferior dessas sementes em confronto com as *pretas* e o que se origina da perda da propria fibra que vae adherida aos caróços (linters) e que em maiores partidas representa muitos kilos.

Dá logar tambem á desvalorização desse producto, quando de procedencia brasileira, a circumstancia de se encontrar, com frequencia, grande parte dos caróços importados muito resequi-

dos, diminuída por esse motivo a sua percentagem de óleo, o que devemos attribuir ao systema de conserval-os, durante longo periodo, em armazens, barracões e depositos sem ventilação, cobertos de zinco, particularmente nos Estados do Norte, onde o clima é mais secco e quente. Essa circumstancia ocasiona a desvalorização commercial do producto nas praças estrangeiras.

Tratando disso escreve o Dr. Dario Freire, em junho deste anno e em Liverpool, onde exercia as funcções de consul do Brasil — «Sementes fermentadas, ou sementes ainda cobertas de algodão, incluídas nos carregamentos que para aqui nos são remettidos, dão ensejo a queixas e reclamações dos compradores e a compensações e grandes descontos.

«E' da maxima importancia — accerscenta ainda — empregar-se bõa saccaria no transporte do producto para evitar que as sementes se derramem, porque, apanhadas depois e de novo mettidas nos saccos, se apresentam misturadas com impurezas, areia e cisco, sendo por isso rejeitadas por quem as encommenda e vendidas a preços infimos.»

Está, pois, em nossas mãos manter com segurança os mercados inglezes para a exportação de toda a semente de algodão de que dispuzermos e isso só depende de maior cuidado no descarregar os capulhos, aproveitando-se toda a fibra para deixar os caróços completamente limpos e manter em logares arejados as sementes aproveitadas, dando-lhes acondicionamento adequado ao transporte no paiz e ao embarque por mar até o porto de destino.

A França e a Allemanha, ao inverso do que se passa com a Inglaterra, importam pouco caróços de algodão, sendo a importação da França muito menor do que a da Allemanha. Nos dous ultimos annos as importações dos mercados francezes se retrahiram bastante, sendo a diminuição verificada em o anno transacto de mais de metade da do anterior.

Quanto á procedencia, como já vimos, o Brasil não figura entre os paizes que exportam esse producto para a França; em 1922 toda a exportação foi do Egypto. No anno passado a sua procedencia figura com cifras muito reduzidas. O quadro que damos adeante indica a importação de sementes de algodão nos mercados francezes por procedencia.

Importação de caroços de algodão em França

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Egypto	1.545.100	6.700
Outros paizes	707.400	924.600
Total	2.252.500	931.300

Os mercados da Allemanha são mais movimentados. A entrada de caróços de algodão pelos portos allemães tende a crescer e embora não figure o Brasil como exportador desse producto para aquelle destino, tudo nos leva a crêr na possibilidade de encaminharmos para alli nova corrente de exportação. Importando a Allemanha em 1913 cerca de 400 toneladas, poderá reatar com os portos brasileiros esse commercio interrompido pela guerra. O quadro seguinte indica a importação na Allemanha, por origem, nos dous ultimos annos:

Importação de caroços de algodão na Allemanha

Procedencia	Kilos	
	1922	1923
Egypto	17.176.900	21.680.300
India Ingleza	954.000	3.100
Outros paizes	1.281.900	404.500
Total	19.412.800	22.087.900

CASTANHAS

São as castanhas do Pará um dos mais antigos productos exportados pelo Brasil e do qual é, exportadora unica a Amazonia, onde é nativa. Em 1913 a exportação de castanhas já attingia a 4.113 toneladas, enviadas exclusivamente para os Estados Unidos e para a Grã-Bretanha, que é, desde então e ainda hoje, a maior importadora deste fructo oleaginoso, como o é do caroço de algodão, embora não o seja, na mesma escala, do babassú, uma das mais ricas em oleo entre todas as que se encontram em nosso sólo. Durante o decennio de 1913 a 1923 tem augmentado sempre a exportação de castanhas, a qual, entretanto, apresenta, de vez em quando, oscillações muito sensiveis. O quadro seguinte demonstra a exportação geral do producto nos ultimos annos:

Exportação de castanhas

Annos	Toneladas
1913	4.113
1915	7.610
1916	9.882
1917	16.057
1918	6.749
1919	24.997
1920	9.279
1921	22.148
1922	34.575
1923	23.443

Das industrias extractivias da Amazonia, esta é a que apresenta maior desenvolvimento de exportações, pois, como sa-

bemos, a da borracha e a do cacão declinaram extraordinariamente nos ultimos annos. Em 1918, como em 1920 e ainda hoje, essa progressiva corrente de exportação se bifurca para a Grã-Bretanha e para os Estados Unidos. A França, que em 1913 apparece com a importação reduzidissima de 10 toneladas, importa 200 em 1918 e já não apparece nos annos subsequentes até 1923. A Allemanha, ao contrario, que em 1913 importava 279 toneladas, resurge em 1921 com 280 e ainda com 997 em 1922. Em o anno transacto, porém, diminue essa corrente de importação do Brasil, como aconteceu com a de outros productos brasileiros.

Exportação de castanhas para a Allemanha

Annos	Toneladas	Valor
1913	279	179:772\$000
1920	12	17:471\$000
1921	279	293:108\$000
1922	997	1.067:490\$000
1923	462	1.023:000\$000

Do que acima referimos, comparando as estatisticas de exportação do Brasil, infere-se ser a Inglaterra o mercado mais valioso e constante na Europa para as castanhas do Pará, embora a Allemanha possa vir a ser importadora de maiores quantidades. O quadro seguinte indica as importações da Grã-Bretanha durante o ultimo decennio:

Exportação para a Inglaterra

Annos	Toneladas	Valor
1913	2.024	1.167:000\$000
1915	3.822	1.895:000\$000
1916	3.413	2.457:000\$000
1917	2.276	1.291:000\$000
1918	1.425	1.171:000\$000
1919	9.797	7.487:000\$000
1920	3.405	4.830:000\$000
1921	7.518	8.808:000\$000
1922	15.046	16.036:000\$000
1923	8.030	14.908:000\$000

A posição que em 1915 occupavam os Estados Unidos nesse commercio de importação no Brasil, ainda occupam actualmente, sendo hoje a nossa exportação para os mercados americanos muito mais elevada do que a da Grã-Bretanha que, como já verificamos acima, é a maior importadora de castanhas da Amazonia em toda a Europa. Em 1922 a Inglaterra importa do Brasil 15.046 toneladas e os Estados Unidos 18.425.

BABASSÚ

Não figura em 1913 em as nossas estatísticas de exportação essa oleaginosa, quando já era avultada a das castanhas do Pará e a do caroço de algodão e em menor quantidade a dos coquilhos de piassava, embarcados na Bahia, com destino á França e Allemanha. De 1915 em diante, essa exportação de coquilhos de piassava declina muito para ser substituída pela do babassú, riquíssimo em óleo e de grande aproveitabilidade em diferentes mistéres, inclusive para preparo de manteiga, de que, actualmente, se faz enorme consumo na Allemanha. Já nesse anno de 1915 são exportadas pelas praças do Maranhão e Ilha do Cajueiro 4.256 toneladas de babassú. Em 1918 essa exportação sobe a 6.309 toneladas, a 11.003 em 1919, a 21.958 em 1922 e ainda a 35.281 em 1923. O quadro seguinte elucida o caso:

Exportação de babassú (*)

Annos	Toneladas
1915	4.323
1918	6.309
1919	11.003
1920	6.581
1921	7.282
1922	21.958
1923	35.281

(*) Em as cifras de 1915 estão incluídas sessenta e tantas toneladas de coquilhos de piassava, exportados pela Bahia. De 1918 em diante toda a exportação é só de babassú. A de coquilhos de piassava é relativamente muito pequena; quasi desaparece.

Estudando-se essa exportação desde o seu inicio, pelos mercados de destino, verificaremos que o maior volume se dirige sempre para a Inglaterra e essa corrente é continua e crescente até 1919, quando de nossa exportação total, representada por 11.003 toneladas, cabem a esse paiz 5.719. De 1920 em diante e até o anno transacto diminuiu muito esse commercio com a Grã-Bretanha, que só nos compra 428 toneladas em 1922 e 634 em 1923. Em 1921 a Allemanha toma o lugar da Grã-Bretanha e importa 4.133 toneladas, 14.594 em 1922 e ainda 26.140 em o anno passado. A Hollanda e a Belgica tambem, desde 1919, são compradoras de habassú, chegando a importar a primeira 3.243 toneladas e a segunda 1.099 nesse anno; em 1922 a Belgica importa 169 toneladas, mas a Hollanda eleva as cifras de sua importação a 5.212.

Dos tres paizes, cujas correntes de importação quanto ao Brasil procuramos estudar, a Allemanha, a França e a Inglaterra, só esta e a Allemanha até 1922 occupam posição de relevancia nesse commercio, pois as importações da França jámais ultrapassaram a cifra de 60 toneladas annualmente. Em o anno passado, porém, a França importa 340 toneladas, podendo-se esperar que esse paiz alargue as sua acquisições de habassú. Os quadros seguintes explicam melhor:

Exportação em toneladas para a França, Inglaterra e Allemanha

	Toneladas
1915:	
Allemanha	—
França	67
Inglaterra	4.026
1916:	
Allemanha	—
Inglaterra	1.798
França	40
1917:	
Allemanha	—
Inglaterra	1.831
França	—

1918:		
Allemanha		3.851
Inglaterra		—
França		—
1919:		
Allemanha		5.719
Inglaterra		—
França		—
1920:		
Allemanha		434
Inglaterra		—
França		—
1921:		
Allemanha		4.133
Inglaterra		1.574
França		—
1922:		
Allemanha		14.594
Inglaterra		428
França		—
1923:		
Allemanha		26.140
Inglaterra		634
França		340

Exportação de babassú em 1923

Destino	Kilos	Valor
Allemanha	26.140.912	20.001:233\$000
Belgica	713.515	516:422\$000
Dinamarca	6.265.580	5.216:232\$000
França	340.776	256.101\$000
Inglaterra	634.818	460:142\$000
Hollanda	865.213	613:358\$000
Noruega	302.346	234:318\$000
Total	<u>35.263.160</u>	<u>27.297:806\$000</u>

Do confronto destes algarismos podemos inferir que só o mercado da Allemanha está absorvendo as exportações brasileiras de côco babassú, restringido muito o da Inglaterra, para onde, entretanto, ainda se dirige vultosa corrente de outras oleaginosas indigenas. O babassú é aproveitado na Allemanha para a extracção de oleo e principalmente no fabrico de manteiga, hoje muito consumida em todas as cidades daquelle paiz. Tivemos ensejo de provar em Berlim esse producto e achamo-lo toleravel e como essa manteiga, assim preparada, é mais barata do que a manteiga pura de leite, começou a ter grande acceitação no seio de todas as classes menos favorecidas de recursos, sendo servida até em pensões e hotéis de mediana freguezia.

Accentuado o desenvolvimento que para esse mistér vae tomando o consumo do babassú, não será temeridade affirmar que o mercado allemão tende a alargar-se para as nossas exportações. O caso da Inglaterra, todavia, demanda explicação, até agora não encontrada, por isso que, importado aquelle paiz em quantidades tão avultadas essa oleaginosa do Brasil, como se deu em 1919, diminue bruscamente a sua importação nos annos seguintes, reduzida a 134 toneladas apenas em o anno passado.

Tem a Inglaterra prospera e desenvolvida industria de oleos, margarina e manteiga, importando para isso grandes partidas de materia prima indispensavel ao seu consumo e nenhum dos productos que importa para esse fim dá rendimento mais vantajoso do que o babassú, como se vê das respectivas analyses.

Os mercados da França que até 1922 não importam babassú do Brasil são, no emtanto, importadores de grandes massas de materia prima destinada ao fabrico de oleos, sabão, tonicos e outros preparados em que entram as gorduras vegetaes e por isso e ainda pela riqueza que offerece em oleo o babassú, deveriam preferil-o a outras muitas oleaginosas para o consumo de sua movimentada industria.

A proposito escreve o nosso consul em Marselha: (*)

«Muitos generos brasileiros teriam facil collocação no mercado marselhez si houvesse um certo esforço de propa-

(*) Relatório apresentado em abril deste anno ao Ministerio das Relações Exteriores.

ganda e de iniciativa da parte dos exportadores. As substancias oleaginosas apparecem raramente e em quantidade diminuta no resumo da importação pelo grande porto do sul da França, onde aliás estão estabelecidas as maiores fabricas de sabão e outros productos, fornecedoras de todo o paiz e de grande parte das colonias francezas.

Só agora alguns negociantes de Marselha, por informações *colhidas* em revistas estrangeiras de especialidades, commecam a interessar-se pela importação do côco babassú com o fim de empregal-o na fabricação de sabão e em concorrência com outras sementes oleaginosas, cujos preços augmentam sempre nos ultimos tempos.»

A exportação do anno passado para a França parece ser o fruto dessa iniciativa, que, pelos motivos acima expostos, promette resultados proveitosissimos.

O retrahimento dos mercados inglezes, depois de se terem criado as primeiras correntes desse commercio para a Inglaterra e a pequena exportação que só agora iniciamos para a França, onde aliás a adiantadissima industria franceza poderá utilizal-o com vantagem, desafiam a nossa solicitude no sentido de se avolumar, de novo, para aquelle paiz a corrente de exportação, hoje enfraquecida, e encaminhar para este correntes mais volumosas desse producto.

MAMONA

Não exportava o Brasil, sinão em quantidades muito limitadas, a baga de mamona, nativa no paiz e quasi toda aproveitada, até então, para o fabrico de oleo em alguns Estados da Republica. Em 1913 essa exportação se resumia em 31 toneladas com destino á Inglaterra, Portugal e Allemanha, tudo de procedencia do Maranhão, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro, como se vê deste quadro:

Exportação, por origem, em 1913

Portos	Kilos	Valor
Maranhão	16.850	3:180\$000
Natal	9.851	3:172\$000
Rio de Janeiro	5.000	600\$000

Por destino, em 1913

Paizes	Kilos	Valor
Allemanha	590	115\$000
Inglaterra	25.111	6:237\$000
Portugal	5.000	600\$000

Avulta de modo extraordinario a exportação de mamona, a contar de 1917, quando é representada por 5.227 toneladas das quaes 4.692 se dirigem para os Estados Unidos. A França importa menos do que a Inglaterra, que adquire no Brasil 425 toneladas. De 1919 a 1920 esse commercio com a Europa assume grandes proporções, declinando de 1921 em diante.

E' que naquelle periodo houve grande procura de oleo de mamona para differentes utilizações, principalmente para combustivel. O quadro seguinte demonstra o inicio dessa corrente de exportação, o seu movimento ascendente e o seu declinio neste decennio:

Exportação de bagas de mamona

Annos	Kilos	Valor
1913	31.701	6:952\$000
1915	234.374	53:823\$000
1916	947.023	315:796\$000
1917	5.227.396	2.427:773\$000
1918	4.066.258	2.761:610\$000
1919	23.777.382	10.602:161\$000
1920	21.980.461	7.309:564\$000
1921	14.394.588	4.966:016\$000
1922	4.270.352	2.138:168\$000
1923	7.673.024	5.240:161\$000

Os principaes importadores de mamona do Brasil foram a Allemanha, Portugal e a Inglaterra; a França só appareceu em 1917, importando menos do que a Grã-Bretanha; desaparece de 1919 em diante ou só importa tão pouco que não figura em as nossas estatisticas entre os paizes declarados. Em 1919 a Allemanha volta a importar do Brasil e dahi avante figura sempre, embora com algarismos muito variaveis. O quadro seguinte discrimina esse commercio com os tres paizes:

Exportação

Paizes	Kilos	Valor
1913:		
Allemanha	590	115\$000
França	—	—
Inglaterra	26.111	6:237\$000
1915:		
Allemanha	—	—
França	—	—
Inglaterra	3.526	860\$000

Paizes	Kilos	Valor
1916:		
Allemanha	—	—
França	—	—
Inglaterra	343.799	119:672\$000
1917:		
Allemanha	—	—
França	65.280	37:740\$000
Inglaterra	425.599	161:887\$000
1918:		
Allemanha	—	—
França	423.220	294.152\$000
Inglaterra	6.426	3:967\$000
1919:		
Allemanha	3.900	1:120\$000
França	—	—
Inglaterra	269.452	109:352\$000
1920:		
Allemanha	89.186	31:213\$000
França	—	—
Inglaterra	4.722.331	1.531:855\$000
1921:		
Allemanha	200	47\$000
França	—	—
Inglaterra	4.122.231	1.171:199\$000
1922:		
Allemanha	4.514	1:720\$000
França	—	—
Inglaterra	110.917	40:180\$000
1923:		
Allemanha	21.840	9:181\$000
França	—	—
Inglaterra	50.742	33:570\$000

De tudo isso se evidencia que a exportação de bagas de mamona, muito diminuta em 1913, tomou o seu maior desenvolvimento em 1920.

De 1920 em diante tem ido em declínio esse commercio, como se vê do quadro anteriormente transcripto. Dos tres países, cujas importações estudamos quanto a productos do Brasil, o que mais importa bagas de mamona, desde antes da guerra, é a Inglaterra, que chegou a importar 4.722 toneladas em 1920. As importações da França são descontinuas e as da Allemanha, depois que reatou o intercambio com os nossos portos, não tomam incremento de maior vulto.

E, pois, a Inglaterra para esse producto nacional um mercado que se nos apresenta muito favoravel, como já o é para o caroço de algodão, para as castanhas e outras oleaginosas de que fazemos largo commercio com o exterior.



Maior expansão commercial em França, na Inglaterra e na Allemanha

Do estudo anteriormente feito verifica-se que o commercio de exportação do Brasil para os mercados francezes, inglezes e allemães é hoje superior ao de 1913, notando-se apenas que os algarismos representativos das exportações para a França e Inglaterra duplicaram, ao passo que o augmento quanto á Allemanha é muito inferior. É o contrario do que se dava antes da guerra, quando á Allemanha cabia o primeiro lugar entre os maiores importadores na Europa, vindo em seguida a Inglaterra e depois a França nesta ordem:

Paizes	Valor papel	Valor # #
Allemanha	137.390:000\$	9.159.313
Inglaterra	129.350:000\$	8.623.309
França	119.887:000\$	7.992.442

Hoje, esta ordem está invertida, vindo em primeiro lugar a França, depois a Inglaterra e só depois a Allemanha, todos com os seguintes valores:

Paizes	Valor papel	Valor # #
França	409.708:000\$	9.084.397
Inglaterra	229.330:000\$	5.120.797
Allemanha	186.513:000\$	4.139.057

Alargam-se, portanto, os mercados da França, da Alemanha e da Inglaterra para os productos do Brasil e esse facto é tanto mais positivo quanto já se nota, nas correntes de exportação que se dirigem a esses destinos, uma certa firmeza indicadora de commercio regular e permanente. As exportações vultosas de alguns productos, realizadas durante a guerra, declinaram bastante, mas algumas se mantêm, com pronunciada tendencia de maior volume, compensando o *deficit* de umas o augmento de outras.

A Inglaterra, apesar do seu formidavel dominio colonial, que se estende por quatro continentes, pela Africa e pela Asia, pela Oceania e pela America, em zonas que se acham, sob a influencia dos mais variados climas, e por isso proporcionam á metropole os mais variados productos, sobretudo os tropicaes, ainda assim compra ao Brasil no anno passado 229.330:000\$, que, pela depreciação da moeda nacional, se reduzem a £ 5.120.797. Diminue sensivelmente a sua importação de café, cacáo e borracha, augmentando porém a de outros productos, entre os quaes se contam a banha, a carne, etc.

Crescem as exportações para a França de maneira es-pantosa, pois, sendo esse commercio representado por 257.449:000\$, em 1922, sóbe ao valor de 409.708:000\$ no anno transacto. A exportação de café eleva-se á cifra de 322.429:000\$, sendo bastante elevadas as que representam as suas importações de carnes, couros, algodão em rama, cacáo e assucar. O dominio colonial francez, para o qual agora se voltam com mais interesse as vistas do Governo, ainda não lhe proporeiona producção que prejudique, de modo aprecia-vel, a nossa exportação.

Desses tres grandes mercados, todavia, o mais auspicioso á producção brasileira é o da Alemanha, principalmente por-que, não dispendo de colonias como a Grã-Bretanha e a França, e tendo de attender ás exigencias de sua variadissima industria, só pela importação póde adquirir materia prima e productos de alimentação indispensaveis a uma população su-perior a 50.000.000 de habitantes. Importadora de grandes sommas de productos tropicaes, café, borracha e cacáo, a Alemanha ainda importa dos mercados brasileiros couros, fumo, arroz, carnes, algodão, banha e outros muitos productos que constituem correntes novas para os portos germanicos.

Pais extremamente industrial, com população muito densa e avultada e sendo, por condições especiaes, grande mercado reexportador para varias zonas do centro e do norte da Europa, a Allemanha, que já foi, como vimos, a maior praça importadora do Brasil antes da guerra e luta para reconquistar a sua antiga posição no intercambio mundial, offerece ao cacáo, ao fumo, ás carnes, á banha, aos couros, ao algodão e ás fructas de origem brasileira as maiores possibilidades.

São, desta fórma, a Inglaterra, a França e a Allemanha mercados magnificos para a variada produção brasileira, mercados conquistados e aos quaes já se encaminham as mais vultosas correntes da nossa exportação para a Europa. A luta da concorrência, porém, offerecida ao Brasil, em todos esses mercados, pela produção similar de outros paizes, nos obriga a cuidados especiaes quanto á natureza dos nossos productos, seu beneficiamento e classificação, não esquecendo praticas e usos commerciaes que se nos impõem para facilidade de nossa maior expansão economica.

Não raro negocios de vulto, auspiciosamente entabulados no exterior sobre productos nossos, fracassam por completo pela ausencia de agencias ou institutos de credito que facilitem as transacções, ou pelas exigencias dos exportadores quanto ao pagamento e á maneira de realizal-o, inteiramente fóra das praxes de ordinario estabelecidas em todos os outros mercados exportadores. Ha centenas de exemplos nesse sentido e taes casos são tanto mais prejudiciaes aos nossos interesses economicos quanto não temos commercio brasileiro nas grandes praças para as quaes exportamos, em maior volume, todos os artigos da nossa produção.

Constituindo o café, as carnes, os couros, as pelles, o as-sucar, o algodão, o fumo, e o cacáo correntes tão volumosas de exportação, representativas de tantos milhares de contos, principalmente o café, toda essa formidavel massa de produção, na sua generalidade, é recebida nos mercados importadores por casas estrangeiras e só por ellas auferidos os lucros decorrentes de todo esse commercio, representado por 3.297.033:000\$000. E' o contrario do que commummente se dá com a produção industrial ou agricola de todos os demais paizes exportadores, que estabelecem nos grandes mercados

de importação e consumo as suas agencias e filiaes ao lado do commercio do proprio paiz.

Serve de exemplo o elevado numero de casas estrangeiras, agencias, correspondentes e interessados de toda a ordem, americanos, inglezes, francezes, allemães, italianos, portuguezes, etc., que, sobretudo nesta capital e nas maiores cidades dos Estados, exercem o commercio de importação dos productos de agricultura e artigos manufacturados de seus paizes, defendendo-lhes os interesses e concorrendo, nos nossos proprios mercados, para garantir-lhes o mais vasto consumo. E o que se vê no Brasil, vê-se em toda a parte, na Allemanha, França, Inglaterra, Italia, Hollanda, Belgica, etc.

Essa circumstancia deixa a producção nacional sem defesa nos mercados do exterior, onde cada vez é mais intensa a luta da concurrencia pelo augmento da producção tropical, embora tambem cresçam sobremaneira as exigencias do consumo, maximé quanto a materias primas, devendo vencer nessa luta os que apresentarem similares bem preparados e de boa apparencia. Infelizmente, sob esse ponto de vista, toda a grande massa de nossas exportações é constituida por productos que, intrinsicamente magnificos, carecem de bom preparo e melhor beneficiamento. Dahi a inferioridade de suas cotações em confronto com os de outras procedencias em todos os mercados estrangeiros.

Exportamos annualmente café em quantidade tres vezes maior do que todos os demais productores, mas no seu maior volume as suas cotações no exterior são inferiores ás do artigo de outras origens como Guatemala, Mexico e Ceylão; sendo o segundo productor do cacáo no mundo, não logramos obter para o producto de nossas colheitas os preços por que se vendem, nos centros de consumo, os de Venezuela, Mexico e Colombia.

E' afamado o algodão do norte do Brasil pelo comprimento e resistencia de sua fibra nos grandes centros industriaes da Europa; o seu cultivo, porém, e o seu beneficiamento são de tal maneira praticados nas zonas productoras que, apesar de todas as suas excellencias, não logra mais altas cotações; de fumo temos uma producção que se póde ampliar extraordinariamente em regiões onde será possivel produzir as mais finas qualidades e o nosso fumo, á falta de cuidados indis-

pensaveis na cultura e no beneficiamento, perde-se no meio da producção mediana de outras procedencias e com ella se mistura para cotar-se por preços inferiores.

Da borracha tivemos o monopolio e perdemos-o; agora, até da superioridade do producto pelas suas qualidades intrinsecas, apesar de seu máo aspecto, vamos sendo privados pela concorrência do Oriente, hoje mais temerosa ainda do que hontem, pela introdução, nas grandes culturas da Asia, do processo de defumar, a que se tem attribuido a excellencia da seringa amazonica. E o que se diz do café, da borracha, do algodão, do fumo, do cacáo, etc. — diz-se de todos os outros productos agricolas, que cultivamos sem maiores cuidados e exportamos sem o indispensavel beneficiamento.

A agricultura no Brasil, em sua generalidade, tem sido exercida á simples lei da natureza, sem o auxilio valioso e indispensavel das praticas e conselhos que, por variados modos, a sciencia experimenta, ensina e diffunde em toda a parte, para augmentar-lhe a productividade, combater e prevenir os differentes males que a atacam e damnificam, pois é de hontem a criação do Ministerio a cuja directriz deve obedecer a producção nacional. Sem orientação scientifica, sem capital e outros recursos de que as culturas modernas não podem prescindir, é até para admirar o surto espantoso que lograram alcançar entre nós alguns ramos de exploração agricola. E' dessa falta de aparelhamento technico, industrial e economico que se deriva toda a inferioridade de nossa producção.

Não temos cultura industrializada em nenhum dos nossos maiores ramos agricolas, com excepção de poucas empresas de café de S. Paulo; a do algodão, fumo, cacáo e tantas outras são, em sua maior parte, culturas de pequenos agricultores, *lavouira do pobre*, como se diz no interior dos Estados do norte, onde ellas separadamente mais se desenvolvem. Faltam-lhes industrialização, direcção intelligente e technica e capitães abundantes que só as grandes empresas podem proporcionar e é essa a causa de nossa posição inferior em confronto com outros paizes productores, geographica e politicamente menos importantes do que o Brasil.

Em toda a parte as grandes culturas, mesmo no dominio colonial da França, Inglaterra, Hollanda e Hespanha, são explo-

radas por companhias e empresas que dispõem de avultados capitães e por isso podem imprimir á exploração a que se dedicam o maior desenvolvimento sob todos os pontos de vista. E' a borracha, no Oriente, explorada pela Inglaterra e pela Hollanda; é o café, a banana, o fumo, o cacáo e muitas especiarias cultivadas nas colonias da Africa e da Asia. Em todos os dominios dos grandes paizes a producção agricola, em seu maior volume, está industrializada e é essa industrialização que falta á agricultura do Brasil.

Não se trata de um mal de momento para o qual se exija tambem simples providencia de occasião; o mal é antigo, tem raizes mais profundas, ha sido completamente descurado e por isso requer a pratica de um conjunto de medidas permanentes, complexas e definitivas. Umas são de natureza exclusivamente agricola e economica, outras particularmente commercial. Umas gyram no dominio exclusivo dos Estados productores; outras na alçada da União e outras ainda na esphera da União e dos Estados e todas podem ser resumidas nesta formula — *Preparar a producção para exportar.*

Esta summula comprehende tudo, desde a acção efficiente e continua das Estações Experimentaes quanto a cultivo e colheita, até o auxilio de credito accessivel aos agricultores para o manejo das culturas e beneficiamento do producto; desde o augmento e barateza dos meios de transporte e a modicidade dos impostos até a classificação do producto em typos commerciaes de exportação, conforme as suas qualidades intrinsecas e requisitos exteriores. Só pela offerta continua de um producto bom, bem preparado e de boa apparencia poderemos alargar os mercados a que já concorremos na França, Allemanha e Inglaterra, com possibilidade de preços mais remuneradores e conquistar os demais, onde a producção brasileira já chega para ser consumida, mas sem vestigio algum de sua origem.

Deante da formidavel concurrencia opposta á producção nacional pelcos similares de outras procedencias e na ausçencia de casas importadoras, tambem nacionaes, nos mercados a que ella afflue, é de myster, a bem dos interesses da nossa economia, não só amparal-a no embate com os demais concorrentes, como tambem desenvolver a seu favor a mais intensa e

habil propaganda, armas de que se vão servindo os nossos competidores com incontestavel habilidade.

Tem o Brasil essa preocupação, embora não seguindo sempre a mesma directriz. Iniciamos sob o dominio republicano os nossos serviços de propaganda no exterior pelo envio á Europa de uma commissão especial; depois substituímos-a por varios Escriptorios de Informações e ultimamente entregamos esse encargo ás embaixadas, legações e aos consulados, sem se ter creado no paiz um orgão central, base de todo esse serviço como centro receptor e irradiador de informes e noticias.

Incontestavelmente de tudo isso tem colhido o paiz alguns resultados, pois da semente tão largamente espalhada alguma, de certo, germina e fructifica, mas são resultados lentos, demorados e ephemeros que não passam de ensaios sem continuidade e consistencia. Sem continuidade e sem consistencia porque, quando, attendendo aos reclamos do propagandista, á belleza das amostras e ao chamariz dos annuncios, se inicia por casas estrangeiras a importação de certos productos nossos, precedidos de taes referencias, essa corrente commercial logo declina, ou por falta de producção sufficiente para exportar, ou por culpa dos exportadores que não satisfazem as encomendas a contento dos importadores. E' o caso da banha, dos cereaes, das fibras, dos doces, dos oleos e de tantos outros productos em torno dos quaes gyram, de continuo, reclamações e queixas nas praças do exterior.

Occasiona tudo isso a carencia de organização commercial e a falta de preparo da producção para exportar. «Essa razão, escreve — o director dos Negocios Consulares e Comercio do Ministerio das Relações Exteriores — que militou contra a organização de uma exposição maritimo-commercial, é a mesma que formalmente apresentámos sempre contra a exhibição de mostruarios nos consulados brasileiros. Realizal-a equivaleria a nos expormos a um malogro agora e para sempre. Os consumidores que, fiados em um mostruario, dessem encomendas dos artigos nelle expostos e não fossem attendidos ou recebessem, em troca das encomendas, productos diversos do que viram expostos, jámais se abalançariam, de novo, a repetil-as e acabariam não acreditando, no futuro, em taes mostruarios, embora já estivessemos então habilitados a lhes satisfazer as exigencias e o gosto.»

Agora que todos os defeitos e lacunas que difficultam a nossa maior expansão no exterior são sobejamente conhecidos e vulgarizados e podemos ir melhorando a produção exportável, dando-lhe melhor apparencia e a indispensavel classificação commercial, que facilite as compras e vendas nos grandes mercados de consumo, já é tempo de cuidarmos mais porfiadamente da defesa de nossas productos e de sua propaganda no estrangeiro, para maior expansão economica do paiz nos grandes mercados importadores.

A situação em que se encontra a nossa propaganda no exterior é lamentavel porque não a temos. Os consulados, a que se pretende entregar essa incumbencia, não podem desempenhal-a porque, ou a praça em que serve o consul é muito movimentada e nesse caso o trabalho de propaganda é prejudicado, ou carece desse movimento e nesse caso a propaganda é inutil. E' isso mesmo o que nos affirma o Dr. Rabello Braga, consul do Brasil em Montreal.

« Que se pensasse em reduzir a pesada tarefa, que tem um consul, eu estaria de accôrdo. Augmentar os encargos que já temos e de que não podemos dar conta, em virtude da organização consular vigente, é que não é possivel. E' bastante vêr a legislação consular actual, para se ter uma idéa do quanto é arduo o trabalho de um consul — quando esse trabalho, como tudo neste mundo, é tomado a sério. » (*)

Os consulados e addidos commerciaes do Brasil, nas grandes praças do exterior, podem, de facto, auxiliar consideravelmente a propaganda dos productos do nosso paiz perante o commercio importador local, dando-lhe informações quando solicitadas e guiando-o no sentido de entabolar relações mercantis com firmas exportadoras no Brasil, mas os resultados disso são demoradissimos e incertos, porque, não havendo casas brasileiras alli localizadas ou agentes dellas, pouco vale dizer aos quatro ventos que o café, o cacáo, a borracha, o fumo, os cereaes, as madeiras e outros tantos productos nossos são os melhores do mundo.

Casas estrangeiras, já afreguezadas nas praças de onde costumam importar productos similares aos nossos, com inte-

(*) Relatório apresentado ao Ministerio do Exterior, publicado no *Boletim Commercial do Brasil*, n. 16, abril de 1924.

resses já consolidados e relações mais ou menos estreitas, não se abalançam, com facilidade, a tentar transacções novas em meio commercial desconhecido, abandonando antigos freguezes, em uma tentativa de resultados problematicos, dadas as condições em que, na sua generalidade, se encontra a nossa producção.

E' exacto que a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, etc. . . . não dispõem de outros elementos officiaes, para auxiliar a propaganda do seu commercio nas praças do exterior, senão de addidos commerciaes e dos próprios consulados; mas aqui, como em todos os grandes centros de importação, esses paizes teem casas de sua nacionalidade, agencias e firmas importadoras, limitando-se a acção dos addidos e consulados a assessorial-as, ao mesmo tempo que são órgãos informantes, para os seus paizes, de tudo quanto possa interessar ao respectivo commercio.

O nosso caso é differente, porque, não havendo em nenhuma das grandes praças importadoras da producção indigena casas brasileiras, filiaes, agentes e commissarios de firmas exportadoras do Brasil, por cuja conta corra a defesa dos nossos productos e a sua propaganda no sentido de se lhe augmentar a importação, mister se faz não esperar que as necessidades do consumo interno de cada paiz os levem a procurar os nossos mercados, quando é grande a concurrencia por parte dos outros e mais activa a propaganda que todos promovem a favor dos interesses da sua producção.

Confiar, entretanto, esse encargo a agentes officiaes, isolados do contacto e da influencia do proprio commercio importador, a escriptorios de informações, na ausencia de casas brasileiras e firmas exportadoras do Brasil, é correr atrás de uma chimera, pois nullos ou quasi nullos serão os fructos de tal propaganda por mais copiosos que sejam os mostruarios de que dispuzerem estes agentes, e por mais retumbantes que possam ser os relamos com que pretendam desempenhar-se da commissão de que se investirem.

A extincção do escriptorio de Paris e de outros que o Brasil mantinha na Europa não merece os nossos applausos, mas não seria mais acertado, agora, criá-os outra vez para

encarregal-os da propaganda. Essa propaganda escancaradamente official, burocrática, nada produz de positivo, proveitoso e duradouro.

Mistér é, portanto, anunciar no exterior a possibilidade que os nossos mercados offerecem ás praças estrangeiras importadoras, promovendo a propaganda commercial de nossa producção, convenientemente melhorada, nos centros consumidores, pela apresentação dos productos bem preparados e de boa apparencia e essa propaganda só se nos affigura util, efficaz e benefica quando entregue aos cuidados e á direcção de casas ou firmas que, nas proprias praças de importação, exerçam o commercio dos productos que queremos propagar e por isso disponham de recursos para realizal-a com elementos de bom exito. E' offerecendo o producto em grandes massas, e não em pequenas amostras nos consulados e escriptorios, vendendo-o e divulgando por esse meio as suas melhores qualidades em confronto com o de outras origens, que poderemos ver, em tempo breve, augmentadas as correntes de nossa exportação para a França, Inglaterra e Allemanha, mercados tão promissores á producção do Brasil.

Para assumir os encargos dessa propaganda, enquanto não se criam nas praças do exterior filiaes ou casas independentes, importadoras de nossos productos, é mistér procurar firmas que, pela confiança e bom nome que desfructam no meio em que operam, possam desempenhar, a contento, a commissão que lhes devemos confiar e nessas condições não faltam, tanto na França, como na Allemanha e na Inglaterra, casas em condições excellentes.

Convergem para esses conceitos as mais abalizadas opiniões.—«A propaganda—escreve o Dr. Augusto Ramos (*)—deve ser cercada da maior discreção, de modo que o futuro consumidor que se visa conquistar, a todo instante, encontre em seu caminho os signaes da propaganda, mas, sem siquer lhe suspeitar a origem. De outro modo será uma propaganda suspeita, uma contra propaganda. Dahi decorre a necessidade de *operar-se por intermedio de casas commerciaes já conhe-*

(*) O Café. 1923 — Rio — pag. 424

cidas e que não appareçam, portanto, perante o publico, como meteoros de encommenda.»

«Insenso como sou, actualmente, á propaganda commercial do Brasil no exterior, feita pela burocracia ao envez de o ser pela iniciativa particular, pelo esforço de quem entende de commercio,—não tenho duvida em dizer que, depois do enorme sacrificio de dinheiro que fizessemos para criar a propaganda burocratica, as cousas continuariam no mesmo pé em que sempre se acharam, para chegarem depois ao lastimavel estado em que estão hoje.

«O tempo encarrega-se sempre de alterar e modificar as nossas idéas. A experiencia adquirida neste Consulado serviu-me de muito; é a ella que devo hoje pensar—como, aliás, está sendo pensado por muita gente no Brasil, inclusive diplomatas e consules — que *um serviço commercial* só deve ser executado *por commerciantes.*» (*)

Está feito, desta fórma, o julgamento do que tem sido e do que póde ser a propaganda do Brasil no exterior, pelos processos que até então temos adoptado. Nem o regimen de agentes e escriptorios de informações, transformados logo em secção burocratica, nem a acção exclusiva de embaixadas, legações e consulados, commettendo-se áquellas o exercicio de funcções contrarias á sua propria missão e a estes tarefa superior á capacidade de trabalho de seus funcionarios, poderão desenvolver, em prol da producção nacional, os beneficios resultados que só a propaganda commercial, executada em moldes commerciaes, por casas que tenham prestigio no meio em que operam, é capaz de conseguir.

A permanencia e renovação de mostruarios de productos brasileiros na séde de nossos consulados no estrangeiro, bem como o envio de publicações e livros de propaganda que se lhes deve fazer normalmente, para distribuição aos empenhados no conhecimento das cousas do Brasil, são de utilidade incontestavel, pois aos consulados, em as praças de grande movimento, affluem quotidianamente representantes do commercio e outros elementos, dentre os quaes alguns se podem interessar pelo intercambio com o nosso paiz.

(*) Relatorio do Consul Rabello Braga.

Decorre dahi que, embora confiando-se separadamente a propaganda de nossos principaes productos no exterior a firmas e casas que já operam, nos grandes centros de importação, com os generos cuja maior expansão desejamos promover, urge criar, no paiz e no Ministerio do Commercio, que é o da Agricultura e Industria, um centro coordenador de tudo quanto possa interessar ao nosso desenvolvimento economico no exterior e por intermedio do qual se estabeleça correspondencia activa e continua, não só com associações internacionais e casas de commercio estrangeiras, como tambem com os nossos addidos commerciaes e consulados a respeito desses assumptos. A criação desse orgão no Ministerio do Commercio poderá operar-se pela simples remodelação do actual Serviço de Informações, a quem já cabe, em parte e na deficiencia de seus recursos, o encargo dessas informações, dando-se-lhe os elementos de que precisar para a consecução do objectivo que se tem em vista.

Resumido tudo quanto havemos dito no correr deste estudo, que não peccará jamais pelo exaggero, concluímos affirmando, mais uma vez, o que, de ha muito, temos dito em artigos pela imprensa e em trabalhos desta natureza, quanto á maior expansão economica do Brasil no exterior e os meios mais efficazes de desenvolvê-la.

A' nossa grande produção exportada falta, em geral, bom preparo e melhor beneficiamento, o que se deve attribuir a defeitos de cultura e ausencia de organização commercial e industrial nos proprios campos de lavoura e praças de exportação.

O chamado beneficiamento que se dá a certos productos nossos, como o cacáo, não passa de mero processo de mesclar o que não presta com o que é bom, para fazer typos intermediarios que proporcionem maiores lucros á casa exportadora.

Verifica-se, por outro lado, que, com excepção do café já exportado sob a denominação de typos conhecidos, todos os mais productos o são sob marcas e classificações que desorientam em absoluto o commercio importador, não sendo mister rememorar, ainda uma vez, os defeitos e falhas que se lhes notam pela mistura habitual e pela falta de beneficiamento.

Assim, pois, precisa o Brasil para desenvolver a sua maior expansão economica, não só em França, Allemanha e Ingla-

terra, mas todos os demais paizes da Europa e da America, cujos mercados se mostram tão promissores á producção nacional:

1º, preparar, por culturas aperfeiçoadas e pelo beneficio, a producção para exportar;

2º, estabelecer typos commerciaes uniformes para exportação dos productos;

3º, confiar a propaganda da producção nacional no exterior, separadamente, a casas commerciaes;

4º, criar no Ministerio do Commercio, que é o da Agricultura, um orgão orientador, dessa propaganda e em correspondencia directa com associações de commercio, adidos commerciaes e consulados no estrangeiro.